TARTARUGAS ATÉ LÁ EMBAIXO

JOHN GREEN

Autor de A culpa é das estrelas

intrínseca

“JOHN GREEN acerta ao abordar QUESTIONAMENTOS filosóficos de uma forma descompromissada.”
- THE INDEPENDENT

“John Green tem o tipo de TALENTO que faz você chegar à última página do livro como uma pessoa completamente diferente.”
- THE GUARDIAN

“GREEN É UM MESTRE DAS PALAVRAS.”
- KIRKUS REVIEWS

“A prosa de Green é IMPRESSIONANTE — de gírias a filosofias complexas e observações verdadeiras e devastadoras.”
SCHOOL LIBRARY JOURNAL

“O ESTILO DE GREEN é esplêndido, uma voz que combina PERFEITAMENTE com sua obra.”
BOOKLIST

TARTARUGAS ATÉ LÁ EMBAIXO

JOHN GREEN

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © 2017 by John Green
This edition published by arrangement with Dutton Books, a division of Penguin Young Readers Group, a member of Penguin Group (USA) LLC, a Penguin Random House Company.

TÍTULO ORIGINAL
Turtles All the Way Down

REVISÃO
Giu Alonso

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING
Antonio Rhoden | ô de casa

ARTE DE CAPA
Rodrigo Corral

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2017 by Sharon Bong e Cheryl Morris
Imagem criada por Sharon Bong, com base na arte original de Cheryl Morris

Citações retiradas de: *Ulysses*, James Joyce (Penguin Companhia, 2012); *Poemas*, W. B. Yeats (Art Editora, 1987); *Jane Eyre*, Charlotte Brontë (BestBolso, 2011), *O apanhador no campo de centeio*, J. D. Salinger (Editora do Autor, 2014); poema de Edna St. Vincent Millay retirado de *Histórias reunidas: uma peça*, Donald Margulies (UFPE, 2008); *Não sou ninguém: poemas*, Emily Dickinson (Unicamp, 2016); *A tempestade* (L&PM Pocket, 2013) e *Hamlet* (Universo dos Livros, 2017), William Shakespeare.

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0203-2

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Elogios
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça os outros títulos do autor
Leia também

Para Henry e Alice

“O homem pode fazer o que quer, mas não pode querer o que quer.”
— ARTHUR SCHOPENHAUER

UM

Quando me dei conta pela primeira vez de que eu talvez fosse fictícia, meus dias úteis eram passados numa escola na região norte da cidade de Indianápolis, chamada White River High School, onde forças maiores que eu — tão maiores que eu nem saberia por onde começar a identificá-las — delimitavam meu almoço a um intervalo de tempo determinado, entre 12h37 e 13h14. Se essas forças tivessem optado por um horário diferente, ou se meus colegas de mesa que ajudaram a escrever meu destino houvessem escolhido um assunto diferente para conversar naquele dia de setembro, minha história teria tido um fim diferente — ou ao menos um meio diferente. Mas eu estava começando a entender que a vida é uma história que contam sobre nós, não uma história que escolhemos contar.

A gente finge ser o autor, claro. Não tem outro jeito. Quando as entidades superiores fazem tocar aquele sinal monótono exatamente às 12h37, você pensa: *Agora eu decido ir almoçar*, mas na verdade é o sinal que decide. A gente acha que é o pintor, mas é a tela.

Centenas de vozes gritam uma mais alta que a outra no refeitório, formando uma conversa que é um mero ruído, águas de um rio correndo pelas pedras. Sentada sob a luz artificial que os cilindros fluorescentes jorravam sobre nós, eu pensava sobre a ilusão de sermos, cada um de nós, o herói de alguma epopeia pessoal, quando na verdade éramos basicamente organismos idênticos colonizando um vasto cômodo sem janelas que cheirava a desinfetante e fritura.

Eu estava comendo um sanduíche de manteiga de amendoim com mel e tomando um Dr Pepper. Para ser sincera, acho meio nojento todo o processo de mastigar plantas e animais e então empurrá-los esôfago abaixo. Por isso, estava tentando não pensar sobre a comida na minha boca, o que meio que já é pensar nisso.

Sentado à minha frente, Mychal Turner rabiscava num caderno de papel amarelo. Nossa mesa de almoço era como uma peça da Broadway em cartaz havia muito tempo: o elenco mudava ao longo dos anos, mas os papéis se mantinham. Mychal era O Artista. Ele estava conversando com Daisy Ramirez, que fazia o papel de Minha Melhor e Mais Destemida Amiga desde o ensino fundamental, mas o barulho no refeitório não me deixava acompanhar o papo

dos dois.

O meu papel naquela peça? Eu era A Coadjuvante. A Amiga de Daisy, ou A Filha da Professora Holmes. Sempre alguma coisa de alguém.

Senti o estômago entrar em ação e, mesmo com a algazarra das conversas à minha volta, *ouvi* quando meu sanduíche começou a ser digerido, todas as bactérias mastigando a pasta de amendoim — os alunos dentro de mim, comendo no meu refeitório interior. Um calafrio percorreu meu corpo.

— Você e ele não foram para o mesmo acampamento de férias uma vez? — perguntou Daisy.

— Ele quem?

— Davis Pickett.

— Sim — respondi. — Por quê?

— Você não estava ouvindo? — perguntou Daisy.

Estou ouvindo a cacofonia do meu aparelho digestivo, pensei. É claro que eu já estava cansada de saber que meu corpo servia de anfitrião para uma enorme coleção de organismos parasitas, mas preferia não ser lembrada disso. Em termos de número de células, os seres humanos são aproximadamente cinquenta por cento microbiais, ou seja, no mínimo metade das células que compõem nosso organismo não é realmente nossa. A quantidade de micróbios que moram no meu bioma particular é mil vezes maior do que toda a população humana, e não raro tenho a impressão de *senti-los* vivendo e se reproduzindo e morrendo dentro e em cima de mim. Sequei o suor das mãos na calça e tentei desacelerar a respiração. Tudo bem que tenho problemas de ansiedade, mas não vejo nada de irracional em ficar nervosa por saber que somos uma colônia de bactérias num invólucro de pele.

— O pai dele estava prestes a ser preso por suborno ou alguma coisa assim — explicou Mychal —, mas na véspera da operação policial o cara sumiu. Estão oferecendo cem mil dólares a quem ajudar a encontrá-lo.

— E você conhece o filho dele — lembrou Daisy.

— Conhecia — corrigi.

Daisy atacou com o garfo a fatia de pizza retangular e as vagens que constituíam o almoço oferecido pelo colégio naquele dia. Toda hora ela me lançava um olhar arregalado como quem cobra: *E aí, o que me diz?* Notei que ela estava esperando que eu perguntasse alguma coisa, mas eu não conseguia identificar o quê, porque meu estômago não ficava quieto de jeito nenhum, despertando em mim a desconfiança de que talvez eu tivesse contraído uma infecção parasitária.

Fiquei ouvindo, sem prestar muita atenção, Mychal explicar a Daisy seu mais recente projeto artístico, em que ele usava o Photoshop para reunir em um só

rosto a fisionomia de cem garotos chamados Mychal, criando assim um novo Mychal, o centésimo primeiro, que seria a combinação de todos os cem. A ideia era interessante e eu queria prestar atenção, mas o refeitório estava barulhento demais, e eu não conseguia parar de imaginar se havia algum desequilíbrio na minha flora microbial.

Ruído abdominal excessivo é um sintoma incomum, porém não inédito, de infecção causada pela bactéria *Clostridium difficile*, que pode ser fatal. Peguei meu celular e procurei "microbioma humano" na Wikipédia, para reler a introdução do artigo sobre os três trilhões de micro-organismos que no momento viviam dentro de mim. Cliquei no artigo sobre a *C. diff* e desci até o trecho que informava que a maior parte das contaminações pela *C. diff* ocorre em hospitais. Rolei a tela mais um pouco, até a lista de sintomas, nenhum dos quais eu apresentava, exceto os ruídos abdominais excessivos, embora eu soubesse, por pesquisas anteriores, do caso de uma pessoa que morreu de infecção pela *C. diff* depois de procurar um hospital em Cleveland reclamando apenas de dor abdominal e febre. Lembrei a mim mesma que não estava com febre, e meu eu tratou de responder: *Você AINDA não está com febre*.

No refeitório, onde permanecia uma parte cada vez menor da minha consciência, Daisy dizia a Mychal que o projeto não deveria ser sobre pessoas chamadas Mychal, mas sobre presos inocentados recentemente. "Seria até mais fácil", explicou ela, "já que todos os presos tiram fotos do mesmo ângulo quando são fichados. Aí o seu projeto não vai abordar só nomes, mas também etnias, classes sociais e a questão do encarceramento em massa", e Mychal falou assim, "Você é um gênio, Daisy", e ela respondeu, "Por que a surpresa?", e enquanto isso eu só pensava que, se metade das células no meu corpo não pertence ao meu corpo, isso não coloca em xeque todo o conceito de *eu* como pronome singular e, mais ainda, a noção do indivíduo como autor do próprio destino? Eu me sentia caindo, penetrando cada vez mais naquele buraco de minhoca recorrente, até me ver transportada de vez para fora da White River High School, para um lugar não sensorial que só as pessoas realmente malucas conseguem alcançar.

Desde pequena eu tenho a mania de apertar a ponta do dedo médio com a unha do polegar direito, o que me rendeu um calo esquisito bem na digital. Depois de tantos anos fazendo isso, consigo abrir um talho na pele com muita facilidade, então estou sempre com um band-aid no dedo para não infeccionar. Só que às vezes me vem o medo de que o corte *já esteja* infeccionado. Nesses momentos, concluo que preciso drená-lo, e que o único jeito de fazer isso é reabrir o corte e espremer o sangue. Depois que essa ideia surge, eu não consigo não fazer isso. Perdão pela dupla negativa, mas é uma verdadeira situação de negação em dobro, um dilema em que negar a negação é de fato a única

escapatória. Enfim: naquele momento, comecei a sentir a necessidade de forçar a unha do polegar na pele do dedo, e eu sabia que era mais ou menos inútil resistir, então escondi a mão embaixo da mesa, tirei o band-aid e cravei a unha do polegar na pele calejada do dedo médio até sentir o corte abrir.

— Holmes?

Era Daisy me chamando.

— Já estamos quase acabando de almoçar e você não falou nada sobre o meu cabelo.

Ela balançou a cabeça, exibindo as mechas tão vermelhas que eram quase rosa-pink. Ah, é. Ela tinha pintado o cabelo.

— Que ousado — foi o que consegui dizer, emergindo das profundezas.

— Não é!? É um cabelo que anuncia: "Senhoras e senhores e também os que não se identificam como senhoras nem como senhores, Daisy Ramirez não quebra promessas, mas vai partir seu coração."

O autoproclamado lema de Daisy era "Parta corações, mas não quebre promessas". Ela vivia ameaçando tatuar a frase no tornozelo quando fizesse dezoito anos.

Daisy voltou a atenção para Mychal novamente, e eu, para os meus pensamentos. Podia jurar que meu estômago estava roncando mais alto. Tive ânsia de vômito. Para alguém tão avessa a fluidos corporais, eu até que vomito bastante.

— Holmes, tá tudo bem? — perguntou Daisy.

Apenas acenei que sim. Às vezes eu não entendia como Daisy gostava de mim, ou sequer me aguentava. Não entendia como *alguém* podia me aguentar. Até eu me achava irritante.

Senti o suor brotando na testa; depois que eu começava a suar, não parava mais. Suava por horas, e não só no rosto e nas axilas. Meu pescoço suava. Meus peitos suavam. Minhas pernas suavam. Talvez eu estivesse, sim, com febre.

Por baixo da mesa, enfiei o band-aid usado no bolso, peguei um novo, abri sem nem precisar olhar e só então baixei os olhos para colocá-lo no dedo. O tempo todo eu inspirava pelo nariz e expirava pela boca, do jeito que a dra. Karen Singh tinha aconselhado, sempre soltando o ar num ritmo "que faria a chama de uma vela tremer, mas não apagar". "Imagine a chama da vela, Aza, oscilando por causa da sua respiração mas ainda acesa, sempre acesa." Tentei seguir a técnica, mas a espiral de pensamentos continuava a rodar e rodar, afunilando mais e mais. Podia ouvir a dra. Singh me dizendo para não pegar o celular, não pesquisar as mesmas dúvidas mil vezes, mas peguei o aparelho assim mesmo e reli o artigo sobre "microbioma humano".

A questão da espiral é que, se a seguimos, ela nunca termina. Só vai se

afunilando, infinitamente.

* * *

Fechei o saco plástico com o último pedaço do meu sanduíche, me levantei da mesa e joguei numa lixeira já transbordando. Ouvi uma voz atrás de mim.

— Devo ficar muito ou pouco preocupada por você não ter dito mais do que duas palavras seguidas o dia todo?

— Espiral — murmurei em resposta.

Daisy me conhecia desde os seis anos, tempo suficiente para entender o que eu queria dizer.

— Imaginei. Que droga. Vamos sair hoje.

Uma garota chamada Molly passou por nós sorrindo.

— Ah, Daisy, só para avisar: o Ki-suco que você usou no cabelo manchou sua blusa.

Daisy olhou para o ombro, e, realmente, a blusa dela estava rosa em algumas partes. Ela levou um susto, mas logo se recompôs.

— Faz parte do visual, Molly — respondeu ela. — Camisa manchada é a última moda em Paris. — E, dando as costas para a garota, voltou a se dirigir a mim: — Muito bem, então a gente fica na sua casa vendo *Star Wars: Rebels*.

Daisy era uma grande fã de *Star Wars*, e não apenas dos filmes, mas também dos livros, das animações e do desenho infantil em que todos os personagens são de Lego. Tão fã que escrevia fanfics sobre a vida amorosa do Chewbacca.

— Vamos melhorar seu humor até você conseguir falar uma frase de três ou mesmo quatro palavras. Que tal?

— Legal.

— E depois você pode me levar para o trabalho. Desculpa, é que eu preciso de uma carona.

— Tudo bem.

Eu queria dizer mais, só que os pensamentos, inoportunos, indesejados, não paravam de invadir minha mente. Se eu fosse a autora da minha história, teria parado de pensar sobre o meu microbioma. Teria dito a Daisy que a ideia dela para o projeto de Mychal era incrível e teria contado que me lembrava, sim, de Davis Pickett; que me lembrava de quando eu tinha onze anos e vivia com um vago porém constante medo de tudo. Teria contado que me lembrava daquela vez no acampamento, deitada ao lado dele no píer, as pernas pendendo da beirada, as costas coladas na madeira áspera, nós dois olhando para o céu limpo de verão. Teria contado que, mesmo na época, Davis e eu não conversávamos

muito, sequer nos olhávamos muito, mas que isso não importava, porque estávamos observando juntos o mesmo céu, o que, para mim, talvez seja mais íntimo do que contato visual. Qualquer um pode olhar para você, mas é muito raro encontrar quem veja o mesmo mundo que o seu.

DOIS

Eu já havia transpirado quase todo o meu medo, mas no caminho do refeitório até a aula de história não consegui me conter e peguei o celular para ler de novo a história de terror chamada “microbioma humano” na Wikipédia. Então ouvi minha mãe me gritar da porta da sala dela. Estava sentada à mesa de metal, com o nariz enfiado num livro. Apesar de ser professora de matemática, a leitura era sua grande paixão.

— Nada de celular no corredor, Aza!

Guardei o telefone e fui até ela. Restavam quatro minutos de almoço, tempo perfeito para uma conversa entre mãe e filha. Ao levantar o olhar do livro, ela deve ter percebido alguma coisa no meu rosto.

— Você está bem?

— Aham.

— Não está ansiosa?

Em algum momento, a dra. Singh orientara minha mãe a não perguntar se eu estava ansiosa, então ela reformulou a pergunta para torná-la mais sutil.

— Estou bem.

— Está tomando seu remédio — afirmou ela.

De novo, evitando perguntas diretas.

— Aham — respondi, o que, em linhas gerais, era verdade.

No primeiro ano do ensino médio, quando tive uma espécie de colapso nervoso, um médico me prescreveu um comprimido branco, que eu deveria tomar todo dia mas tomava umas três vezes por semana, em média.

— Estou achando você…

Suada, eu sabia que era isso que ela queria dizer.

— Mãe, você sabe quem decide o horário do almoço? Aqui na escola.

— Olha, não tenho a menor ideia. Provavelmente alguém da coordenação.

— Assim, por que trinta e sete minutos de almoço e não cinquenta? Ou vinte e dois? Ou qualquer outro número?

— Seu cérebro deve ser um lugar muito intenso — comentou ela.

— Só acho esquisito que esse intervalo seja decidido por alguém que eu não conheço e que eu precise adaptar minha vida a ele. Eu sigo a agenda de outras pessoas, entende? Pessoas a quem nem sequer fui apresentada.

— Sim… Bem, olhando por esse ângulo, e por muitos outros, as escolas americanas são bem parecidas com as prisões.

Arregalei os olhos.

— Ai, meu Deus, você tem toda razão, mãe! Os detectores de metal... Os muros altos…

— Os dois são lugares com gente demais e recursos de menos — continuou ela. — E nos dois há sirenes indicando o que fazer.

— E ninguém escolhe quando vai almoçar — acrescentei. — E as autoridades nas prisões são pessoas com sede de poder e corruptas, exatamente como os professores.

Ela me fuzilou com o olhar, mas logo começou a rir.

— Você vai direto para casa hoje?

— Vou. Depois vou deixar a Daisy no trabalho.

Minha mãe assentiu.

— Às vezes sinto falta de quando você era pequena, mas então me lembro daquelas atrações esquisitas do Chuck E. Cheese's.

— Ela está tentando juntar dinheiro para a faculdade.

Minha mãe voltou a se concentrar no livro.

— Sabe, se a gente morasse na Europa, não precisaria fazer tanto sacrifício para cursar uma universidade.

Já fui me preparando para ouvir de novo o discurso da minha mãe sobre os custos do ensino superior.

— Existem universidades públicas no Brasil. Em grande parte da Europa. Na China. Mas aqui querem cobrar *vinte e cinco mil dólares por ano*, e nem estou falando das mais caras. Eu mal acabei de pagar meu crédito universitário e daqui a pouco já vamos ter que fazer um novo para você.

— Ainda estou no segundo ano. Dá tempo de ganhar na loteria. E se isso não acontecer até lá, é só eu começar a vender metanfetamina.

Ela deu um sorriso cansado. Pagar minha faculdade era uma preocupação real para minha mãe.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou.

Confirmei mais uma vez, e na mesma hora as entidades superiores tocaram o sinal, me mandando para a aula de história.

* * *

Quando cheguei ao meu carro, depois da aula, Daisy já estava sentada no banco do carona. Tinha trocado a blusa manchada pela camisa polo vermelha do

uniforme do trabalho e estava com a mochila no colo, bebendo a caixinha de leite que vinha no almoço. Daisy era a única pessoa a quem eu confiava uma cópia da chave do Harold. Nem minha mãe tinha, só ela.

— Por favor, nada de comida dentro do Harold — pedi.

— Leite é bebida, não comida.

— Cara de pau.

Antes de seguirmos para minha casa, parei em frente à escola e esperei Daisy jogar fora a caixinha do leite.

* * *

Talvez você já tenha se apaixonado. Estou falando de amor de verdade, do tipo que minha avó descrevia recorrendo à Segunda Carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios, aquele amor gentil e paciente, que não tem inveja nem se enaltece, que tudo sofre, tudo crê e tudo suporta. Não sou de usar em vão a palavra que começa com A, dado que é um sentimento raro e precioso e que não deve ser banalizado. É possível levar uma vida feliz sem jamais conhecer o amor verdadeiro, o amor do livro de Coríntios, mas tive a sorte de encontrá-lo em Harold.

Harold era um Toyota Corolla de dezesseis anos, pintado de um turquesa brilhante e com um motor que zunia em ritmo constante, como se fosse seu imaculado coração metálico pulsando. Harold pertencia, antes, ao meu pai; foi ele quem o batizou, aliás. Minha mãe não quis vendê-lo, e por isso o carro ficou oito anos parado na garagem, até eu completar dezesseis anos.

Fazer o motor de Harold funcionar depois de tanto tempo me custou todos os quatrocentos dólares que eu tinha economizado ao longo da vida — mesadas, trocos que eu guardava quando minha mãe pedia que eu comprasse alguma coisa no mercado, empregos de férias no Subway, presentes de Natal dos meus avós. Assim, de certo modo, toda a minha existência culminava em Harold, ao menos financeiramente falando. E eu o amava. Sonhava com ele. Harold tinha um porta-malas extraordinariamente espaçoso, volante personalizado (enorme e todo branco) e o banco traseiro forrado de couro bege. Ele acelerava com a serenidade suave de um mestre zen-budista que sabe como é desnecessário fazer as coisas com pressa; seus freios guinchavam como os riffs de uma guitarra, e eu o amava.

Mas Harold não tinha bluetooth, nem um mísero CD player, ou seja, oferecia apenas três opções: 1) dirigir em silêncio; 2) ouvir rádio; ou 3) escutar o lado B da fita cassete do excelente álbum da Missy Elliott *So Addictive*, que, por não ser possível ejetar do toca-fitas, eu já tinha ouvido centenas de vezes.

No fim das contas, o sistema de som imperfeito de Harold veio a ser a última nota na melodia de coincidências que mudou minha vida.

* * *

Daisy e eu estávamos passando de uma estação de rádio para outra em busca de uma música da boy band que julgávamos brilhante e desvalorizada quando esbarramos numa notícia: "… Pickett Engenharia, construtora de Indianápolis que emprega mais de dez mil pessoas no mundo todo, foi hoje…" Minha mão já estava em movimento e teria trocado de estação mais uma vez se Daisy não tivesse me impedido.

— Era disso que eu estava falando com você! — exclamou ela.

E o rádio continuou: "… cem mil dólares de recompensa por alguma informação que leve ao paradeiro do CEO da empresa, Russell Pickett, desaparecido na noite anterior à data marcada para o cumprimento da ordem de prisão emitida pela operação policial encarregada da investigação de fraude e suborno. Pickett foi visto pela última vez em sua propriedade à beira do rio, no dia 8 de setembro. Quem tiver informações relacionadas ao caso deve ligar para o Departamento de Polícia local."

— Cem mil dólares — repetiu Daisy. — E *você conhece o filho dele*.

— Conhecia.

Por duas vezes seguidas, nas férias de verão do quinto e do sexto anos, Davis e eu fomos para o Camping da Depressão, nosso apelido para o Acampamento Spero, no condado de Brown, exclusivo para crianças que perderam um dos pais.

Afora o tempo que passamos lá, Davis e eu às vezes esbarrávamos um no outro pela cidade, porque ele morava logo depois de mim, seguindo o rio, mas na margem oposta. Minha mãe e eu morávamos no lado que de vez em quando alagava. Os Pickett moravam no lado que tem barreiras de contenção forçando a água na nossa direção.

— Ele nem deve se lembrar de mim.

— Todo mundo se lembra de você, Holmes — insistiu Daisy.

— Isso não foi…

— Não é um julgamento de valor. Não estou dizendo que você é muito boa ou muito generosa ou muito legal, só estou dizendo que é *memorável*.

— Faz anos que eu não vejo esse garoto.

Mas é claro que a gente não esquece quando vai brincar numa mansão que tem campo de golfe, piscina com quatro tobogãs, uma ilha e tudo o mais. Davis foi o mais próximo de uma celebridade que eu já conheci.

— Cem mil dólares — repetiu Daisy. Peguei a I-465, o cinturão rodoviário que contorna Indianápolis. — Eu ganho oito dólares e quarenta por hora para consertar máquinas de pinball no fliperama, enquanto tem uma bolada de cem mil esperando pela gente!

— Eu não diria exatamente "esperando pela gente". Sem contar que hoje eu tenho que ler sobre as consequências da varíola nas populações indígenas, então não vai dar mesmo para resolver o Caso do Bilionário Fugitivo.

Acelerei até a velocidade máxima. Eu nunca dirigia além do limite. Amava demais Harold para isso.

— Holmes, você conhece esse tal de Davis melhor que eu, portanto, como dizem os infalíveis rapazes da melhor boy band do mundo, *you're the one*! — Ela estava citando uma música chiclete que eu já não tinha mais idade para curtir mas curtia mesmo assim. — *Você é a escolhida!*

— Só não discordo de você porque essa música é realmente boa demais.

— Você é a es-co-lhi-da. *You're the one that I choose. The one I'll never lose. You're my forever. My stars. My sky. My air. It's you.*

Começamos a rir, e troquei a estação do rádio. Pensei que o assunto estivesse encerrado, mas então Daisy acessou a matéria do *Indianapolis Star* no celular e começou a ler para mim:

— "Russell Pickett, o controverso CEO e fundador da Pickett Engenharia, não estava em casa na manhã desta sexta-feira quando a polícia apareceu com um mandado de busca e apreensão e não foi visto desde então. O advogado de Pickett, Simon Morris, alega desconhecer o paradeiro do cliente, e o agente especial Dwight Allen declarou hoje, em entrevista coletiva, que não foi registrada nenhuma operação com os cartões de crédito em nome de Pickett, nem movimentação alguma em suas contas bancárias desde a véspera da ação policial." Blá-blá-blá… "Allen declarou também que, além da câmera no portão principal, não há câmeras de vigilância na propriedade. Segundo consta em uma cópia do relatório oficial da polícia, o qual o *Star* teve acesso, Pickett foi visto pela última vez por seus filhos, Davis e Noah, na noite de quinta-feira." Blá-blá-blá… "… a residência do empresário fica na rua 38… diversos processos… doações ao zoológico…", blá-blá-blá... "… ligar para a polícia se souber de alguma coisa…", blá-blá-blá… Ei, como assim não tem câmeras na propriedade? Que tipo de bilionário não tem um sistema de segurança?

— O tipo que não quer seus negócios duvidosos gravados.

Enquanto dirigia, fiquei remoendo a história na cabeça. Eu sabia que havia alguma ponta solta, mas não conseguia identificar qual. Até que me veio a lembrança de assustadores coiotes verdes de olhos brancos.

— Espera aí — falei. — Tinha uma câmera, sim. Não era de segurança, mas

Davis e o irmão instalaram uma daquelas de captura de movimentos no bosque, perto do rio. A câmera tinha visão noturna e registrava qualquer bicho que passasse por ali… cervos, coiotes, tudo.

— Holmes! Já sabemos por onde começar!

— E, por causa da câmera no portão da frente, ele não pode ter simplesmente saído de carro por ali. Quer dizer, ou Pickett escalou o muro da própria casa ou atravessou o bosque na direção do rio e foi embora por ali, concorda?

— Sim…

— Então, ele pode ter sido flagrado perto do rio. Quer dizer, já faz alguns anos que estive lá, talvez eles não tenham mais essa câmera.

— Mas talvez tenham! — exclamou Daisy, animada.

— É isso aí.

— Pegue essa saída aqui — disse ela, de repente.

Obedeci. Eu sabia que era a saída errada, mas entrei mesmo assim e, sem que Daisy dissesse nada, segui pela pista da direita, na direção da minha casa. Na direção da casa de Davis.

Daisy pegou o celular e ligou para alguém.

— Oi, Eric. É a Daisy. Escuta, me desculpa, mas estou com infecção intestinal. Pode ser norovírus.

— …

— Claro, sem problema. Me desculpa. — Ela desligou e guardou o celular na bolsa. — Basta *sugerir* diarreia que eles deixam você ficar em casa, porque morrem de medo de contaminação. Muito bem, então: vamos entrar em ação. Você ainda tem aquela canoa?

TRÊS

Não fazia muitos anos, minha mãe e eu às vezes descíamos o White River remando e íamos até o parque que ficava atrás do museu de arte, passando pela casa de Davis. Chegando à praia, puxávamos a canoa para a areia e caminhávamos um pouco por ali, e na volta remávamos contra a corrente preguiçosa. Mas isso fazia anos. Na teoria, o White River é lindo — garças-azuis, gansos, cervos e tudo o mais —, só que, ao vivo e a cores, a água fede a esgoto. E fede a esgoto porque *é* esgoto. Sempre que chove, as galerias subterrâneas transbordam e os dejetos de toda a região central de Indiana são lançados direto no rio.

Parei o carro na frente de casa. Saí, fui até a entrada da garagem, me agachei, enfiei os dedos por baixo do portão e o ergui. Então voltei para o carro e estacionei, com Daisy ainda repetindo no meu ouvido que ficaríamos ricas.

O esforço para abrir o portão da garagem tinha me deixado um pouco suada, então fui direto para o meu quarto, liguei o ar-condicionado e me sentei de pernas cruzadas na cama, deixando o ar gelado bater nas minhas costas. Meu quarto estava uma bagunça, roupas sujas espalhadas por toda parte e a escrivaninha soterrada por papéis — folhas de exercícios, provas antigas, panfletos de universidades que minha mãe tinha me dado — meio que caindo e se esparramando pelo chão. Daisy ficou parada à porta.

— Será que eu consigo achar alguma roupa que sirva em mim aqui? — perguntou ela. — Tenho a impressão de que não seria uma boa encontrar um bilionário com esse uniforme do Chuck E. Cheese’s ou com uma blusa manchada de tinta de cabelo, que são minhas únicas opções no momento.

Decidimos assaltar o armário da minha mãe, considerando que elas eram mais ou menos do mesmo tamanho, e, enquanto tentávamos encontrar um combo jeans-e-camiseta menos maternal, Daisy falava. Ela falava muito.

— Tenho uma teoria sobre uniformes. Acho que essas roupas são feitas para desumanizar os funcionários. Eu deixo de ser Daisy Ramirez, uma Pessoa, e viro uma criatura que serve pizza e troca tíquetes por bichinhos de plástico. É como se o uniforme fosse pensado para *me esconder*.

— Aham.

— Maldito sistema opressor — resmungou Daisy, e puxou do armário uma

camisa roxa horrorosa. — Sua mãe tem um estilo meio professora de matemática do nono ano.

— Bem, ela é professora de matemática do nono ano.

— Isso não é desculpa.

— Que tal um vestido? — sugeri, mostrando a ela um midi preto com estampa Paisley rosa. Horrendo.

— Acho que vou me contentar com o uniforme mesmo — decidiu Daisy.

— É.

Ouvi um carro chegando e, embora eu soubesse que minha mãe não se importaria de pegarmos algumas roupas dela, levei um susto. Percebendo meu nervosismo, Daisy me pegou pelo braço e me puxou até o quintal antes que minha mãe entrasse em casa. Abrimos caminho pelo pequeno amontoado de arbustos de madressilva no canto do terreno.

De fato, ainda tínhamos aquela canoa, mesmo que estivesse de cabeça para baixo e cheia de aranhas mortas. Daisy a desvirou e começou a limpar o mato dos remos e dos dois coletes salva-vidas que um dia foram laranja. Em seguida, espanou a canoa com a mão, jogou lá dentro os remos e os coletes e começou a puxá-la, arrastando-a para o rio. Apesar de baixinha e nada atlética, Daisy era forte à beça.

— O White River é tão sujo… — comentei.

— Holmes, você está sendo irracional. Vem me ajudar aqui com essa porcaria.

Segurei a parte de trás da canoa.

— Essa água deve ser cinquenta por cento urina. E os outros cinquenta têm coisa pior ainda.

— Você é a escolhida — disse Daisy, me ignorando, e ergueu a canoa enquanto a empurrava até a água.

Depois, ela pulou da margem para uma pequena península de lama abaixo, colocou no pescoço uma boia salva-vidas pequena demais e subiu na parte da frente.

Eu me acomodei atrás e dei um empurrão com o remo para tomar impulso. Já fazia um bom tempo que eu não andava de canoa, mas o rio era tão largo e o nível da água estava tão baixo naquele dia que eu nem precisei remar muito. Daisy se virou para mim e deu um sorrisinho. Ali, no rio, me senti de volta à infância.

Quando éramos crianças, aproveitávamos os dias em que a água estava baixa daquele jeito para correr de um lado para o outro pelas margens. Tínhamos uma brincadeira chamada “crianças do rio”: fingíamos que só havia a gente ali, revirando o lixo para ter o que comer e se escondendo dos adultos, pois eles

queriam nos colocar num orfanato. Eu me lembro de Daisy jogando aquelas aranhas pequenininhas em mim, porque sabia que eu odiava, e eu saía correndo aos berros, sacudindo os braços, mas não tinha medo de verdade, porque naquela época era como se eu sentisse tudo de brincadeira, experimentando as emoções em vez de ser prisioneira delas. O verdadeiro terror não é ter medo, é não ter escolha senão senti-lo.

— Sabia que Indianápolis só existe por causa desse rio? — disse Daisy. — Foi mais ou menos assim: Indiana tinha acabado de se tornar um estado, e queriam construir uma cidade nova para ser a capital, e aí estava todo mundo debatendo onde deveria ser a tal cidade. Decidiram pelo mais óbvio, que é no meio do estado. Então, os caras estavam examinando um mapa do novo estado e viram que tinha um rio bem ali, bem no centro, então pensaram, opa!, taí o lugar perfeito para a nossa capital, porque isso foi lá pra 1819 e uma cidade de verdade precisava ter água por perto, para os navios e tal. Então, eles pensaram: "Vamos construir uma cidade nova! Junto do rio! E como somos espertos, vamos dar o nome de Indianá*polis*!" Só depois de fazerem o anúncio é que eles se deram conta de que o White River tem, tipo, quinze centímetros de profundidade e não aguenta nem um caiaque, quanto mais um navio. Durante um tempo, Indianápolis foi a maior cidade do mundo sem um canal navegável.

— Como é que você sabe tudo isso? — perguntei.

— Meu pai é fissurado por história. — Naquele exato momento, o celular dela começou a tocar. — Merda. Falando no diabo... — Ela atendeu. — Oi, pai… Hã… sim, claro… Não, ele não vai se importar… Pode deixar, às seis estou em casa. — Guardando o celular no bolso, Daisy se virou novamente para mim, estreitando os olhos por causa do sol. — Ele queria saber se eu podia trocar meu horário no trabalho para tomar conta da Elena, porque minha mãe vai fazer hora extra, *ou seja*, não precisei mentir, porque afinal eu nem cheguei a ir, e agora meu pai acha que me importo com a minha irmã. Holmes, está dando tudo certo. Nosso destino está entrando nos eixos. Estamos prestes a viver o Sonho Americano, que é, obviamente, tirar vantagem da desgraça alheia.

Eu ri, e o eco alto da minha risada soou meio bizarro no rio deserto. Uma tartaruga-de-casco-mole empoleirada num tronco semissubmerso na margem nos viu e mergulhou. O White River é infestado delas.

Após a primeira curva, passamos por uma ilha rasa, uma aglomeração de milhões de seixos brancos. Uma garça-azul encarapitada em um velho pneu esbranquiçado abriu as asas e alçou voo ao nos ver, mais pterodátilo do que ave. A ilha nos forçou a tomar o canal estreito da direita, e seguimos por baixo das figueiras que se debruçavam acima d'água em busca de sol.

A maioria das árvores estava cheia de folhas, algumas já rajadas de rosa,

exibindo os primeiros sinais do outono. Mas passamos por baixo de uma árvore morta, sem folha alguma e no entanto ainda de pé, e olhei para seus galhos entrelaçados, que fragmentavam o céu azul sem nuvens numa infinidade de polígonos irregulares.

Ainda tenho o celular do meu pai. Fica guardado na mala do Harold, no compartimento do estepe, escondido perto do pneu, com o carregador. Um monte de fotos no celular dele são de galhos nus dividindo o céu, como a vista que eu tinha naquele momento. Eu sempre me perguntava o que atraía meu pai naquelas imagens, naquele céu fragmentado.

Bom, mas fazia um dia lindo — o brilho dourado do sol nos envolvendo com calor na medida certa. Eu sou caseira, por isso raramente tenho chance de observar o clima, mas em Indianápolis temos entre oito e dez dias realmente lindos por ano, e aquele era um desses. Eu mal precisava remar, a corrente deslizando naturalmente para o oeste. A água cintilava ao sol. Uma dupla de patos fugiu à nossa aproximação, batendo as asas, enlouquecidos.

Finalmente, chegamos ao pedaço de terra que havíamos batizado de Ilha dos Piratas quando éramos crianças. Era uma ilha de verdade, não como a ilhota de seixos pela qual tínhamos passado. Na Ilha dos Piratas havia um bosque cerrado de madressilvas e árvores altas, os troncos retorcidos pelas anuais enchentes de primavera. Como o rio também inundava áreas de cultivo, havia vegetais comestíveis ali: pequenos pés de tomate e de soja por toda parte, bem fertilizados por todo aquele esgoto.

Remei até a praia cheia de algas e descemos para dar uma volta por ali. Algo no rio nos deixara caladas, quase alheias uma à outra, e saímos andando em direções diferentes.

Eu havia passado parte do meu aniversário de onze anos ali. Depois de cortarmos o bolo em casa, Daisy, minha mãe e eu descemos o rio remando até a Ilha dos Piratas. Minha mãe tinha feito um mapa do tesouro. Munidas de pás, cavamos próximo à raiz de uma árvore e encontramos um bauzinho cheio de moedas de chocolate embrulhadas em papel laminado dourado. Davis e o irmão mais novo, Noah, foram nos encontrar ali. Eu me lembro de cavar até sentir a pá bater no baú de plástico e de me permitir fantasiar que era um tesouro de verdade, mesmo sabendo que não era. Como eu era boa em ser criança, e como era péssima em ser fosse lá o que eu fosse naquele momento.

Caminhei ao longo de toda a costa da ilha, até encontrar Daisy sentada num tronco muito liso arrancado pela raiz, que encalhara ali depois de as águas de alguma enchente recuarem. Fui até lá, me acomodei ao lado dela e fiquei olhando para a piscininha abaixo dos nossos pés, onde os lagostins disparavam de um lado a outro. A piscina estava encolhendo; o verão tinha sido mais seco

que o normal; mais quente também.

— Lembra daquele seu aniversário que a gente comemorou aqui? — perguntou Daisy.

— Sim.

Naquele dia, Davis perdeu de vista por alguns instantes o boneco do Homem de Ferro que levava para todo canto. Era um boneco tão velho que quase toda a tinta já havia desbotado, restando só um torso vermelho com braços e pernas amarelos. Davis ficou desesperado, sem saber onde estava o boneco, mas minha mãe logo o encontrou.

— Você está bem, Holmes?

— Sim.

— Sabe dizer outra palavra além de *sim*?

— Sim — respondi, com um sorrisinho.

* * *

Ficamos sentadas por um tempo, até que, sem trocar uma palavra, nos levantamos e seguimos com a água na altura do joelho até a margem. Por que eu não me incomodava em chapinhar na água nojenta do White River quando apenas horas antes não conseguia nem ouvir meu estômago roncar? Bem que eu queria saber.

Uma cerca de metal sustentava as pedras do muro de contenção contra enchentes. Pulei a cerca e estendi a mão para ajudar Daisy. Subimos engatinhando a encosta íngreme e fomos parar num bosque de figueiras e bordos. Ao longe eu via os jardins imaculados do campo de golfe dos Pickett e, mais além, a mansão, toda em vidro e aço, projetada por algum arquiteto renomado.

Andamos sem rumo por um tempo, enquanto eu tentava me localizar, até que ouvi sussurrarem meu nome:

— *Holmes*.

Segui por entre as árvores na direção de Daisy. Ela havia encontrado a câmera de visão noturna, instalada numa árvore, a aproximadamente um metro do chão. Era uma bolinha preta bem pequena — o tipo de coisa que ninguém nota no meio de uma floresta a menos que saiba onde procurar.

Peguei o celular e o conectei à câmera, que não era protegida por senha. Em questão de segundos, as fotos começaram a ser transferidas para meu aparelho. Apaguei as duas primeiras, que eram imagens de nós duas, e passei rapidamente por mais uma dúzia, da semana anterior: cervos, coiotes, guaxinins e gambás,

todas tiradas durante o dia, ou outras silhuetas verdes com olhos brancos brilhantes.

— Não quero assustar você nem nada, mas tem um carrinho de golfe meio que vindo na nossa direção — avisou Daisy, baixinho.

Levantei o olhar. O carrinho ainda estava bem distante. Passei pelas fotos até chegar ao dia 9 de setembro. Ali, enfim, nas sombras esverdeadas, via-se um homem atarracado, de costas, com uma camisa de pijama listrada. A hora registrada era 01h01min03s. Tirei um print da tela.

— O cara com certeza viu a gente — disse Daisy, tensa.

Olhei novamente.

— Estou indo o mais rápido que consigo — murmurei.

Passei para a foto anterior, mas estava levando uma eternidade para carregar. Ouvi Daisy sair correndo, mas não me mexi, ainda esperando. Era estranho ser a pessoa controlada da situação enquanto sentia a estridência do nervosismo de Daisy, mas as coisas que deixam os outros nervosos nunca me assustam. Eu não tinha medo de homens em carrinhos de golfe, filmes de terror nem montanhas-russas. Não sabia exatamente do que eu *tinha* medo, mas com certeza não era daquilo. A imagem surgiu devagar, uma fileira de pixels por vez. Um coiote. Levantei a cabeça, vi o homem no carrinho me olhando e saí em disparada.

Corri na direção do rio, desci de qualquer jeito o muro de contenção e encontrei Daisy sentada na canoa virada, segurando uma pedra grande e pontuda acima da cabeça.

— O que é que você está fazendo? — perguntei.

— Seja quem for esse cara, ele com certeza viu você, então estou criando uma desculpa.

— Que desculpa?

— Numa situação assim, só nos resta ser a donzela em perigo, Holmes — respondeu ela, e logo em seguida bateu a pedra com toda a força no casco da canoa, arrebentando a pintura verde e revelando a fibra de vidro embaixo. Feito isso, desvirou a canoa, que no mesmo instante começou a se encher de água. — Muito bem, agora vou me esconder e você vai falar com o cara do carrinho.

— O quê? Não. De jeito nenhum.

— Uma donzela em perigo não costuma ter companhia — argumentou ela.

— NÃO.

Foi quando uma voz chamou do alto do muro:

— Tudo bem aí embaixo?

Era um senhor magro e com rugas profundas no rosto, usando um terno preto e uma camisa branca.

— Foi a nossa canoa — respondeu Daisy. — Furou. Na verdade, somos

amigas do Davis Pickett. Ele mora aqui, não é?

— Meu nome é Lyle — disse o homem. — Segurança. Posso levar vocês até a casa.

QUATRO

Entramos no carrinho que Lyle dirigia e seguimos por uma estreita trilha asfaltada que cruzava o campo de golfe, passando por uma grande cabana feita de troncos de árvores com uma placa de madeira na porta identificando-a como O CHALÉ.

A propriedade dos Pickett parecia ainda mais majestosa do que era anos antes, quando eu estivera ali pela última vez. A areia do campo de golfe estava recém-arada, a trilha por onde seguíamos era toda margeada por bordos recém-plantados e o asfalto era lisinho, sem buracos nem saliências. O gramado se estendia a perder de vista, impecável em um recém-aparado padrão de diamante. Tudo ali era silencioso, estéril e de uma amplidão sem fim — como um recém-construído empreendimento imobiliário antes de ser ocupado. Fiquei encantada.

Daisy aproveitou para puxar uma conversa nada sutil:

— Quer dizer que o senhor é o chefe da segurança daqui?

— Eu sou o *único* segurança daqui.

— E há quanto tempo trabalha para o sr. Pickett? — continuou Daisy.

— O suficiente para saber que vocês não são amigas do Davis.

Mas Daisy, a quem faltava a capacidade de sentir constrangimento, não se deu por vencida.

— A Holmes aqui é amiga dele. O senhor estava de serviço na noite em que o sr. Pickett desapareceu?

— O sr. Pickett não gosta que os empregados pernoitem na propriedade — respondeu ele.

— E são quantos empregados, no total?

Lyle parou o carrinho.

— É melhor vocês conhecerem mesmo o Davis, senão levo as duas na mesma hora para a delegacia por invasão de propriedade.

* * *

Depois de uma curva, demos de cara com a piscina, uma vastidão de azul cintilante. Ainda havia a ilha de que eu me lembrava, só que agora estava

coberta por um domo geodésico de vidro. Os tobogãs também continuavam ali — um emaranhado de cilindros em curva —, mas estavam secos.

Ladeando a piscina havia uma dúzia de espreguiçadeiras de teca, cada uma com uma toalha branca estendida sobre as almofadas. Contornamos a piscina até uma área com mais espreguiçadeiras, em uma das quais estava deitado Davis Pickett. Ainda estava vestindo a camisa polo e a calça cáqui do uniforme escolar e lia um livro que segurava no ângulo certo para tapar o sol.

Ao ouvir o carrinho se aproximando, Davis se apoiou nos cotovelos e olhou para conferir quem chegava. Tinha pernas magrelas e estava bronzeado. Usava óculos de armação grossa e um boné do time de basquete de Indiana.

— Aza? — disse Davis, se levantando.

Com a silhueta contornada pelo sol, mal dava para ver seu rosto. Saí do carrinho e me aproximei.

— Oi — falei.

Eu não sabia se deveria abraçá-lo, e ele parecia estar com a mesma dúvida, por isso só ficamos ali parados olhando um para a cara do outro, sem nos tocar, o que, para ser sincera, é minha forma preferida de cumprimento.

— A que devo a honra? — perguntou Davis, sem transparecer emoção alguma. Sua voz inexpressiva, indecifrável.

Daisy apareceu atrás de mim, estendeu a mão e já foi logo apertando a dele, animada.

— Daisy. Sou a melhor amiga da Holmes. — E explicou: —Nossa canoa furou.

— Batemos numa pedra e acabamos na Ilha dos Piratas — expliquei.

— Você conhece essas duas, Davis? — perguntou Lyle.

— Sim, Lyle, está tudo certo, obrigado. Querem um pouco de água? Ou um Dr Pepper?

— Dr Pepper? — repeti, um pouco confusa.

— Não é seu refrigerante preferido?

Por um instante apenas o encarei, surpresa.

— Ah, sim — respondi. — Aceito.

— Lyle, pode trazer Dr Pepper pra gente?

— Deixa comigo, chefe — respondeu o segurança, e partiu no carrinho de golfe.

Daisy me lançou um olhar de esguelha que dizia *Eu falei que ele ia se lembrar de você* e, discretamente, começou a se afastar. Davis pareceu não notar. Ele me fitava de um jeito tímido que era até fofo, olhando de relance para meu rosto mas logo desviando, os olhos castanhos arregalados atrás dos óculos. Todos os traços do rosto dele, olhos e nariz e boca, tudo um pouco grande

demais, como se houvessem crescido em um rosto ainda infantil.

— Não sei o que dizer — falou Davis. — Eu não… não sou muito bom de papo.

— Você pode tentar dizer o que está pensando — sugeri. — É uma coisa que eu mesma *nunca* faço.

Ele esboçou um sorriso e deu de ombros.

— Tá bem. Estou pensando: *Tomara que ela não tenha vindo pela recompensa*.

— Que recompensa? — retruquei, não muito convincente.

Davis se sentou na espreguiçadeira e se inclinou para a frente, os cotovelos ossudos apoiados nos joelhos ossudos. Eu me sentei na cadeira diante dele.

— Pensei em você faz umas semanas — comentou Davis. — Logo que meu pai foi dado como desaparecido, toda hora repetiam o nome dele no jornal, e sempre falavam o nome completo. Russell Davis Pickett. Eu ficava pensando… Tipo, é o meu nome também. Era muito estranho ouvir nos noticiários que "Russell Davis Pickett foi dado como desaparecido", porque eu estou bem aqui.

— E por isso você pensou em mim?

— Pois é, sei lá. Eu me lembrei de você me contando do… Daquela vez que eu perguntei sobre o seu nome, e você disse que sua mãe tinha escolhido Aza porque queria que fosse um nome só seu, um som que fosse realmente seu.

— Na verdade, foi meu pai. — Eu me lembrava da explicação: ele dizia que Aza "abarca todo o alfabeto, para que você saiba que pode ser quem você quiser". — E o seu pai…

— Exatamente, meu pai criou uma réplica. Me condenou a ser sempre um júnior.

— Ah, você não é o seu nome.

— É claro que sou. Não posso não ser Davis Pickett. Não posso não ser o filho do meu pai.

— É, imagino que não…

— E não posso não ser um órfão.

— Sinto muito.

Os olhos cansados de Davis encontraram os meus.

— Vários antigos amigos meus me procuraram nos últimos dias, e eu não sou idiota. Eu sei por quê. Mas não sei onde meu pai está.

— A verdade é que… — comecei, mas parei quando uma sombra nos cobriu.

Eu me virei. Era Daisy, atrás da espreguiçadeira em que eu estava.

— A verdade é que ouvimos no rádio a notícia sobre o seu pai — interveio ela —, e a Holmes aqui me contou que era caidinha por você quando criança.

— Daisy! — sussurrei.

— E eu falei: então vamos lá falar com ele, só pode ser amor verdadeiro. Então a gente armou um naufrágio de mentirinha. E se você lembrou que ela gosta de Dr Pepper, então é porque É AMOR VERDADEIRO *MESMO*, igual em *A tempestade*, então agora eu vou deixar vocês em paz para viverem esse amor e serem felizes para sempre.

A sombra de Daisy se afastou, sendo substituída pela luz dourada do sol.

— Isso é… Isso é verdade? — perguntou Davis.

— Hã… Não acho que seja como em *A tempestade*… — Não consegui me forçar a contar a verdade. Além do mais, não era mentira. Não totalmente. — Claro, a gente era só criança.

Davis ficou um tempo em silêncio.

— Você nem parece mais a mesma pessoa — disse ele, por fim.

— Como assim?

— Sei lá, você era uma pestinha magrela e agora está…

— Estou o quê?

— Diferente. Crescida.

Meu estômago começou a se revirar, mas não entendi por quê. Eu nunca compreendia meu corpo… Aquilo era medo ou empolgação?

Davis ficou com o olhar perdido, como se observasse as árvores dispostas na margem do rio.

— Sinto muito mesmo pelo seu pai — falei.

Davis deu de ombros.

— Meu pai é um bosta. Ele fugiu da cidade para não ser preso porque é um covarde.

Eu não sabia o que dizer. As pessoas falavam sobre seus pais de um jeito que quase me dava alívio por não ter mais um.

— Eu não sei mesmo onde ele está, Aza. E, se alguém sabe, não vai contar, porque ele vai pagar muito mais que a recompensa para calar a boca das pessoas. Cara, cem mil? Para o meu pai, isso é mixaria.

Só fiquei olhando para ele.

— Desculpa — disse Davis. — Acho que não foi uma coisa legal de falar.

— Você *acha*?

— Tá bom, foi bem babaca. Eu só quis dizer que… Cara, ele vai se livrar dessa. É sempre assim.

Eu ia responder, mas ouvi Daisy voltando, e acompanhada: um cara alto e de ombros largos, com camisa polo e bermuda cáqui.

— Vamos conhecer um tuatara! — exclamou Daisy, muito animada.

Davis se levantou para fazer as apresentações.

— Aza, esse é Malik Moore, nosso zoólogo.

Ele falou “nosso zoólogo” na maior naturalidade, como se todo mundo contratasse um zoólogo ao alcançar determinado padrão de vida.

Eu me levantei e apertei a mão de Malik.

— Eu cuido do tuatara.

Todos pareciam presumir que eu sabia que diabo era um tuatara. Malik foi até a beira da piscina, se ajoelhou, abriu um alçapão escondido no piso de cerâmica e apertou um botão. Uma passarela de aço surgiu da parede e se projetou acima da água, formando uma passarela em arco até o domo no meio da piscina. Daisy agarrou meu braço.

— Isso está mesmo acontecendo? — sussurrou ela.

Então, com um floreio, o zoólogo nos convidou a cruzar a passarela.

Seguimos pela pontezinha de metal até o domo, com Malik logo atrás. Ele aproximou um cartão magnético da porta de vidro. Ouvi um clique, e a porta se abriu. Entrei. De repente me vi num clima tropical, a temperatura pelo menos uns dez graus acima e o ar consideravelmente mais úmido que no mundo lá fora.

Daisy e eu ficamos perto da entrada, enquanto Malik logo se afastou, andando pela ilha até voltar com um lagartão de uns sessenta centímetros de comprimento, talvez, e uns dez de altura, a longa cauda de dragão enrolada no braço do zoólogo.

— Podem fazer carinho nela — disse Malik.

Daisy aceitou a sugestão na mesma hora, mas eu reparei na mão toda arranhada do zoólogo, indicando que nem sempre o bicho gostava de carinho. Por isso, quando ele se virou para mim, tratei de me esquivar:

— Não sou muito fã de lagartos.

Malik então me explicou, com uma riqueza de detalhes desnecessária, que Tua (o bicho tinha nome) na verdade não era um lagarto, mas uma criatura geneticamente distinta que datava da Era Mesozoica, duzentos milhões de anos atrás, a época dos dinossauros, e que por isso era considerado basicamente um fóssil vivo, e que um tuatara pode chegar a cento e cinquenta anos, e que o plural de tuatara é tuatara, e que eles são a única espécie ainda viva da ordem Rhynchocephalia, e que correm risco de extinção na Nova Zelândia, de onde são nativos, e que sua tese de doutorado tinha sido sobre as taxas de evolução molecular dos tuatara, e continuou falando e falando até a porta do domo se abrir de novo.

— Os refrigerantes, chefe.

Peguei os copos e entreguei um para Davis e um para Daisy.

— Tem certeza de que não quer fazer carinho nela? — insistiu Malik.

— Também tenho medo de dinossauros — expliquei.

— Holmes tem quase todos os medos mais comuns — disse Daisy, ainda

fazendo carinho em Tua. — Além do mais, precisamos ir. Tenho deveres de babá a cumprir.

— Eu levo vocês — ofereceu Davis.

* * *

Davis disse que só precisaria passar em casa antes. Eu ia esperar do lado de fora, mas Daisy me empurrou com tanta força que, quando me dei conta, estava andando ao lado dele.

Davis abriu a porta principal, um painel de vidro imenso de pelo menos três metros de altura, e me vi numa sala enorme com piso de mármore. Noah estava largado no sofá, à esquerda, jogando um videogame de combate espacial numa televisão enorme.

— Noah — chamou Davis —, lembra da Aza?

— E aí? — cumprimentou ele, sem tirar os olhos da tela.

Davis subiu correndo a escada moderna de mármore, me deixando ali sozinha com o irmão. Quer dizer, isso foi o que pensei, até ouvir uma mulher dizer:

— Este é um Picasso verdadeiro.

Vestida de branco da cabeça aos pés, ela estava na cozinha imaculada da mansão cortando morangos e outras frutas vermelhas.

— Ah, uau… — falei, seguindo o olhar dela até o quadro em questão: um homem de linhas sinuosas montado num cavalo de linhas sinuosas.

— É como trabalhar num museu — continuou a mulher.

Ao olhar para ela, me lembrei do comentário de Daisy sobre uniformes.

— Sim, é uma casa linda — falei.

— Eles também têm um Rauschenberg. No andar de cima.

Assenti, embora não soubesse quem era esse. Mychal provavelmente saberia.

— Pode ir lá ver, se quiser.

Ela indicou a escada, então eu subi, mas nem dei muita atenção a um negócio no alto dos degraus que parecia uma colagem de lixo reciclado. Fui logo espiando rapidinho pela primeira porta aberta que vi pela frente. Parecia ser o quarto de Davis: imaculadamente limpo, o carpete ainda com as linhas deixadas pelo aspirador de pó. Uma cama king size com um monte de travesseiros e um edredom azul-marinho. Num canto do cômodo, junto a uma parede toda envidraçada, um telescópio apontando para o céu. Fotos de família na escrivaninha — todas antigas, de quando ele era pequeno. Pôsteres de bandas e cantores em outra parede: Beatles, Thelonious Monk, Otis Redding, Leonard Cohen, Billie Holiday. Uma estante cheia de livros de capa dura, uma das

prateleiras só com quadrinhos, todas as revistas protegidas por sacos plásticos. Na mesinha de cabeceira, ao lado de alguns livros, o Homem de Ferro.

Peguei o boneco e dei uma olhada. O plástico estava rachado na parte de trás de uma das pernas, revelando o espaço oco, mas as articulações ainda funcionavam em todos os membros.

— Cuidado — disse Davis atrás de mim. — Você está segurando o único objeto que eu realmente amo.

Devolvi o Homem de Ferro a seu lugar e me virei.

— Desculpa.

— Eu e ele já passamos por muita coisa juntos — disse Davis.

— Tenho que confessar uma coisa — falei. — Sempre achei o Homem de Ferro o pior herói.

Ele sorriu.

— Foi bom enquanto durou, Aza, mas nossa amizade termina aqui.

Eu ri. Davis se dirigiu à escada, e o segui.

— Rosa, você pode ficar até eu voltar? — pediu.

— Claro — disse ela. — Deixei chili de frango e salada na geladeira, para o jantar.

— Obrigado. Noah, meu caro, em vinte minutos estou de volta, ok?

— Beleza — respondeu Noah, ainda batalhando no espaço sideral.

* * *

Fomos andando até o Cadillac Escalade de Davis, em que Daisy já estava recostada.

— Aquela é a governanta?

— É a administradora da casa. Rosa está com a gente desde que eu nasci. Ela é… é o que temos agora, em vez de um pai ou uma mãe.

— Então ela não mora aqui?

— Não, ela sai às seis. Não é uma substituição *tão* boa assim.

Daisy se sentou no banco de trás e me mandou assumir o posto de copiloto. Quando eu estava dando a volta no carro, notei Lyle perto do carrinho de golfe. Embora conversasse com um homem que recolhia as primeiras folhas secas do outono, ele nos observava.

— Vou só deixar as duas em casa — explicou Davis a Lyle.

— Se cuida, chefe.

— Tem sempre alguém de olho em mim o tempo todo — reclamou Davis, já com as portas do carro fechadas. — É exaustivo.

— Sinto muito — falei.

Ele parecia prestes a dizer alguma coisa, mas hesitou. Um instante depois, continuou:

— É como se… Sabe quando a gente é criança e anda pela escola e tem a impressão de que está todo mundo olhando para a gente e fofocando? A sensação é a mesma, com a diferença de que as pessoas realmente ficam me olhando e cochichando.

— Talvez achem que você sabe onde seu pai está — opinou Daisy.

— Mas eu não sei. Nem quero saber — disse ele com firmeza, sem vacilar.

— Por que não? — perguntou ela.

Eu estava olhando para Davis quando ele respondeu, e notei que algo estranho cruzou seu rosto, mas logo sumiu.

— A essa altura, o melhor que meu pai pode fazer por Noah e por mim é ficar longe. Nem faria muita diferença, já que ele nunca tomou conta da gente mesmo.

* * *

Embora apenas o rio separasse a casa de Davis da minha, o trajeto levou dez minutos de carro por um caminho sinuoso, porque havia apenas uma ponte no meu bairro. Seguimos em silêncio, exceto por uma ou outra orientação que precisei dar. Quando finalmente paramos em frente à minha casa, pedi o celular de Davis e passei meu número. Daisy saiu sem se despedir, e eu já ia fazer o mesmo, mas, quando devolvi o aparelho, ele segurou minha mão direita e a virou com a palma para cima.

— Eu me lembro disso — disse ele, e segui seu olhar até o band-aid na ponta do meu dedo.

Puxei a mão de volta e fechei os dedos com força.

— Dói? — perguntou ele.

Por algum motivo que não consigo explicar, decidi contar a verdade.

— Se dói ou não, é meio irrelevante.

— É um belo lema de vida.

Sorri.

— É. Sei lá. Bem, tenho que ir.

Saí do carro e, um segundo antes de eu fechar a porta, ele disse:

— Foi bom te ver, Aza.

— Foi bom te ver também.

CINCO

Enquanto eu levava Daisy para casa no abraço cálido de Harold, ela não parava de falar que eu com certeza estava a fim de Davis.

— Holmes, você está reluzindo. Está luminosa. Radiante.

— Não estou, não.

— Está, *sim*.

— Sério, eu nem sei se acho ele bonito.

— Ele está naquela vasta região intermediária — respondeu Daisy. — Sabe? Bonito o suficiente para despertar meu desejo de ser conquistada. O grande problema dos garotos é que noventa por cento deles são meio que qualquer coisa. Se a gente vestisse e higienizasse os caras direitinho, se conseguisse colocar uma postura decente neles, fazer com que ouvissem as garotas e não fossem uns idiotas, eles seriam totalmente aceitáveis.

— Não estou a fim de namorar ninguém, juro.

Sei que muita gente que diz isso no fundo quer, sim, namorar, mas no meu caso era verdade. Até me sentia atraída por alguns garotos e gostava da ideia de ter um namorado, mas, na prática, meus talentos não atendiam ao funcionamento geral da coisa. É que algumas partes de um relacionamento romântico clássico me deixam ansiosa, entre elas: 1) beijar; 2) ter que dizer as coisas certas para não magoar a outra pessoa; 3) acabar dizendo mais coisas erradas enquanto você ainda está tentando se desculpar pelas primeiras; 4) ser obrigada a ficar de mãos dadas no cinema mesmo quando você está suando e os suores dos dois já estão começando a se misturar; e 5) se sair bem naquele momento em que o garoto pergunta “Em que você está pensando?” e espera que você diga “Estou pensando em você, meu bem”, mas na verdade você está pensando no que leu outro dia, que as vacas literalmente não sobreviveriam não fosse pelas bactérias que vivem no estômago delas e que isso meio que significa que elas não existem como formas de vida independentes, o que, como isso não é exatamente algo que se possa dizer em voz alta, acaba forçando você a escolher entre mentir e ser esquisita.

— Pois *eu* quero namorar — confessou Daisy. Estávamos entrando no estacionamento do condomínio dela. — Até daria em cima do Pobre Órfão Bilionário se ele não tivesse olhos só para você. Ah, falando nisso, fiquei

sabendo de uma coisa fascinante. Adivinha só quem fica com os bilhões do Pickett se ele morrer?

— Humm… Davis e Noah?

— Não. Mais uma chance.

— O zoólogo?

— Não.

— Diz logo!

— Adivinha.

— Tá bom: você.

— Infelizmente, não, o que é uma terrível injustiça. Sou uma bilionária nata, Holmes, só me faltam os bilhões. Tenho a alma de uma proprietária de jatinho e a conta bancária de alguém que depende de transporte público. Uma verdadeira tragédia. Mas não, não sou a herdeira. Nem Davis. Nem o zoólogo. Quem ganha a bolada é o tuatara.

— Hein?

— O maldito tuatara, Holmes. Malik disse que essa informação é de conhecimento público, e é mesmo. Escuta só. — Ela pegou o celular. — Matéria do *Indianapolis Star* do ano passado: "O bilionário Russell Pickett, CEO e fundador da Pickett Engenharia, chocou todos os elegantes convidados na cerimônia de entrega do Indianapolis Prize, noite passada, ao anunciar que deixará todo o seu patrimônio para seu tuatara de estimação. Referindo-se a tais criaturas, que chegam a viver mais de cento e cinquenta anos, como 'animais mágicos', Pickett contou que fundou um instituto de pesquisa voltado para estudar especificamente seu tuatara de estimação e lhe garantir os melhores cuidados possíveis. 'Ao investigarmos os segredos de Tua', declarou o empresário, usando o nome de batismo do animal, 'descobriremos a peça-chave para a longevidade e compreenderemos melhor a evolução da vida na Terra.' Ao ser questionado por um repórter do *Star* sobre sua intenção de, postumamente, investir todos os seus bens em um fundo em benefício de um único espécime, Pickett reiterou: 'Minha riqueza beneficiará Tua e apenas Tua, até sua morte. Posteriormente, será revertida para um fundo que beneficiará os tuatara do mundo inteiro.' Um representante da companhia salientou que os assuntos particulares de Pickett em nada afetam a direção da empresa." Nada melhor que deixar sua fortuna para um lagarto se a sua intenção é mandar um grande foda-se para os seus filhos.

— Bem, como você deve se lembrar, não é um lagarto — observei.

— Holmes, um dia você ainda vai ganhar o Prêmio Nobel por Arrogância Extrema, e eu vou morrer de orgulho.

— Obrigada.

A essa altura, havíamos chegado ao edifício de Daisy. Estacionei Harold.

— Então, se o pai do Davis tiver morrido, ele e o irmão não vão receber *nada*? — perguntei. — A lei não obriga a pessoa a deixar um valor mínimo para a subsistência dos filhos ou coisa parecida?

— Não sei. Mas isso me faz pensar: será que Davis entregaria o pai se soubesse onde ele está?

— Pois é — concordei. — Bom, alguém tem que saber. Ele precisou de ajuda, certo? Não tem como uma pessoa desaparecer do mapa assim, sem mais nem menos.

— Sim, mas existem muitos possíveis cúmplices. Pickett deve ter uns bons milhares de funcionários. Sem contar as sei lá quantas pessoas que trabalham naquela propriedade dele. Cara, eles têm um *zoólogo*.

— Deve ser um saco viver cheio de gente rondando sua casa o dia todo. Pessoas que nem são da sua família, sabe? Se metendo no seu espaço a cada segundo.

— É mesmo. Como alguém aguenta o sofrimento de lidar com criados eficientes e entusiasmados…? — Eu ri. Daisy continuou: — Muito bem! Minha lista de tarefas: pesquisar sobre a lei de herança e conseguir o relatório da polícia. A sua é se apaixonar pelo Davis, mas já está quase completa. Valeu pela carona. Hora de fingir que amo minha irmã.

Ela pegou a mochila e saiu do carro, batendo a frágil e preciosa porta do Harold antes de se afastar.

* * *

Em casa, fiquei vendo TV com minha mãe, mas não conseguia parar de pensar em Davis olhando para o meu dedo, segurando a minha mão.

Às vezes tenho esses pensamentos que a dra. Karen Singh chama de “intrusivos”. Na primeira vez que ela mencionou esse termo, eu entendi “invasores”, o que na verdade é bem mais apropriado, porque, assim como as ervas daninhas e toda a categoria de plantas invasoras, esses pensamentos parecem chegar à minha biosfera vindos de alguma terra muito distante e ali se instalarem, multiplicando-se sem controle.

Em teoria, todo mundo tem pensamentos assim. Você está cruzando uma ponte, digamos, e, quando olha lá de cima, do nada lhe ocorre que poderia simplesmente pular. Se for como a maioria das pessoas, vai pensar: *Cruzes, que troço macabro* e seguir sua vida, mas para algumas pessoas o invasor pode assumir o controle, expulsando todos os outros pensamentos até ser o único a

ocupar sua mente, de tal modo que você estará perpetuamente presa àquela ideia — seja pensando naquilo, seja tentando *não* pensar naquilo.

Então você está numa boa vendo TV com a sua mãe — aquele programa sobre detetives que viajam no tempo — e se lembra de um garoto segurando sua mão, olhando para seu dedo, e vem o pensamento: *Você precisa tirar o band-aid e ver se está infeccionado.*

Você não quer fazer aquilo, é só um intruso. Todo mundo tem pensamentos assim, mas você não consegue fazê-los parar. Tendo já passado por uma boa dose de terapia cognitivo-comportamental, você diz a si mesma: *Eu não sou meus pensamentos*, embora no fundo não saiba exatamente o que você é. Então envia a ordem interna de clicar no X pequenininho ali no canto superior do pensamento para fazê-lo ir embora. Talvez funcione por um instante; você está de volta em casa, no sofá, junto da sua mãe. Mas então seu cérebro diz: *Ei, espera aí. E se seu dedo estiver infeccionado? Por que não dá uma conferida rapidinho? O refeitório não era lá o lugar mais limpo para reabrir esse corte. E depois você ainda esteve no rio…*

Agora você está nervosa, porque já viveu esse mesmo ciclo milhares de vezes e também porque quer ser capaz de escolher quais pensamentos vai chamar de seus. Afinal, o rio era mesmo sujo. Você chegou a molhar a mão? Não seria improvável. *Hora de tirar o band-aid*. Você diz a si mesma que tomou o cuidado de não tocar na água, mas seu cérebro retruca: *Mas e se você tocou em alguma coisa que tocou na água?* Então você responde que é quase certo que o machucado não vai estar infeccionado, mas a brecha aberta pelo "quase" é logo preenchida pelo pensamento: *Você precisa ter certeza. Só para a gente se tranquilizar*. E aí você cede, tá bom, tudo bem, e avisa que vai ao banheiro, tira a pontinha do band-aid, e não está sujo de sangue, mas talvez esteja um pouco úmido. Você levanta a pontinha do band-aid para observar melhor à luz amarelada do banheiro, e, sim, definitivamente está úmido.

Pode ser suor, é claro, mas também pode ser água do rio, ou, pior ainda, uma secreção com pus, sinal certo de infecção. Por isso, você pega o gel antisséptico no armário do banheiro e passa um pouco no machucado, o que queima como o inferno, e em seguida lava as mãos com vigor, contando os vinte segundos recomendados pelos médicos, depois seca muito bem as mãos na toalha. Então você crava a unha do polegar bem no talho do dedo, fazendo sangrar, e aperta por alguns segundos até o fluxo de sangue parar, e enfim seca a ferida com um lenço de papel. Você pega um band-aid no bolso da calça, um estoque que está sempre sendo reposto, e, com cuidado, coloca o novo curativo. Então volta à sala para ver TV e por alguns minutos, talvez até muitos minutos, sente a tensão deixando seu corpo, o alívio de ter cedido aos anjos maus de sua natureza.

Dois ou cinco ou seiscentos minutos se passam até você começar a se perguntar: *Será que eu consegui tirar todo o pus? Era pus mesmo, ou só suor? Se era pus, acho que vou precisar drenar de novo.*

E assim a espiral afunila, até o infinito.

SEIS

No dia seguinte, depois da última aula, eu me juntei ao fluxo de alunos nos corredores superlotados da escola e fui pegar Harold. Demorei alguns minutos a mais porque precisei trocar o band-aid, mas de qualquer modo era bom esperar um pouco para fugir do trânsito do horário de saída. Enquanto isso, mandei uma mensagem para Daisy marcando de nos encontrarmos no Applebee's, que era onde sempre estudávamos juntas.

Ela respondeu logo depois:

Ela: Vou trabalhar até as 8. Te vejo depois?

Eu: Vai querer carona?

Ela: Meu pai me buscou no colégio. Tá me levando. Davis mandou mensagem?

Eu: Não. Será que eu mando?

Ela: NEM PENSAR.

Ela: Espera de 24 a 30 hs. Você tá interessada, não obcecada.

Eu: Ok. Não sabia que tinha um Estatuto das Mensagens.

Ela: Tem. Quase chegando, tô indo. Hoje vamos tirar na sorte pra ver quem vai se vestir de ratinho Chuck. Reza por mim.

Harold e eu partimos para casa, mas então me ocorreu que eu poderia ir a qualquer lugar. Quer dizer, não a *qualquer* lugar, mas quase isso. Eu poderia sair do estado se quisesse, ir a Ohio ou Kentucky, e ainda chegaria em casa antes da minha mãe. Graças a Harold, eu tinha à minha disposição uma área de, digamos, uns quinhentos quilômetros quadrados do Meio-Oeste americano. Então, em vez de fazer o caminho de sempre, peguei a estrada. Liguei o rádio no momento em que começou a tocar uma música que eu adorava, chamada "Can't Stop Thinking About You", o baixo estourando nos alto-falantes ferrados do Harold e uma letra bem boba, tudo de que eu precisava.

Às vezes, a gente dá sorte de esbarrar numa sequência perfeita de músicas no rádio: entram os comerciais numa estação, a gente troca para outra bem na hora

em que uma música acabou de começar, uma música que a gente ama mas nem lembrava mais que existia, uma música que nunca viria à nossa cabeça mas que acaba sendo perfeita para cantar aos berros. Naquele momento eu me deparei com uma dessas sequências milagrosas enquanto dirigia sem rumo. Segui para o leste, depois sul, depois oeste, depois norte, depois leste de novo, até retornar ao ponto de partida.

Essa voltinha por Indianápolis me custou uns sete dólares em combustível. Eu sabia que era um desperdício, mas me senti muito melhor depois de percorrer a cidade.

Quando cheguei em casa e fui abrir o portão da garagem, vi que tinha recebido várias mensagens de Daisy.

> Fui sorteada, vou ter que botar a fantasia bizarra de Chuck.
>
> Até mais tarde, se eu sobreviver.
>
> Se eu morrer, chore sobre meu túmulo todos os dias até uma muda brotar da terra, depois continue chorando até crescer uma linda árvore e suas raízes envolverem meu corpo.
>
> Tenho que ir agora estão levando meu celular NÃO SE ESQUEÇA DE MIM, HOLMES.
>
> Últimas notícias: sobrevivi. Vou pegar uma carona pro Applebee's. Até lá.

* * *

Minha mãe estava na sala corrigindo provas, os pés apoiados na mesa de centro. Eu me sentei ao lado dela no sofá.

— Um tal de Lyle veio aqui hoje, segurança dos Pickett — disse ela, ainda olhando para os papéis. — Trouxe nossa canoa, consertada. Disse que você e Daisy estavam remando e bateram numa pedra.

— Foi.

— Você e Daisy — repetiu ela. — De canoa.

— Isso mesmo.

Minha mãe finalmente olhou para mim.

— Quem olha assim até pensa que você queria, sei lá, esbarrar com o Davis.

Dei de ombros, sem responder.

— Funcionou? — perguntou ela.

Dei de ombros de novo, mas ela continuou me encarando até eu me dar por vencida.

— Andei pensando nele, só isso — falei. — Acho que eu queria uma desculpa para ver como ele estava.

— Como ele está, sem o pai?

— Acho que bem. Parece que muita gente não gosta tanto assim do pai.

Ela chegou mais perto, colando o ombro no meu. Era óbvio que nós duas estávamos pensando no meu pai, mas nunca soubemos muito bem como falar sobre ele.

— Fico imaginando se você teria batido de frente com seu pai.

Fiquei quieta.

— Ele teria compreendido você, disso eu sei. Seu pai entendia você muito melhor que eu. Mas se preocupava demais; talvez isso se tornasse exaustivo para você. Para mim era, às vezes.

— Você também se preocupa — comentei.

— Acho que sim. Com você eu me preocupo, com certeza.

— Eu não me incomodo — falei. — Quem vê o mundo como ele realmente é se preocupa. A vida é preocupante mesmo.

— Você está falando igualzinho ao seu pai. — Ela deu um sorrisinho. — Ainda não acredito que ele foi embora.

Ela disse isso como se tivesse sido uma decisão dele, como se um belo dia meu pai estivesse aparando a grama e tivesse pensado: *Acho que é uma boa morrer agora*.

* * *

Preparei o jantar naquela noite: macarrão com seleta de legumes enlatada e um queijo cheddar gostoso, e comemos assistindo a um reality show sobre pessoas comuns tentando sobreviver na floresta. Meu celular finalmente vibrou quando a gente estava lavando a louça — era Daisy, avisando que tinha chegado ao Applebee's. Falei para minha mãe que estaria de volta à meia-noite e fui mais uma vez ao encontro de Harold, o que era sempre um prazer.

Applebee's é uma rede de restaurantes de qualidade mediana que serve "comida americana", isto é, *qualquer coisa com queijo*. No ano anterior, um garoto havia batido à nossa porta para angariar fundos para os escoteiros, acho, e convenceu minha mãe a comprar um enorme carnê de cupons. Depois percebemos que eram todos do Applebee's, sessenta cupons oferecendo "dois pratos por onze dólares". Daisy e eu vínhamos nos dedicando a utilizá-los desde então.

Ela estava esperando por mim em uma mesa. Já sem o uniforme do trabalho, usava uma blusa turquesa de gola V e estava mergulhada nas profundezas de seu celular. Daisy não tinha computador, então fazia tudo pelo smartphone: trocava

mensagens, escrevia fanfic e por aí vai. Era mais rápida em digitar no teclado do celular do que eu num teclado de notebook.

— Você já recebeu uma foto de pau? — perguntou ela, no lugar do clássico "oi".

— Hã… Eu já vi um ao vivo — falei, me sentando na frente dela.

— Isso é óbvio, né, Holmes. Não estou perguntando se você é freira, quero saber se já te mandaram uma foto de pau fora de contexto e sem ser solicitada. Tipo, o cara manda um nude em vez de se apresentar.

— Nunca — respondi.

— Olha isso — disse Daisy, me passando o celular.

— Sim, é um pênis — falei, observando bem e girando o aparelho para a horizontal.

— Sim, mas podemos tratar dessa questão por um minuto?

— Podemos *não* tratar dessa questão agora?

Abaixei o celular, pois Holly estava vindo.

Holly era quem geralmente nos atendia, e eu diria que não era uma grande fã da dupla Daisy e Holmes, provavelmente por causa da nossa estratégia baseada no uso de cupons e dos nossos recursos limitados para gorjetas.

Como sempre, Daisy não se conteve:

— Holly, você já recebeu uma…

— Para — interrompi. — Não não não. — E depois, me dirigindo à garçonete: — Vou querer só uma água, nenhuma comida, mas por volta de quinze para as dez vou querer um hambúrguer vegetariano, sem maionese nem ketchup, só o pão com hambúrguer e queijo mesmo, para viagem, por favor. E batatas.

— E você vai querer o Blazin' Texan Burger? — perguntou Holly para Daisy.

— Com uma taça de vinho, por favor.

A mulher não moveu um músculo.

— Tudo bem. Água.

— Imagino que vocês tenham um cupom.

— E não é que temos mesmo? — falei, e deslizei o papelzinho na mesa até ela.

Holly mal tinha se virado e Daisy já estava de novo com a imagem a postos.

— Mas o que eu faço em relação a esse pênis semiereto que algum fã me mandou? Devo ficar *intrigada*?

— Ele deve estar achando que isso ainda vai dar em casamento. Vocês vão marcar um encontro, se apaixonar e um dia vão contar aos seus filhos que tudo começou com uma foto do pênis dele, sem o restante do corpo.

— Não tem nada a ver um leitor meu me mandar isso. Sério… pensa comigo:

“Adorei ler a aventura romântica de Chewbacca e Rey enquanto vasculhavam uma nave Tulgah abatida em Endor, em busca da famosa poção da paciência Tulgah. Em agradecimento, acho que vou mandar à autora uma fotografia do meu pau.” Como se liga os pontos nesse raciocínio, Holmes?

— Garotos são nojentos. Todo mundo é nojento. As pessoas e seus corpos nojentos… Me dá vontade de vomitar.

— Deve ser só mais um fanboy idiota do Kylo — resmungou Daisy.

Eu não entendia nada daquele dialeto de fanfic.

— Será que a gente pode, *por favor*, mudar de assunto? — pedi.

— Tudo bem. Hoje, no intervalo do trabalho, eu virei especialista em heranças. Então vamos lá. Na verdade, uma pessoa não pode deixar todo o seu dinheiro para um animal, *mas* para uma organização criada exclusivamente em benefício de um animal, pode. Resumindo: seguindo as leis do estado de Indiana, animais de estimação não são pessoas, mas organizações, sim. Portanto, o dinheiro do Pickett iria para uma fundação, que usaria tudo em prol do tuatara. Aliás, a lei não te obriga a deixar *nada* para os filhos. Por mais rica que a pessoa seja. Nem casa, nem dinheiro para os estudos, nada.

— E o que acontece se o pai deles for preso?

— Os dois vão ficar com um guardião. Talvez a administradora da casa, ou um parente. O guardião receberia o dinheiro para pagar as despesas dos garotos. Se esse negócio de encontrar fugitivos não der certo, acho que vou investir na carreira de guardiã de crianças bilionárias.

Daisy fez uma pequena pausa.

— Muito bem — continuou. — Você pode começar a recolher material com informações sobre o caso e os Pickett. Eu fico encarregada do registro policial e também vou fazer o dever de casa de cálculo, porque o dia só tem vinte e quatro horas e eu já tenho que passar tempo demais no Chuck.

— Mas vem cá, como é que você vai conseguir uma cópia do registro policial?

— Ah, você sabe. Artimanhas.

* * *

Por acaso, eu era amiga de Davis Pickett no Facebook e, embora o perfil dele fosse uma cidade-fantasma havia muito abandonada, consegui, pelo nome de usuário — dallgoodman —, chegar ao perfil dele no Instagram.

Ele não tinha fotos, só imagens com citações, ligeiramente desfocadas, em fontes que imitavam letra de máquina de escrever sobre um fundo com textura

de papel amassado. A primeira, postada dois anos antes, era de Charlotte Brontë. “Eu me importo comigo mesma. E quanto mais solitária, sem amigos e sem sustento, mais eu me respeito.”

A última postagem era: “Aquele que não teme a morte morre somente uma vez.” Achei que fosse uma referência velada ao pai, mas não dava para ter certeza. (Só para deixar registrado: aquele que *teme* a morte também morre somente uma vez, mas deixa pra lá.)

Fui passando de citação em citação e reparei em alguns usuários que curtiam muitas das publicações de Davis — entre eles uma anniebellcheers, que só publicava fotos de líderes de torcida. Até que, nas postagens de mais de um ano antes, encontrei uma série de fotos dela com Davis, com legendas cheias de emojis de coração.

O relacionamento dos dois parecia ter começado no verão entre o nono e o décimo anos e durado alguns meses. O perfil da garota estava conectado ao Twitter, onde ela ainda seguia um usuário chamado nkogneato. Era Davis, porque um dos posts era uma foto do irmão pulando na piscina.

Através do nkogneato, cheguei a um perfil no YouTube que pelo visto se interessava muito por notícias de basquete e por aqueles vídeos enormes de pessoas jogando videogame, e o mesmo nkogneato me levou, depois de várias tentativas, a um blog.

No início fiquei em dúvida se pertencia a Davis. Cada post começava com uma citação, seguida por um parágrafo curto nunca tão pessoal a ponto de me permitir identificá-lo. Por exemplo:

> “Num determinado ponto da vida, a beleza do mundo torna-se suficiente. Já não precisas fotografar, pintar, ou até recordar. É suficiente.“
>
> — Toni Morrison
>
> Ontem à noite eu estava deitado no chão coberto de geada, contemplando um céu limpo, apenas um pouco manchado por uma leve poluição causada pela névoa da minha respiração — sem telescópio nem nada, éramos só eu e a imensidão do céu —, e fiquei pensando que *céu* é um substantivo singular, como se constituísse uma única coisa. Mas o céu não é uma coisa única. O céu é tudo. E ontem à noite foi o bastante.

Só tive certeza de que era Davis quando reconheci muitas das citações do Instagram dele, incluindo a de Charlotte Brontë:

> “Eu me importo comigo mesma. E quanto mais solitária, sem amigos e sem sustento, mais eu me respeito.”
>
> — Charlotte Brontë
>
> No fim, quando o caminhar se tornou exaustivo, nos sentamos em um banco de frente para o rio, que corria baixo, e ela me disse que a beleza era uma questão de atenção. “O rio é lindo porque olhamos

para ele”, ela disse.

Aqui vai mais uma, de novembro do ano anterior, na mesma época em que ele e anniebellcheers pararam de interagir no Twitter.

“Por convenção o quente, por convenção o frio, por convenção a cor: na realidade, porém, átomos e o vazio.”

— Demócrito

Quando a observação falha em se alinhar à verdade, no que confiar: nos seus sentidos ou na sua verdade? Os gregos sequer tinham uma palavra para azul. A cor não existia para eles. Não conseguiam vê-la sem uma palavra para defini-la.

Penso nela o tempo todo. Meu estômago dá cambalhotas quando a vejo. Mas será que é amor ou apenas algo para o qual não temos uma palavra?

A publicação seguinte me atingiu em cheio:

“A maior arma contra o estresse é a habilidade de escolher um pensamento em detrimento de outro.”

— William James

James tinha algum superpoder, porque eu escolho meus pensamentos tanto quanto escolho meu nome.

O que ele disse sobre os pensamentos era exatamente o que eu vivia — um destino, não uma escolha. Não como um catálogo da minha consciência, mas como uma oposição a ela.

Quando eu era pequena, sempre contava para minha mãe sobre os invasores, e ela dizia: “É só *não pensar* nessas coisas.” Mas Davis compreendia. Não há escolha. Esse é o problema.

Outro ponto interessante na presença on-line de Davis era que os posts acabavam exatamente no dia em que o pai desaparecera. Ele publicara no blog quase todo dia por mais de dois anos, então, na tarde seguinte ao sumiço do pai, escreveu:

“Durmam bem, seus imbecis.”

— J. D. Salinger

Acho que isto é um até logo, mas é como dizem: ninguém nunca diz até logo a menos que queira ver a pessoa novamente.

Fazia sentido. Provavelmente já estavam começando a xeretar a vida dele àquela altura. Afinal, se eu tinha conseguido encontrar o blog secreto de Davis, imagino que os policiais também conseguiriam. Minha dúvida era se ele abandonara de vez a internet, ou se apenas havia decidido atracar em portos mais distantes.

Perdi o rastro dele. Fiquei andando em círculos, buscando outros nomes de

usuário e variantes, e terminei achando um monte de gente que não era o *meu* Davis Pickett. Encontrei o Dave Pickett de cinquenta e três anos, caminhoneiro do estado de Wisconsin; o Davis Pickett que morreu de esclerose lateral amiotrófica depois de anos postando textos curtos escritos com a ajuda de um software de rastreamento ocular; um dallgoodman no Twitter que se limitava a ameaças cáusticas dirigidas a senadores. Cheguei também a uma conta no Reddit que analisava o desempenho de Jimmy Butler em jogos de basquete e que, portanto, provavelmente pertencia a Davis, mas que também não tinha postagens desde o desaparecimento do Pickett pai.

— Estou muito perto — disse Daisy, de repente. — Muito, muito perto. Se ao menos eu fosse tão boa na vida quanto sou na internet…

Levantei o rosto, retornando à dimensão sensorial do Applebee's. Daisy estava digitando no celular com uma única mão, o copo de água na outra. Tudo era muito barulhento e com luzes fortes. No balcão do bar, as pessoas acompanhavam aos gritos algum evento esportivo.

— O que você achou aí? — perguntou Daisy, colocando o copo na mesa.

— Hã… Bem, Davis teve uma namorada, mas eles terminaram em meados de novembro. Ele tem um blog, mas não posta nada desde que o pai sumiu. Engraçado, no blog ele parece… fofo, acho.

— Puxa, que bom que seus talentos de investigação on-line ajudaram você a descobrir que Davis é fofo. Holmes, eu te amo, mas vê se encontra alguma informação sobre *o caso*.

Foi o que fiz. O *Indianapolis Star* já publicara muitas matérias e notas sobre Russell Pickett, porque a empresa dele era uma das maiores empregadoras do estado, mas também porque vira e mexe ele era processado. Pickett fechou uma enorme transação imobiliária no centro da cidade que gerou vários processos; tanto a ex-secretária executiva quanto a gerente de marketing da Pickett Engenharia moviam uma ação na Justiça contra ele por assédio sexual; o cara também tinha sido denunciado por um jardineiro da mansão por violar alguma lei de proteção aos portadores de deficiências; e a lista não parava por aí…

Todas essas matérias citavam o mesmo advogado, Simon Morris. O site dele descrevia seu escritório como "uma butique jurídica concentrada nas abrangentes necessidades de indivíduos com alto patrimônio líquido".

— Ei, posso carregar meu celular no seu laptop?

Daisy obviamente estava com a cabeça em outro lugar, porque nem tirou os olhos da tela do celular para enfiar a mão na bolsa, pegar o cabo USB e me entregar. Pluguei no notebook, e ela só murmurou:

— Obrigada. Estou quase lá.

Percebi que Holly já tinha trazido meu pedido para viagem. Entreabri a

embalagem de isopor e peguei umas batatas antes de voltar à minha investigação. Cheguei por acaso a um site chamado Glassdoor, em que tanto funcionários já desligados quanto ainda empregados avaliavam a Pickett Engenharia anonimamente. As observações sobre Russell Pickett eram mais ou menos assim:

> "O presidente é o maior pilantra."
> "Esse Russell Pickett é um completo megalomaníaco."
> "Não estou sugerindo que os executivos da Pickett obriguem os subordinados a burlar leis nem nada, mas é comum ouvir frases do tipo: 'Não estou sugerindo que você burle leis, mas…'"

Então, Pickett era esse tipo de cara. E, embora ele tivesse conseguido se livrar de todos os processos por meio de acordos, a investigação criminal ainda estava em andamento. Pelas informações que encontrei, a empresa havia pagado propina a algumas autoridades em troca de contratos para construção de um sistema de escoamento de esgoto mais eficiente em Indianápolis.

Quinze anos antes, o governo havia reservado uma grande quantia de dinheiro para limpar o White River. Queriam construir mais lagoas de tratamento de esgoto e expandir a rede de túneis subterrâneos, desviando um afluente chamado Pogue's Run. A projeção era que em uma década o rio não fosse mais o destino dos escoamentos durante períodos de chuva. A Pickett Engenharia conseguiu o contrato inicial, mas o trabalho nunca foi concluído e o orçamento estourou. O governo então rescindiu o contrato e abriu nova licitação para a conclusão das obras.

Nesse segundo momento, mesmo tendo feito um péssimo trabalho da primeira vez, a Pickett Engenharia conseguiu novamente o contrato — pelo que parecia, subornando funcionários públicos.

Dois executivos da Pickett já estavam presos e, ao que tudo indicava, cooperando com a polícia. O próprio Pickett não chegara a ser indiciado, embora o jornal criticasse as autoridades por isso, em edição publicada três dias antes do desaparecimento dele. "O *Indianapolis Star* tem evidências suficientes para acusar Russell Pickett. Por que as autoridades não têm?" era o título do editorial.

— Tá acontecendooooooo! Espera. Só mais um segundo. Só mais um segundo. Extraindo os arquivos, vamos lá, só mais um pouquinho, abrindo… Arrá!

Daisy enfim olhou para mim e sorriu. Ela tinha os dentes da frente ligeiramente tortos, um virado para o outro, o que a incomodava um pouco, por isso quase nunca abria um sorriso escancarado, mas naquele momento dava para ver até as gengivas.

— Posso fazer que nem em *Scooby-Doo* e contar tim-tim por tim-tim como

eu consegui?

Concordei.

— Então. A primeira matéria sobre o desaparecimento de Pickett cita o registro policial obtido pelo *Indianapolis Star*. Essa matéria foi assinada por Sandra Oliveros, com a colaboração de um tal de Adam Bitterley, que obviamente é um novato, e foi só dar um Google para descobrir que ele acabou de se formar na Universidade de Indianápolis. Aí, eu criei um endereço de e-mail praticamente idêntico ao de Sandra Oliveros e escrevi para Bitterley pedindo uma cópia do documento. Ele respondeu alguma coisa do tipo "Não posso, não tenho isso no meu computador de casa", então eu fiz o pobre do garoto voltar ao escritório para me mandar o tal documento, e ele respondeu com um "mas hoje é sexta", e eu devolvi: "Sei que é sexta-feira à noite, mas as notícias não tiram folga no fim de semana. Faça seu trabalho, ou encontro outra pessoa disposta a fazê-lo." Aí ele foi para a porcaria do escritório e me mandou por e-mail a porcaria do registro policial escaneado.

— Eita.

— Bem-vinda ao futuro, Holmes. O negócio agora não é mais hackear computador, é hackear a alma humana. O arquivo está no seu e-mail.

Às vezes, eu achava que Daisy só era minha amiga porque precisava de uma testemunha para seus feitos.

Enquanto eu fazia o download, olhei para o estacionamento pelas frestas da persiana. A luz de um dos postes da rua vinha bem na nossa direção, o que fazia tudo ao redor parecer mergulhado na mais completa escuridão.

Eu estava tentando tirar uma coisa da cabeça, mas, quando comecei a ler o documento, o pensamento ganhou força.

— O que foi? — perguntou Daisy.

— Nada. — Tentei novamente afastar a ideia, mas não consegui. — É só que… o cara não vai se dar mal? Quando ele for trabalhar na segunda, não vai perguntar para a chefe por que ela precisava do arquivo, e aí ela vai perguntar "Do que você tá falando? Que arquivo?", e aí não vai dar problema para ele? Vai que ele é demitido?

Daisy revirou os olhos, mas eu estava entrando na espiral e comecei a ficar com medo de que o tal Bitterley conseguisse rastrear Daisy e ela acabasse presa, e talvez eu fosse junto, já que provavelmente era cúmplice. Aquilo era só uma brincadeira boba, mas pessoas vão para a cadeia o tempo todo por crimes menores. Imaginei a manchete nos jornais: "Garotas hackers obcecadas por garoto bilionário."

— Ele vai encontrar a gente — soltei, por fim.

— Quem?

— O cara. Bitterley.

— Não vai, não. Eu estou num Wi-Fi público, dentro de um restaurante, usando um IP que me localiza em Belo Horizonte, Brasil. E, se ele me encontrar, vou dizer que você não tinha ideia do que eu estava fazendo, e aí eu cumpro a pena sozinha, e em gratidão pela minha lealdade você tatua meu rosto no seu bíceps. Vai ser lindo.

— Daisy, é sério.

— Eu estou falando sério. Esse seu bracinho magro precisa da minha cara tatuada. Mas o garoto não vai ser demitido. Ele não vai encontrar a gente. No máximo, vai aprender uma lição importante sobre *phishing* da forma menos dolorosa possível, tanto para ele quanto para o jornal. Relaxa. Agora estou ocupada com uma coisa importante aqui, discutindo com um estranho aleatório na internet se o Chewbacca é uma pessoa ou não.

Holly chegou com a conta, um lembrete nada sutil de que já havíamos abusado da hospitalidade do lugar. Entreguei o cartão de débito da minha mãe — Daisy nunca tinha dinheiro, mas minha mãe me deixava gastar vinte e cinco dólares por semana desde que eu só tirasse notas altas. Por baixo da mesa, esfreguei o calo do dedo. Disse a mim mesma que Daisy provavelmente tinha razão, que provavelmente daria tudo certo. Provavelmente.

— Sério, Holmes — disse ela, sem tirar os olhos do celular. — Não vou deixar que nada aconteça. Prometo.

— Você não tem como impedir, essa é a questão. Não dá para controlar a vida, sabe?

— Dá, sim! — murmurou ela, ainda concentrada no celular. — Eca, meu Deus, agora o cara está dizendo que eu escrevo bestialidades.

— Espera aí, o quê?

— Porque, na minha fanfic, o Chewbacca e a Rey estavam apaixonados. Esse cara está dizendo que isso é, abre aspas, criminoso, porque é um romance interespécies. Nem tem *sexo*, porque eu classifico a história como “adolescente” para qualquer um poder ler. É só *amor*.

— Mas o Chewbacca não é humano — argumentei.

— A questão não é se o Chewbacca era *humano*, Holmes. É se ele era uma pessoa. — Ela estava quase gritando. Daisy levava aquele negócio de *Star Wars* muito a sério. — E ele *obviamente* era. O que configura uma pessoa? Ele tinha corpo, alma e sentimentos, falava um idioma e era adulto. E se ele e Rey estavam vivendo um amor comunicativo, peludo e ardente, vamos só agradecer a Deus por dois adultos conscientes, de comum acordo, terem encontrado um ao outro numa galáxia escura e dividida.

Muitas vezes nada conseguia me livrar do medo, mas, em outras, só ouvir

Daisy já resolvia. Ela conseguia consertar alguma coisa dentro de mim, e eu já não sentia mais como se estivesse num redemoinho, ou sendo sugada por uma espiral que só se afunilava. Eu não precisava recorrer a comparações. Estava dentro de mim mesma de novo.

— Então ele é uma pessoa porque tem consciência?

— Ninguém reclama de machos humanos se relacionando com fêmeas Twi'leks! Porque é claro que *homens* podem transar com o que bem entenderem. Mas uma humana se apaixonar por um Wookiee, Deus me livre! Poxa, eu sei que estou só alimentando a ira dos *haters*, Holmes, mas não dá para ouvir essas coisas e ficar calada.

— Eu só queria dizer que, sei lá, um bebê não tem consciência, mas ainda assim é uma pessoa.

— Ninguém está falando de bebês, Holmes. Estou falando de uma pessoa adulta, que por acaso era humana, se apaixonar por outra pessoa adulta, que por acaso era um Wookiee.

— A Rey ao menos sabe falar Wookiee?

— Olha, eu fico um pouco irritada por você não ter lido a *minha* fanfic, mas fico muito revoltada por você não ter lido *nenhuma* fanfic do Chewie. Se tivesse, você saberia que Wookiee não era um idioma, e sim uma espécie. Existiam pelo menos três idiomas Wookiee. A Rey aprendeu shyriiwook com Wookiees que vieram de Jakku, mas não falava porque a maioria deles compreendia o Básico.

Comecei a rir.

— E por que você está falando no passado?

— Porque tudo isso aconteceu há muito tempo, numa galáxia muito, muito distante, Holmes. Sempre se usa o passado quando se fala de *Star Wars*. Dã.

— Espera, humanos sabem falar shyri… o idioma Wookiee?

Em resposta, Daisy fez uma imitação muito passável do Chewbacca e, depois, traduziu:

— Eu perguntei se você vai comer as batatas.

Empurrei a embalagem para ela. Daisy pegou um punhado e fez mais um barulho de Chewbacca com a boca cheia.

— O que você disse? — perguntei.

— Já se passaram mais de vinte e quatro horas. Pode mandar uma mensagem para Davis.

— Wookiees têm celular?

— *Tinham*.

SETE

Na segunda-feira, minha mãe e eu fomos para o colégio no meu carro, porque o dela estava na oficina. Meu dedo ardia, porque eu tinha passado antisséptico de novo antes de sair, e isso me fazia apertar o band-aid toda hora, o que piorava e aliviava a dor ao mesmo tempo. Eu não tinha mandado nenhuma mensagem para Davis. Pensei em fazer isso muitas vezes ao longo do fim de semana, mas, como não enviei nada no dia do Applebee's, o tempo foi passando e comecei a ficar nervosa, achando que tinha perdido o *timing*. E Daisy não estava por perto para me obrigar a escrever, porque ela havia trabalhado sábado e domingo.

— Você não tem uma consulta com a dra. Singh amanhã? — lembrou minha mãe.

Ela devia ter percebido que eu estava mexendo muito no band-aid.

— Tenho.

— O que está achando do remédio?

— Acho que está tudo bem.

O que não era exatamente verdade. Primeiro, porque eu ainda não tinha certeza de que aquela bolinha branca estava fazendo efeito, e, segundo, porque não estava tomando o remédio direito. Muitas vezes era esquecimento mesmo, mas havia também outro motivo que eu não sabia identificar muito bem, um medo, lá no fundo, de que precisar tomar remédio para ser uma pessoa normal fosse errado.

— Você está aí? — perguntou minha mãe.

— Aham.

Parte de mim, não mais que uma parte, continuava dentro do Harold, ouvindo a voz da minha mãe, dirigindo pelo tão familiar caminho até a escola.

— É só ser sincera com ela, está bem? Isso não precisa ser um sofrimento para você.

Pensei em comentar que isso é apenas um equívoco básico do dilema humano, mas deixei pra lá.

* * *

Estacionei Harold, me despedi da minha mãe e segui para a fila do detector de metais. Depois de ser declarada inofensiva à sociedade, me juntei ao fluxo de corpos humanos que preenchiam os corredores como células sanguíneas nas veias.

Quando cheguei ao meu armário, percebi que estava alguns minutos adiantada e aproveitei para pesquisar sobre Adam Bitterley, o repórter que fora vítima do golpe de Daisy. Naquela manhã mesmo ele havia compartilhado no Twitter o link de uma matéria sua recém-publicada sobre um livro que talvez fosse banido do currículo escolar por um conselho disciplinar, o que me fez concluir que não havia sido demitido. Daisy estava certa: não tinha dado problema nenhum.

Eu já estava a caminho da sala quando Mychal chegou correndo e me puxou para um banco.

— E aí, Aza? Tudo bem?

— Tudo bem.

Eu estava pensando sobre como é estranho que uma parte nossa às vezes esteja num lugar enquanto as partes mais importantes estejam em outro, um espaço que não pode ser alcançado pelos sentidos. Como era possível que eu tivesse dirigido por todo o caminho de casa até a escola sem estar de verdade no carro? Eu tentava olhar para Mychal naquele momento, me esforçando para ouvir a balbúrdia no corredor, mas eu não estava ali, não por inteiro, não completamente.

— Que bom — disse ele. — Olha, eu não quero estragar a amizade entre o pessoal do nosso grupo nem nada, porque a gente tem uma relação incrível, mas é que… Isso é tão difícil… Você acha que… Pode dizer que não, sério mesmo…

Ele não conseguia continuar, mas já dava para perceber aonde queria chegar.

— Não estou num bom momento para ficar com ninguém — adiantei. — É que...

Ele me cortou:

— Nossa, só piora. Eu ia perguntar se você acha que a Daisy ficaria comigo, ou se estou viajando. Não é que… Olha, você é incrível, Aza…

Só não morri de humilhação porque Mychal era um amigo próximo, mas faltou pouco.

— Ah, sim — interrompi. — Acho que sim. Ótima ideia. Mas é melhor você falar direto com ela, não comigo. Mas enfim… Sim, com certeza, chama ela pra sair. Ai, que vergonha. Isso é constrangedor. Fala com a Daisy. Eu vou indo, para encerrar essa conversa com o pouco de dignidade que ainda me resta.

— Desculpa — disse ele, enquanto eu me levantava. — Sério, Aza, você é linda. Não é isso.

— Tudo bem. Não precisa dizer mais nada. Eu é que mandei mal. Eu vou… Vou indo, tá? Não deixa de falar com a Daisy.

Por sorte, o sinal tocou, me permitindo fugir para a aula de biologia. A professora se atrasou, e a turma toda estava conversando. Fui para o meu lugar e mandei uma mensagem para Daisy na mesma hora.

Eu: Achei que Mychal fosse me chamar pra sair e tentei recusar com jeitinho, mas ele não ia *me* chamar pra sair. Só queria me pedir pra falar com você pra VOCÊ sair com ele. Nível de humilhação: mais alto, impossível. Mas você tem que aceitar. Ele é bonitinho.

Ela: Ai, meu Jesus. Pânico. Ele parece um bebê gigante.

Eu: Hein?

Ela: Ele parece um bebê gigante. Molly disse isso uma vez e eu nunca mais consegui olhar pra ele de outro jeito. Não posso pegar um bebê gigante.

Eu: Só porque ele tem a cabeça raspada?

Ela: Por tudo, Holmes. Porque ele *é* um bebê gigante.

Eu: Claro que não.

Ela: Da próxima vez que passar por ele, olha bem e me diz se não parece. Se Drake e Beyoncé tivessem um bebê gigante, seria o Mychal.

Eu: Seria um bebê gigante gato, isso sim.

Ela: Vou tirar um print disso caso eu precise chantagear você um dia. Ah, JÁ LEU O DOC DA POLÍCIA?

Eu: Hum, não. Você leu?

Ela: Li. E olha que fechei o restaurante ontem E no sábado E fiz esse exercício de cálculo que parecia sânscrito E ainda tive que me vestir de Chuck umas doze vezes. Não encontrei nenhuma pista, mas li tudo. Mesmo sendo um saco. Sou a heroína não reconhecida dessa investigação.

Eu: Acho que você até que é bem reconhecida. Vou ler hoje tenho que ir a professora tá me olhando feio.

* * *

Durante a aula de biologia, toda vez que a sra. Park se virava para o quadro-negro eu aproveitava para ler no celular mais um trechinho do registro de desaparecimento.

Eram poucas páginas, então consegui ler tudo na escola mesmo. A PD (pessoa desaparecida) era um homem de cinquenta e três anos, com cabelo

grisalho, olhos azuis, uma tatuagem com as palavras *Nolite te bastardes carborundorum* (“Não permita que os bastardos abatam-no”, se não me engano) na omoplata esquerda, três pequenas cicatrizes no abdome resultantes de uma cirurgia de remoção de vesícula, 1,83 metro de altura, aproximadamente cem quilos, visto pela última vez com seu traje de dormir usual: camisa de pijama com listras horizontais azul-marinho e brancas e samba-canção azul-claro. O desaparecimento foi notificado às 5h35, quando policiais entraram na casa da PD para investigar uma denúncia de corrupção.

A maior parte do documento consistia em “depoimentos de testemunhas” que não haviam testemunhado nada. Na noite do desaparecimento, não havia ninguém na casa além de Noah e Davis. A câmera na entrada tinha registrado dois zeladores indo embora às 17h40. Malik, o zoólogo, saíra às 17h52; Lyle, às 18h02, e Rosa, às 18h04. Portanto, tudo indicava ser verdade o que Lyle dissera sobre o expediente dos empregados.

Um resumo do depoimento de Davis preenchia apenas uma página:

> Rosa tinha deixado pizza. Noah e eu comemos jogando videogame. Meu pai desceu, ficou um tempinho com a gente, comendo pizza, depois subiu de novo. Não aconteceu nada fora do comum. Geralmente eu vejo meu pai à noite só por alguns minutos, ou nem isso. Ele não parecia nervoso. Foi um dia como outro qualquer. Depois que Noah e eu acabamos de comer, colocamos os pratos na pia e fui ajudar meu irmão com o dever de casa. Depois, fiquei lendo um texto para a escola no sofá, enquanto Noah jogava. Subi lá pelas dez, fiz meu dever de casa no quarto, depois observei duas estrelas pelo telescópio — Vega e Epsilon Lyrae. Fui dormir umas onze horas. Mesmo agora, depois de tudo que aconteceu, não consigo me lembrar de nada estranho naquele dia.
>
> [A testemunha também declarou não ter reparado em nada fora do comum pelo telescópio e acrescentou: “O meu telescópio não serve para olhar o chão. Se eu por acaso tentasse, ia ver tudo de cabeça pra baixo e ao contrário.”]

Em seguida vinha o depoimento de Noah:

> Eu joguei um pouco de “Battlefront” com Davis. Jantamos pizza. Meu pai sentou com a gente por um tempo, ficamos conversando sobre os Cubs. Ele disse que Davis precisava cuidar melhor de mim, e Davis disse alguma coisa tipo: Eu não sou pai dele. Mas eles estão sempre discutindo. Meu pai colocou a mão no meu ombro quando foi levantar, e eu achei isso meio esquisito. Eu senti ele apertando o meu ombro até quase doer. Aí ele me soltou e subiu. Davis me ajudou com o dever de casa de matemática e depois eu joguei “Battlefront” mais umas duas horas. Subi mais ou menos meia-noite e fui dormir. Não vi meu pai depois que ele deu boa–noite para a gente.

Nesse trecho havia também fotos, umas cem, mostrando todos os cômodos da casa.

Nada parecia fora do lugar. No escritório de Pickett havia pilhas de papéis que pareciam ter sido deixadas ali de um dia para o outro, não para sempre. Tinha um celular na mesinha de cabeceira do quarto dele. Os carpetes estavam tão limpos que dava para notar um único par de pegadas indo em direção à

escrivaninha e outro na direção contrária. Os armários tinham dezenas de ternos, alinhados perfeitamente, do cinza mais claro ao preto. Uma fotografia da pia da cozinha mostrava três pratos sujos com manchinhas de gordura de pizza e molho de tomate. A julgar pelas fotos, Pickett tinha sido abduzido em vez de simplesmente desaparecido.

No entanto, o documento não fazia menção alguma às fotografias da câmera de visão noturna, o que significava que tínhamos algo que os policiais não tinham: uma cronologia.

* * *

Depois das aulas, ao entrar no Harold, dei um grito quando Daisy apareceu do nada no banco de trás.

— Meu Deus, que susto!

— Desculpa — disse ela. — Eu estava me escondendo porque Mychal é da minha turma de história e eu não estou em condições de lidar com isso por enquanto. Ainda tenho um monte de comentários para responder. É dura a vida de uma escritora de fanfic independente. Alguma coisa interessante no registro da polícia?

— Parece que eles sabem um pouco menos que a gente — respondi, apesar de ainda estar recuperando o fôlego.

— Mentira! — exclamou Daisy. — Espera. Holmes, é isso. É isso! Eles sabem um pouco menos que a gente!

— Hã… E daí?

— A recompensa é para qualquer "informação que leve ao paradeiro de Russell Davis Pickett". Podemos não saber onde ele está, mas temos informações que eles não têm e que vão ajudar a encontrar o homem.

— Ou não — falei.

— Vamos ligar e perguntar: se soubéssemos onde Pickett estava na noite em que desapareceu, quanto isso valeria, hipoteticamente falando? Talvez não valha os cem mil, mas deve valer *alguma coisa.*

— Preciso falar com Davis sobre isso.

Eu estava com medo de traí-lo, embora mal o conhecesse.

— Parta corações, mas não quebre promessas, Holmes.

— Mas é que… A gente nem sabe se vai receber mesmo algum dinheiro por isso, entende? É só uma foto — falei, tentando explicar o motivo da minha hesitação. — Quer uma carona para o trabalho?

— Quero, pra variar.

* * *

Naquela noite, enquanto eu jantava com minha mãe na frente da TV, continuei pensando sobre o caso. E se eles realmente nos dessem uma recompensa? Sem dúvida era uma informação útil que a polícia não tinha. Talvez Davis passasse a me odiar — se algum dia descobrisse —, mas será que não era bobagem me importar com o que um garoto qualquer do Camping da Depressão pensava de mim?

Depois de um tempo remoendo isso, inventei que tinha dever de casa e fugi para o meu quarto. Fiquei com a sensação de que havia deixado escapar alguma coisa no tal documento da polícia, então comecei a ler tudo de novo. Ainda estava concentrada nisso quando Daisy me ligou. Mal terminei de dizer "oi" e ela já desatou a falar.

— Tive uma conversa altamente hipotética com um policial, e ele disse que a recompensa está sendo oferecida pela empresa, não pela polícia, e que cabe à organização decidir se qualquer informação é relevante, e que só vão liberar a recompensa depois que encontrarem Pickett. O que temos é definitivamente relevante, mas eu duvido muito que encontrem o homem só com uma foto da câmera de visão noturna, então talvez a gente tenha que dividir a recompensa com outras pessoas. Ou, se ele nunca for encontrado, talvez a gente nunca receba. Mesmo assim, essa foto ainda é melhor que nada.

— Ou a mesma coisa que nada, se ele não for encontrado.

— Sim, mas é uma pista. A gente pode conseguir pelo menos parte da grana.

— Se o encontrarem.

— Bandido capturado. Dinheiro na mão. Não estou entendendo qual é o problema, Holmes.

Naquele exato momento, meu celular vibrou.

— Tenho que ir — falei para Daisy, e desliguei.

Era uma mensagem de Davis:

Eu achava que não valia a pena ser amigo de quem só está interessado no dinheiro ou na influência de alguém.

Comecei a escrever uma resposta, mas logo chegou outra mensagem dele.

Nunca acredite na amizade de quem não gosta de VOCÊ.

Comecei a digitar novamente, mas vi o "digitando…", então parei e esperei.

Mas talvez o dinheiro seja parte de mim. Talvez seja o que eu sou.

Segundos depois, mais uma vez:

Qual a diferença entre quem somos e o que temos? Talvez nenhuma.

Já não ligo mais para o que faz alguém gostar de mim. Estou me sentindo muito sozinho. Sei que é patético. Mas é verdade.

Estou deitado numa banca de areia do campo de golfe do meu pai, olhando o céu. Meu dia hoje foi uma merda. Desculpa pelas mil mensagens.

Entrei embaixo das cobertas e respondi:

Eu: Oi.

Ele: Eu avisei que não era bom de papo. Então tá, se é assim que se começa uma conversa. Oi.

Eu: Você não é o seu dinheiro.

Ele: Então o que eu sou? O que é cada pessoa?

Eu: “Eu” é a palavra mais difícil de definir.

Ele: Talvez a gente seja o que não pode deixar de ser.

Eu: Talvez. Como está o céu?

Ele: Demais. Enorme. Incrível.

Eu: Também gosto de andar ao ar livre à noite. Dá uma sensação esquisita, tipo uma saudade de casa, mas não realmente de casa. É uma coisa gostosa de sentir.

Ele: Esse sentimento está transbordando em mim agora mesmo. Você está fora de casa?

Eu: Estou na cama.

Ele: É uma droga observar as estrelas a olho nu aqui, por causa da poluição luminosa. Mas estou vendo todas as oito estrelas da Ursa Maior, se contar Alcor.

Eu: Por que o seu dia foi uma merda?

Vi o “digitando...” e achei melhor esperar. Ele ficou um tempão escrevendo, e imaginei Davis digitando e apagando, digitando e apagando.

Ele: Acho que estou completamente sozinho aqui.

Eu: E o Noah?

Ele: Ele está sozinho também. Essa é a pior parte. Não sei como conversar com ele. Não sei como fazer essa dor passar. Ele não tem feito o dever de casa. Não consigo convencer meu irmão nem a tomar banho todo dia. Poxa, ele já não é mais criança, sabe? Não posso OBRIGAR Noah a nada.

Eu: Se eu soubesse alguma coisa… alguma coisa sobre seu pai... E te contasse. Você se sentiria melhor ou pior?

Ele digitou por um bom tempo. Por fim, veio a resposta.

Ele: Muito pior.

Eu: Por quê?

Ele: Por duas razões. Se Noah tiver 18 anos, ou 16, ou até 14 quando tiver que ver o pai indo pra cadeia, vai ser melhor do que se ele ainda tiver 13. E também porque seria menos pior se meu pai fosse pego porque entrou em contato com a gente. Mas se ele for pego SEM ter nos procurado, Noah vai ficar arrasado. Ele ainda acha que nosso pai ama a gente.

Por um momento, e apenas um momento, cogitei a hipótese de Davis ter ajudado o pai a sumir. Mas eu não conseguia imaginá-lo como cúmplice.

Eu: Sinto muito. Não vou dizer nada. Não se preocupe.

Ele: Hoje seria aniversário da nossa mãe, mas Noah mal a conheceu. Pra ele é tudo muito diferente.

Eu: Sinto muito.

Ele: E a questão é que, quando a gente perde alguém, a gente se dá conta de que no fim vai perder todo mundo.

Eu: É verdade. Depois que a gente se dá conta disso, não tem como esquecer.

Ele: As nuvens estão cobrindo o céu. Tenho que ir dormir. Boa noite, Aza.

Eu: Boa noite.

Coloquei o celular na mesinha de cabeceira e puxei as cobertas até a cabeça, pensando no céu enorme acima de Davis e no peso das cobertas sobre mim, pensando no pai dele e no meu. Davis tinha razão: no fim, todo mundo desaparece.

OITO

Daisy já estava perto da minha vaga quando cheguei com Harold à escola no dia seguinte. O verão é curto em Indianápolis, e, embora ainda fosse setembro, ela usava roupas leves demais para o clima daquela manhã: saia com blusa de manga curta.

— Estou enfrentando uma crise — anunciou Daisy assim que saí do carro. Enquanto atravessávamos o estacionamento, ela explicou: — Então, ontem à noite, Mychal me ligou e me chamou para sair. Eu teria me safado se tivesse sido por mensagem, mas você sabe como eu fico nervosa falando no telefone. Sem contar que ainda estou com medo de ele não lidar bem com tudo… *isso* — disse, apontando vagamente para si mesma. — Estou disposta a dar uma chance ao bebê gigante. Acontece que, num momento de desespero, como eu não queria me comprometer com um encontro de verdade, talvez eu tenha sugerido que a gente chamasse você e Davis para irem junto.

— Não acredito que você fez isso.

— Aí ele disse: "A Aza falou que não quer namorar", e eu falei: "Ah, mas é porque ela gosta de um cara da Aspen Hall", e ele falou: "O riquinho?", e eu: "É", aí ele disse: "Não acredito que fui rejeitado por engano e ainda por cima com uma desculpa falsa." Mas enfim, o fato é que sexta à noite você e eu e Davis e o bebê adulto vamos fazer um piquenique.

— Um piquenique?

— É, vai ser incrível.

— Não gosto dessa história de comer ao ar livre. Não podemos ir ao Applebee's? É só usar dois cupons.

Daisy parou e se virou para mim. Estávamos nos degraus da entrada, com um monte de gente passando em volta, e fiquei com medo de sermos pisoteadas, mas minha amiga tinha o dom de partir as águas dos mares: as pessoas abriam espaço para ela.

— Vou contar a lista das minhas preocupações, tá bom? — anunciou Daisy. — Número um: não quero ficar sozinha com Mychal no nosso primeiro e provavelmente último encontro. Dois: já falei para ele que você gosta de um cara da Aspen Hall, agora já era. Três: a verdade é que eu não dou uns beijos num ser humano há *meses*. Quatro: consequentemente, estou nervosa com essa história

toda e quero minha melhor amiga do meu lado para me dar uma força. Como você deve ter percebido, nenhuma das minhas quatro maiores preocupações é a dúvida se faço um piquenique ou não, então, se você quiser transferir essa joça para o Applebee's, está totalmente ok para mim.

Pensei por um instante.

— Vou tentar — falei.

Mandei uma mensagem para Davis enquanto esperava que o segundo sinal para a aula de biologia tocasse.

Eu: Vou com uns amigos no Applebee's da 86 com a Ditch na sexta. Tá a fim?

Ele respondeu na hora:

Ele: Sim. Busco você ou a gente se encontra lá?

Eu: A gente se encontra lá. Às sete tá bom?

Ele: Claro. Até lá.

* * *

Depois da escola, eu tinha uma consulta com a dra. Singh em seu consultório sem janelas no imenso North Hospital da Universidade de Indiana, em Carmel. Minha mãe se ofereceu para me levar, mas eu queria passar um tempo sozinha com Harold.

Durante todo o caminho até o consultório, pensei no que diria a minha médica. Como não consigo pensar enquanto ouço rádio, segui em silêncio a não ser pelo ronco ritmado do coração mecânico de Harold. Eu queria dizer a ela que estava melhorando, porque essa é a narrativa esperada quando se trata de doenças: um obstáculo que você superou, uma batalha que venceu. Doença é uma história contada no pretérito.

— Como você está? — perguntou a dra. Singh assim que me sentei.

As paredes do consultório eram nuas exceto por uma pequena foto de um pescador de pé numa praia, com uma rede jogada no ombro. Parecia uma fotografia genérica de banco de imagens, ou daquelas que já vêm no porta-retratos. Não tinha nem diplomas pendurados.

— Tenho a sensação de que não sou o motorista do ônibus da minha consciência.

— Você não está no controle — traduziu ela.

— Acho que não.

Ela estava sentada com as pernas cruzadas e o pé esquerdo batendo no chão, uma espécie de pedido de socorro em código Morse. A dra. Karen Singh estava sempre se mexendo, como aqueles desenhos animados antigos, mas no rosto conseguia manter uma ausência de expressão como eu nunca vi igual. Nunca deixava transparecer desprezo nem surpresa. Lembro que quando contei a ela que às vezes me imaginava arrancando o dedo médio e pisando nele mil vezes, ela só disse: "É porque o lócus do seu sofrimento está nele", e eu respondi: "Talvez", e ela completou: "Isso não é incomum."

— A ruminação ou os pensamentos intrusivos ganharam força?

— Não sei. Eles não pararam.

— Quando foi a última vez que você trocou o band-aid?

— Não sei — menti.

Ela só continuou me encarando, sem nem piscar.

— Depois do almoço.

— Ainda com medo da *C. diff*?

— Sei lá. Às vezes acontece.

— Você se sente capaz de resistir a…

— Não — interrompi. — Ainda sou maluca, se é essa a sua dúvida. Tudo na mesma em matéria de maluquice.

— Percebi que você usa muito essa palavra, "maluca". E parece zangada quando diz, quase como se estivesse xingando a si mesma.

— Ah, hoje em dia todo mundo é maluco. Sanidade adolescente é tão século XX.

— Me parece que você está sendo cruel consigo mesma.

Fiquei um instante em silêncio.

— Como posso ser cruel comigo mesma? Se eu posso fazer algo comigo mesma, então eu não sou realmente… uma só.

— Você está fugindo do assunto. Tem razão ao dizer que o conceito de indivíduo não é simples, Aza. Talvez não seja mesmo uma só. Cada ser é uma pluralidade, mas pluralidades também podem se integrar, certo? Pense em um arco-íris. É um mesmo arco de luz, mas ao mesmo tempo são também sete arcos de luz de cores diferentes.

— Tá, então eu me sinto mais como sete coisas do que como uma coisa só.

— Você sente que seus padrões de pensamento estão atrapalhando seu dia a dia?

— Hã… *Claro* que sim — respondi.

— Pode me dar um exemplo?

— Ah, sei lá, tipo… Eu estou no refeitório e começo a pensar que tem um monte de organismos morando dentro de mim e comendo a minha comida por

mim, e que eu meio que *sou* esses organismos, de certa forma… Então eu sou um ser humano tanto quanto sou esse aglomerado nojento de bactérias, e na verdade não tem nada que possa me deixar totalmente *limpa*, sabe? Porque a sujeira está impregnada no meu corpo inteiro. Não consigo encontrar em mim nenhuma parte, nem a mais profunda, que seja pura, ou intacta, a parte onde supostamente está minha alma. O que significa que as chances de eu ter uma alma são as mesmas que as de uma bactéria.

— Isso não é incomum. — Essa era a frase preferida dela.

A dra. Singh então quis saber se eu estaria disposta a tentar mais uma vez o tipo de terapia cognitivo-comportamental que tínhamos experimentado no início do tratamento. Basicamente, eu tinha que fazer coisas como encostar o dedo médio numa superfície suja e depois tentar não limpar nem trocar o band-aid. O tratamento até tinha me ajudado por um tempo, mas naquele momento eu só conseguia me lembrar do medo que sentia durante as sessões e não suportava a ideia de voltar a passar por todo aquele sofrimento, então rejeitei a proposta de cara.

— Está tomando o Lexapro? — perguntou ela.

— Sim.

A dra. Singh ficou em silêncio.

— Eu fico com um pouco de medo de tomar o remédio, então não tomo todo dia.

— Com medo?

— É. Não sei explicar.

Ela continuou me olhando, ainda batendo o pé. O ar dentro da sala parecia morto.

— Se um remédio deixa a pessoa tão diferente, se a transforma tão profundamente… É uma ideia meio bizarra, entende? Quem está decidindo o que eu sou: eu mesma ou os funcionários do laboratório que produz o Lexapro? É como se tivesse um demônio dentro de mim, e eu quero muito que ele vá embora, mas a ideia de expulsá-lo com remédios é… não sei… esquisita. Mas tem muitos dias em que supero isso e tomo mesmo assim, porque realmente odeio o demônio.

— Você com frequência usa metáforas para tentar compreender suas experiências, Aza. É um demônio morando dentro de você, sua consciência é um ônibus, ou uma prisão, ou uma espiral, ou um redemoinho, ou um looping, ou um… Acho que uma vez você se referiu a um círculo todo rabiscado. Achei interessante.

— Sim — confirmei.

— Um dos desafios da dor, seja física ou psíquica, é que só podemos nos

aproximar dela através de metáforas. Não temos como representá-la como fazemos com uma mesa ou um corpo. De certo modo, a dor é o oposto da linguagem.

A dra. Singh se virou para o computador, mexeu no mouse para tirar o monitor do modo de espera e clicou em uma imagem.

— Quero ler para você algo que Virginia Woolf escreveu: “O inglês, capaz de expressar os pensamentos de Hamlet e a tragédia de Lear, não tem palavras para o calafrio e a dor de cabeça… Uma simples colegial, quando se apaixona, tem Shakespeare ou Keats para expressar o sentimento em seu lugar, mas deixem um sofredor tentar descrever uma dor de cabeça a um médico e a língua logo se torna árida.” O ser humano é tão dependente da linguagem que, até certo ponto, não conseguimos entender o que não podemos nomear. Por isso presumimos que as coisas sem nome não são reais. Usamos termos genéricos, como *maluco* ou *dor crônica*, termos que ao mesmo tempo marginalizam e minimizam. *Dor crônica* não exprime a dor inescapável, persistente, constante, opressiva. E o termo *maluco* chega até nós sem nem um pingo do terror e da preocupação que dominam você. E nenhum dos dois transmite a coragem das pessoas que enfrentam esse tipo de dor, e é por isso que eu encorajaria você a enquadrar sua condição mental numa palavra que não *maluca*.

— Tudo bem.

— Você consegue dizer isso? Consegue dizer que é corajosa?

Fiz cara feia diante da sugestão.

— Não me obrigue a apelar para essas coisas de autoajuda.

— Essas coisas ajudam.

— Sou uma corajosa guerreira em meu Valhala interior — falei, com desdém.

Ela quase sorriu.

— Vamos pensar em alguma forma de você tomar a medicação todos os dias.

A dra. Singh começou a explicar as diferenças entre tomar pela manhã ou à noite, falou que poderíamos tentar também uma medicação diferente, mas que talvez fosse melhor fazer isso durante um período de menos estresse, como as férias, e por aí foi.

No meio disso tudo, senti uma pontada no estômago. Provavelmente era apenas nervosismo por ouvir informações sobre dosagens, mas eu não pude ignorar que esse é o primeiro sintoma da infecção pela *C. diff*: o estômago dói porque algumas poucas bactérias nocivas se reproduziram no intestino delgado, então o órgão se rompe e em questão de setenta e duas horas a pessoa está morta.

Eu precisava reler aquele estudo de caso da mulher que não teve nenhum sintoma além de dor de estômago. Só que não posso pegar o celular no meio da consulta, seria desrespeitoso, mas será que aquela mulher não teve mesmo

nenhum outro sintoma, ou eu estou sentindo exatamente as mesmas coisas que ela? Mais uma pontada. Ela teve febre? Eu não lembrava. Merda. Você foi infectada. Está suando. A dra. Singh saberia te examinar. Será que vale a pena contar? Ela é médica. Talvez seja melhor contar.

— Estou com um pouco de dor no estômago — falei.

— Você não está infectada — respondeu ela.

Assenti e engoli em seco. Em seguida, retruquei, baixinho:

— A senhora não sabe se estou ou não.

— Aza, você está com diarreia?

— Não.

— Tomou antibiótico recentemente?

— Não.

— Foi hospitalizada recentemente?

— Não.

— Você não tem a *C. diff*.

Aceitei, mas a dra. Singh não era gastroenterologista, e eu realmente sabia mais sobre a *C. diff* do que ela. Quase trinta por cento das vítimas fatais não tiveram contato com a bactéria em ambiente hospitalar e quase vinte por cento não tiveram diarreia. A dra. Singh voltou a falar sobre a medicação, enquanto eu só escutava em parte, porque comecei a achar que ia vomitar. A dor era real, como se meu estômago estivesse se contorcendo, como se os trilhões de micro-organismos dentro de mim estivessem abrindo espaço para a nova espécie que surgira por ali, aquela que me rasgaria de dentro para fora.

Eu suava. Se apenas eu confirmasse aquele estudo de caso… Então ela percebeu o que estava acontecendo.

— Que tal tentar um exercício de respiração?

E foi o que fizemos, inspirando fundo, depois exalando como se quiséssemos fazer a chama de uma vela tremular, sem apagá-la.

Fiquei de voltar dali a dez dias. Era um bom indício do meu nível de maluquice o período de tempo que a médica julgava seguro me deixar livre até a consulta seguinte. No ano anterior, por alguns meses, a dra. Singh queria me ver a cada oito semanas. Agora eram menos de duas.

No caminho até Harold, procurei o relatório do caso. Aquela mulher teve febre, sim. Falei para mim mesma que podia ficar aliviada, e acho até que consegui, mas quando cheguei em casa o sussurro já estava recomeçando, me dizendo que com certeza havia algo errado com o meu estômago, já que a dor não passava.

Penso: *Você nunca vai se livrar disso.*

Penso: *Você não controla seus pensamentos.*

Penso: *Você está morrendo, e dentro de você tem bichos que vão comer seu corpo até irromperem pela pele.*

Eu penso e penso e penso.

NOVE

Mas eu ainda tinha uma vida — uma existência mais ou menos normal —, que seguia seu curso. Os pensamentos me deixavam em paz por algumas horas ou dias, e eu me lembrava da minha mãe dizendo certa vez: o agora não é o sempre. Eu ia ao colégio, tirava boas notas, fazia meus trabalhos, conversava com minha mãe depois do almoço, jantava, via TV, lia. Não estava o tempo todo presa dentro de mim, ou dentro dos meus muitos eus. Eu não era *só* maluca.

No dia do encontro, cheguei em casa quase à noite e levei duas horas inteiras para me arrumar. Era fim de setembro, meados do outono, e o céu estava sem nuvens. O friozinho justificava um casaco, mas também permitia um vestido de mangas compridas com meia-calça. Por outro lado, a segunda opção deixaria óbvio que eu não estava encarando o evento como algo tão casual, e Daisy não ajudou em nada ao responder à minha mensagem dizendo que iria com um vestido longo de gala; não entendi se era brincadeira ou não.

Acabei usando minha calça jeans preferida, um casaco básico e uma camiseta lilás com estampa do Han Solo e do Chewbacca num abraço apertado. Presente de Daisy.

Depois fiquei meia hora passando e tirando maquiagem. Não sou muito fã dessas coisas, mas eu estava nervosa, e às vezes a maquiagem serve como armadura.

— Você passou delineador? — perguntou minha mãe quando saí do quarto.

Ela estava organizando algumas contas, com papéis espalhados pela mesa de centro. A caneta em uma das mãos pairava acima do talão de cheques.

— Um pouquinho — falei. — Por quê? Está esquisito?

— Só diferente — respondeu ela, sem conseguir disfarçar a desaprovação. — Aonde você vai?

— Ao Applebee’s, com Daisy, Davis e Mychal. Volto antes da meia-noite.

— É um encontro?

— É um jantar — respondi.

— Você está namorando Davis Pickett?

— Vamos jantar no mesmo restaurante, ao mesmo tempo. Não é exatamente um casamento.

Minha mãe indicou o lugar ao lado dela no sofá.

— Preciso estar lá às sete — falei.

Ela insistiu, então eu me sentei, e ela me abraçou.

— Você não conversa muito com a sua mãe.

A dra. Singh me disse uma vez que se colocarmos na mesma sala uma guitarra perfeitamente afinada e um violino perfeitamente afinado e tocarmos a corda ré da guitarra, a corda ré do violino vai vibrar junto, do outro lado do cômodo. Eu sempre sentia quando alguma nota vibrava na minha mãe.

— Não converso muito com ninguém.

— Quero que você tenha cuidado com esse Davis, tudo bem? O dinheiro é negligente, temos que ser sempre prevenidos perto dele.

— Davis não é dinheiro. É uma pessoa.

— As pessoas também podem ser negligentes. — Ela me abraçou com tanta força que senti meus pulmões se esvaziando. — Tome cuidado.

* * *

Fui a última a chegar, e só tinha lugar ao lado de Mychal, de frente para Davis, que usava uma camisa xadrez sem um único amassado, os antebraços expostos pelas mangas dobradas até o cotovelo. Não sei bem por quê, mas sempre senti uma atração especial pelo antebraço masculino.

— Legal sua camisa — comentou Davis.

— Daisy que me deu, de aniversário.

— Falando nisso, sabia que algumas pessoas acham que um Wookiee amar um ser humano é bestialidade? — comentou Daisy.

Mychal suspirou.

— Lá vai ela com aquela história de “Wookiees são pessoas”. Já estava demorando.

— Mas isso é o mais fascinante do universo de *Star Wars*! — exclamou Davis.

— Ai, meu Senhor… — gemeu Mychal. — Vai começar…

Daisy imediatamente se lançou em defesa do amor interespécie.

— Você sabia que, num trecho de *Star Wars Apocrypha*, Han Solo chegou a ser *casado* com uma Wookiee? Por acaso alguém deu chilique por causa disso?

Davis estava inclinado para a frente, atento. Ele era menor que Mychal, mas ocupava mais espaço — seus braços compridos e desengonçados dominavam a mesa como um exército domina um território.

Davis e Daisy lançaram-se numa discussão entusiasmada sobre a desumanização do Exército dos Clones, e Mychal se intrometeu para explicar

que Daisy era uma escritora de fanfic de *Star Wars* mais ou menos famosa. Davis procurou o nome de usuário dela no celular e ficou impressionado com as duas mil visualizações da sua história mais recente, e depois os três morreram de rir de alguma piada de *Star Wars* que eu não entendi direito.

— Água para todos, por favor — pediu Daisy, quando Holly se aproximou.

— Aqui não tem Dr Pepper? — perguntou ele, olhando para mim.

— O cupom não inclui refrigerantes — explicou Holly, em um tom apático. — E não trabalhamos com Dr Pepper. Só Pepsi.

— Bom, acho que podemos nos permitir uma rodada de Pepsi — respondeu Davis.

Percebi, no silêncio que se seguiu, que eu não havia falado nada desde que respondera ao elogio de Davis sobre minha blusa. Ele, Daisy e Mychal acabaram retomando a conversa sobre *Star Wars*, o tamanho do universo e viagens mais rápidas que a luz.

"*Star Wars* é a religião oficial dos Estados Unidos", ouvi Davis dizer em algum momento, ao que Mychal retrucou: "Eu acho que religião é a religião oficial dos Estados Unidos." Embora eu risse com eles, tinha a sensação de estar observando tudo de algum outro lugar, assistindo a um filme sobre a minha vida, e não vivendo de fato.

Quando ouvi meu nome, voltei de repente ao meu corpo, sentada ali no Applebee's, as costas apoiadas no banco acolchoado de vinil verde, o cheiro de fritura, o burburinho das conversas me cercando.

— Holmes tem Facebook também — dizia Daisy —, mas não deve postar nada desde os dez anos. — Ela me lançou um olhar que não consegui interpretar muito bem e continuou: — Holmes é quase minha vó quando se trata de internet. — Outra pausa. — *Não é?* — acrescentou, com intensidade, e só então me dei conta de que ela estava tentando a todo custo me incluir na conversa.

— Eu uso internet, só não sinto necessidade de, sei lá, contribuir com ela.

— É verdade, parece que já tem informação demais on-line — concedeu Davis.

— Pelo contrário — retrucou Daisy. — Por exemplo, tem pouquíssimas histórias românticas de qualidade sobre o Chewbacca, mas eu sou uma só, existe um limite para a minha produtividade. O mundo precisa que Holmes também entre nessa empreitada.

Houve uma breve pausa na conversa. A tensão fazia meus braços pinicarem, e o suor ameaçava vir com tudo a qualquer segundo. Até que eles retomaram a conversa, os assuntos indo de um lado para o outro, os três contando histórias, falando todos ao mesmo tempo, rindo. Tentei sorrir e assentir nas horas certas, mas estava sempre uma fração de segundo atrasada. Eles riam porque achavam

graça em alguma coisa; eu ria porque eles riam.

Eu não estava com fome. Fiquei comendo meu hambúrguer vegetariano em pedacinhos minúsculos, para dar a impressão de que estava comendo normalmente, mas meu estômago não aguentaria aquela comida toda. A conversa diminuiu enquanto comíamos, e, por fim, Holly apareceu com a conta.

Fui a primeira a pegar a nota, mas Davis colocou a mão sobre a minha, me impedindo.

— Por favor — disse ele. — Faço questão.

Deixei que ele pagasse.

— E aí? O que vamos fazer agora? — perguntou Daisy, animada. Eu já estava pronta para ir embora, comer alguma coisa sozinha no silêncio do meu quarto e dormir. — Que tal irmos ao cinema?

— Podemos ir para a minha casa — sugeriu Davis. — A gente recebe todos os filmes.

Mychal ficou intrigado.

— Como assim, vocês "recebem todos os filmes"?

— Recebemos todos os filmes que saem nos cinemas. Temos uma sala de exibição… A gente compra, sei lá. Na verdade, não sei como funciona.

— Você está dizendo que, quando um filme chega aos cinemas… você recebe também na sua casa?

— Isso mesmo. Quando eu era pequeno, tínhamos que chamar um operador para mexer no projetor, mas agora é tudo digital.

— Tipo… dentro da sua casa? — insistiu Mychal, ainda sem entender.

— Isso. Vou mostrar para vocês.

Daisy olhou para mim.

— Você topa, Holmes?

Contraí o rosto num sorriso e concordei.

* * *

Fui com Harold, enquanto Daisy seguiu com Mychal na minivan dos pais dele e Davis foi com seu carro na frente. Nossa pequena caravana pegou a rua 86 até a Michigan Road, passou pelo Walmart, pelas lojas de penhores e pelos escritórios que ofereciam empréstimo consignado até chegar ao portão majestoso da mansão dos Pickett, bem em frente ao museu de arte. A área não chegava a ser um bairro chique, mas a propriedade gigantesca constituía, por si só, praticamente um bairro todo.

O portão se abriu, e seguimos Davis até o estacionamento, ao lado da casa

envidraçada. O visual era ainda mais incrível à noite. Pelas paredes, via-se toda a cozinha mergulhada na luz dourada.

Mychal correu até mim quando saí do Harold.

— Você sabia que… Minha nossa, sempre quis conhecer essa casa. É da Tu-Quyen Pham!

— Quê?

— A arquiteta — explicou ele. — Tu-Quyen Pham. Ela é absurdamente famosa. Só projetou três residências nos Estados Unidos. Meu Deus, não consigo acreditar que estou realmente aqui.

Quando entramos na casa, Mychal começou a recitar uma série de artistas.

— Pettibon! Picasso! Meu Deus, isso é um KERRY JAMES MARSHALL!

Eu só conhecia Picasso.

— Pois é, eu que insisti para meu pai comprar esse — comentou Davis. — Dois anos atrás, ele me levou a uma feira de arte em Miami Beach. Eu adoro o trabalho do Marshall, é incrível.

Percebi que Noah continuava deitado no mesmo sofá, aparentemente jogando o mesmo jogo.

— Noah, trouxe alguns amigos. Pessoal, este é o Noah.

— E aí? — disse Noah.

— Tudo bem por você se eu só… hã… der uma volta por aqui? — perguntou Mychal.

— Sim, claro. Você vai gostar da colagem do Rauschenberg no segundo andar.

— Não *acredito* — exclamou Mychal, e disparou pela escada, com Daisy atrás.

Eu me descobri atraída pelo quadro que Mychal tinha chamado de “Pettibon”. Era uma espiral colorida, talvez uma rosa ou um redemoinho. Algum efeito nas linhas curvas fazia meus olhos se perderem na pintura, me obrigando a voltar repetidas vezes do todo para partes menores. Mais do que estar olhando para alguma coisa, a sensação era de ser aquela coisa. Tive que me conter para não arrancar o quadro da parede e fugir com ele.

Tomei um susto quando Davis tocou minhas costas.

— Raymond Pettibon. Ele é mais famoso pelas pinturas de surfistas, mas gosto das espirais. Era um músico punk antes de se tornar artista plástico. Fez parte da Black Flag antes que a banda se chamasse Black Flag oficialmente.

— Não sei o que é Black Flag.

Ele pegou o celular e, com alguns toques, fez surgir uma onda de som e gritos estridentes, e uma voz grave encheu a sala, projetada pelos alto-falantes no teto.

— Isso é Black Flag — disse Davis, e desligou a música. — Quer conhecer o

cinema?

Concordei. Fomos até o porão, que não era exatamente um porão, porque o pé-direito devia ter quase cinco metros, e seguimos pelo corredor até uma estante cheia de livros de capa dura.

— Aqui fica a coleção de primeiras edições do meu pai — explicou Davis. — Não temos permissão para ler nenhuma delas, é claro. A oleosidade das mãos estraga o papel. Mas você pode pegar esse aqui. — Ele apontou para um exemplar de *Suave é a noite*.

No momento em que toquei a lombada, a estante se abriu ao meio e correu para trás, revelando um cinema com seis fileiras de poltronas em couro preto, cada uma um pouco mais alta que a da frente, como num cinema de verdade.

Não falei nada. Ainda estava me recuperando do impacto da imensa tela.

— Está óbvio o esforço que estou fazendo para impressionar você — continuou Davis.

— Não está funcionando. Estou acostumada a frequentar mansões com cinemas escondidos.

— Quer ver um filme? Ou podemos caminhar um pouco lá fora. Quero te mostrar uma coisa.

— Não podemos abandonar Daisy e Mychal.

— Vou avisar a eles. — Davis voltou a pegar o celular. — Vamos dar uma volta — disse para o aparelho. — Fiquem à vontade. O cinema é no porão, se estiverem a fim.

Um segundo depois, alto-falantes no teto repetiram o que ele acabara de dizer.

— Eu poderia ter mandado uma mensagem — falei.

— Poderia, mas não teria o mesmo efeito.

* * *

Fechei o casaco e segui os passos de Davis. Descemos em silêncio por um dos caminhos asfaltados que levavam ao campo de golfe, passando pela piscina — que tinha iluminação subaquática, as cores mudando lentamente de vermelho para laranja, depois para amarelo e verde. As luzes projetavam um reflexo esquisito nas paredes de vidro do terrário, um efeito que me lembrou a aurora boreal tal como eu vira em fotos.

Seguimos andando até uma das bancas de areia no campo de golfe. Davis se deitou ali no meio, a cabeça apoiada na curva gramada. Eu me deitei ao lado dele, nossos casacos se tocando.

— A poluição luminosa está forte — disse Davis, apontando para o céu —,

mas a estrela mais brilhante visível… Ali, está vendo?

— Sim.

— Aquilo não é uma estrela. É Júpiter. Mas, dependendo das órbitas e tal, Júpiter está entre 628 e 928 milhões de quilômetros de nós. Nesse momento, está a cerca de oitocentos milhões de quilômetros, o que é mais ou menos quarenta e cinco minutos-luz. Conhece essa medida?

— Mais ou menos.

— Quer dizer que, se estivéssemos viajando na velocidade da luz, levaríamos quarenta e cinco minutos para irmos da Terra a Júpiter. Portanto, o Júpiter que estamos vendo agora é, na verdade, o Júpiter de quarenta e cinco minutos atrás. Mas ali, logo acima daquelas árvores, sabe aquelas cinco estrelas que meio que formam um *W* torto?

— Estou vendo.

— Então. Aquela é Cassiopeia. O mais louco é que a estrela no alto, Caph, está a 55 anos-luz de distância. Depois vem Shedar, a 230 anos-luz. E depois Navi, a 550 anos-luz. Não só nós não estamos perto das estrelas como as estrelas não estão perto umas das outras. Até onde se sabe, Navi explodiu quinhentos anos atrás.

— Uau. Então, estamos olhando para o passado.

— Sim, é isso mesmo.

Senti que ele tateava à procura de alguma coisa; o celular, provavelmente. Quando olhei para baixo, vi que Davis estava tentando segurar minha mão. Dei a mão a ele. Ficamos em silêncio sob a luz ancestral das estrelas. Eu estava pensando na cor do céu — ao menos daquele céu —, que na verdade não era preto. A única escuridão real estava nas árvores, que só víamos como silhuetas. Elas eram sombras de si mesmas contra o rico azul-prateado do céu noturno.

Senti Davis virar o rosto para mim. Fiquei tentando entender por que queria que ele me beijasse, e como saber por que queremos estar com alguém, e como desemaranhar os nós do querer. Tentei entender por que eu tinha medo de me virar para ele.

Davis voltou a falar sobre as estrelas — que, conforme avança a escuridão da noite, podemos ver mais e mais estrelas, tênues e vacilantes, oscilando no limite do visível — e sobre poluição luminosa, e que eu veria as estrelas se movendo se tivesse paciência, e que um filósofo grego achava que as estrelas eram furinhos no manto cósmico. Então, depois de um momento de silêncio, Davis comentou:

— Você não fala muito.

— Nunca sei direito o que dizer.

Ele repetiu o que eu mesma havia dito para ele no dia em que nos reencontramos, junto à piscina de sua casa:

— Você pode tentar dizer o que está pensando. É uma coisa que eu mesmo *nunca* faço.

Resolvi contar a verdade.

— Estou pensando bobagens sobre o nosso organismo.

— Que bobagens?

— Não consigo explicar.

— Tenta.

Foi então que me virei para encará-lo. Tanta gente exalta a beleza dos olhos verdes e azuis, mas havia uma profundidade nos olhos castanhos de Davis que simplesmente não existe nas cores mais claras, e o olhar dele me fez sentir como se houvesse alguma coisa que valesse a pena ver também no castanho dos meus olhos.

— Acho que eu não gosto de ter que viver num corpo, se é que isso faz sentido. Acho que talvez, no fundo, eu seja só um instrumento, uma coisa que existe apenas para transformar oxigênio em dióxido de carbono, um mero organismo nessa… nessa imensidão toda. E é um pouco aterrorizante pensar que o que eu considero como o meu… abre aspas, meu *eu*... fecha aspas... não está nem um pouco sob o meu controle. Tipo, como você já deve ter percebido, minhas mãos estão suando apesar do frio, e eu odeio suar, porque quando começo não consigo fazer parar, e aí não consigo pensar em mais nada a não ser no suor. E se a gente não pode escolher o que faz nem o que pensa, então talvez a gente não seja real, sabe? Talvez eu seja uma mentira que estou sussurrando para mim mesma e nada mais.

— Na verdade, eu nem percebi que você estava suando. Mas imagino que dizer isso não ajude em nada.

— É, não mesmo.

Sequei a mão na calça jeans e depois sequei o rosto com a manga do casaco. Eu tinha nojo de mim mesma. Eu era uma criatura repulsiva, mas não conseguia fugir do meu “eu”, porque estava presa naquele corpo. Então lembrei que o cheiro do nosso suor não é do suor em si, mas das bactérias que se alimentam dele.

Comecei a contar a Davis sobre um parasita esquisito, *Diplostomum pseudospathaceum*, que cresce nos olhos dos peixes mas só se reproduz dentro do estômago dos pássaros. O peixe infectado com o parasita adormecido nada em águas profundas para tornar mais difícil que os pássaros o vejam, mas quando o parasita está pronto para se reproduzir, o peixe infectado de uma hora para outra começa a nadar próximo da superfície. Ele basicamente começa a tentar ser comido por um pássaro, e acaba conseguindo, e o parasita que foi o autor dessa história o tempo todo vai parar bem onde precisa: na barriga do

pássaro. O parasita se reproduz ali, e os bebês parasitas caem na água pelas fezes dos pássaros, onde acabam encontrando um novo hospedeiro, e assim o ciclo recomeça.

Eu estava tentando explicar a Davis por que aquilo me apavorava tanto, mas não conseguia, e percebi que havia levado aquela conversa para muito longe do ponto em que nos daríamos as mãos e quase nos beijaríamos e que no momento eu estava falando sobre fezes de pássaros infectadas por parasitas, o que é meio que o total oposto do conceito de diálogo romântico, mas eu não conseguia me conter, porque queria que ele compreendesse que eu me sentia como o peixe, como se toda a minha história estivesse sendo escrita por outra pessoa.

Cheguei a contar algo que eu nunca tinha dito nem a Daisy, ou à dra. Singh, a ninguém: que todo o problema de apertar a ponta do dedo tinha começado como uma tentativa de me convencer de que eu era real. Minha mãe uma vez me disse, quando eu era pequena, que se eu me beliscasse e não acordasse era porque estava sonhando, e por isso toda vez que me vinha o medo de não ser real eu cravava a unha na pele e sentia a dor, e por um segundo eu pensava: "É claro que sou real." Mas o peixe sente dor, essa é a questão. O problema é que não dá para *saber* se estamos sob o comando de algum parasita, não dá para ter certeza.

Depois de toda essa minha verborragia, não dissemos nada por um bom tempo. Por fim, Davis quebrou o silêncio:

— Minha mãe ficou internada por uns seis meses depois do aneurisma. Sabia? — Apenas balancei a cabeça. — Acho que ela estava em coma, não sei… Ela não conseguia falar nem fazer nada, nem se alimentar, mas às vezes apertava a mão de quem tocasse a dela.

"Noah era pequeno demais para visitá-la, mas eu ia. Todo dia, Rosa me levava ao hospital, e eu ficava deitado na cama com minha mãe, e ficávamos vendo *Tartarugas Ninja* na TV.

"Ela ficava de olhos abertos e tudo o mais, respirava sozinha também, e eu ficava deitado com ela vendo TV, o Homem de Ferro sempre comigo. Eu apertava o boneco com força, deixava a mão na da minha mãe e esperava. Às vezes, ela apertava a minha, o punho fechado com firmeza no meu, e quando isso acontecia eu me sentia… sei lá… *amado*, acho.

"Enfim. Eu me lembro de uma vez que meu pai apareceu lá e ficou encostado na parede do outro lado do quarto, como se ela tivesse alguma doença contagiosa. Minha mãe apertou minha mão, e eu contei a ele. Falei que ela estava fazendo aquilo, e ele disse: 'É só um reflexo.' Eu insisti: 'Ela está apertando minha mão, pai, olha.' Aí ele disse: 'Ela não está aí, Davis. Ela não está mais aí.'

"Mas não é assim que funciona, Aza. Minha mãe ainda era real. Ainda estava

viva. Era uma pessoa tanto quanto qualquer outra. Você é real, mas não por causa do seu corpo ou dos seus pensamentos.

— Então, por quê? — perguntei.

Ele suspirou.

— Não sei.

Eu me virei para ele.

— Obrigada por me contar tudo isso.

Eu observei seu rosto. Davis às vezes parecia um menino, a pele clara, as espinhas no queixo, mas naquele momento ele estava bonito. O silêncio entre nós foi ficando desconfortável, até que acabei fazendo a pergunta mais idiota possível, porque realmente queria saber a resposta.

— No que *você* está pensando?

— Estou pensando que é bom demais para ser verdade — respondeu ele.

— O quê?

— Você.

— Ah. — Depois de um segundo, acrescentei: — Ninguém nunca diz que algo é ruim demais para ser verdade.

E foi então que eu entendi, pelo que ele me contou a seguir.

— Eu sei que você viu a foto. A foto da câmera de visão noturna. — Como não falei nada, ele continuou: — É isso o que você disse que sabia, o que quer contar à polícia. Eles vão te dar a recompensa?

— Não estou aqui por causa… — comecei.

— Mas como eu posso ter certeza, Aza? Como algum dia vou poder ter certeza? Em relação a qualquer pessoa? Você já entregou a foto?

— Não, não entregamos. Daisy quer fazer isso, mas não vou deixar. Prometo.

— Como posso ter certeza? — repetiu ele. — Fico tentando deixar isso de lado, mas não consigo.

— Eu não quero a recompensa — afirmei, mas nem eu mesma sabia se era verdade.

— Estar vulnerável é pedir para ser usado.

— É assim com todo mundo — retruquei. — E o que Daisy e eu temos nem é importante. É só uma foto. Não ajuda a desvendar onde ele está.

— Dá aos policiais uma hora e um lugar. Mas você tem razão, não vão encontrá-lo. Só que vão me perguntar por que não contei isso, e eu não tenho um bom motivo. Só não quero ter que lidar com o pessoal do colégio durante o julgamento. Não quero que Noah passe por isso. Quero que… que tudo seja como antes. E, com meu pai desaparecido, nossa vida é bem mais normal do que seria com ele na cadeia. A verdade é que ele não me contou que estava indo embora. Mas, se tivesse contado, eu não teria impedido.

— Mesmo se a gente entregasse a foto à polícia, eles não prenderiam você nem nada do tipo.

De repente, ele se levantou e saiu andando pelo campo de golfe.

— É um problema fácil de resolver — ouvi Davis dizer consigo mesmo.

Fui atrás dele, pegando o caminho que levava ao chalé, e entramos. Era uma cabana rústica, com painéis de madeira por toda parte, pé-direito alto e uma impressionante variedade de cabeças de animais empalhadas nas paredes. Um conjunto muito macio de sofá e cadeiras forrados com tecido xadrez formavam um semicírculo de frente para uma enorme lareira.

Davis foi até o bar, abriu o armário acima da pia, pegou uma caixa de cereal e a virou na pia — de cereal mesmo caiu só um pouquinho, mas logo surgiu um maço de notas presas por uma tira de papel. Quando me aproximei, vi escrito "10.000". Achei impossível haver dez mil dólares naquele maço tão fino: devia ter menos de um centímetro. Então um segundo maço caiu da caixa, e mais outro. Davis então pegou no armário outra caixa de um cereal diferente e repetiu o processo.

— O que… o que você está fazendo? — perguntei.

— Meu pai esconde dinheiro em tudo quanto é lugar — respondeu ele, já na terceira caixa. — Encontrei um desses bolinhos de notas embaixo das almofadas do sofá outro dia. Ele esconde dinheiro como alcoólatras escondem garrafas de vodca.

Davis limpou os farelos de cereal das notas e as empilhou na bancada. Juntas, cabiam em apenas uma das mãos.

— Aqui tem cem mil — informou ele, estendendo todo o dinheiro para mim.

— Nem pensar, Davis. Não posso…

— Aza, os policiais encontraram tipo dois milhões quando vieram prender meu pai, e aposto que não é nem metade do que está escondido por aqui. Eu encontro esses maços pela casa inteira, entende? Não estou esnobando, mas é que para o meu pai isso é mixaria. Pega sua recompensa por *não* entregar a foto. Vou pedir para o nosso advogado ligar para você amanhã. O nome dele é Simon Morris. Ele é legal, só meio formal demais.

— Não estou…

— Eu preciso ter *certeza* — insistiu Davis. — Por favor, só… Se depois disso você ainda me procurar, vou saber que não estava interessada apenas na recompensa. Você também vai saber. Vai ser bom saber… mesmo se você não me ligar nunca mais.

Ele foi até um armário, pegou uma sacola azul, enfiou todo o dinheiro nela e me entregou.

Davis parecia tão vulnerável naquele momento: os olhos castanhos

marejados, o medo e a exaustão evidentes no rosto, como uma criança acordando de um pesadelo. Peguei a bolsa.

— Eu vou ligar — falei.

— Vamos ver.

* * *

Saí da cabana devagar, mas atravessei às pressas o campo de golfe, contornei a área da piscina e entrei a toda na mansão. Subi a escada como um raio e cruzei o corredor até ouvir a voz de Daisy atrás de uma porta fechada. Abri. Ela e Mychal estavam se beijando numa enorme cama de dossel.

— Hã…

— Podemos ter um pouco de privacidade, por favor? — disse Daisy.

Fechei a porta, resmungando:

— Como se a casa fosse sua.

Eu não sabia para onde ir, então desci. Noah estava no sofá, vendo TV. Fui até ele e percebi que, aos treze anos, ele ainda usava um pijama infantil (do Capitão América). No colo repousava uma tigela de algum cereal colorido, sem leite. Noah pegou um punhado e enfiou na boca.

— E aí? — disse ele, mastigando.

O cabelo dele estava oleoso e emaranhado na testa, e, quando cheguei mais perto, achei o irmão de Davis pálido demais, a pele quase translúcida.

— Está tudo bem, Noah?

— Tô arrasando. — Ele engoliu e depois perguntou: — Já descobriu alguma coisa?

— Hein?

— Sobre o meu pai. Davis disse que você está atrás da recompensa. Descobriu alguma coisa?

— Nada.

— Posso mandar um negócio para você? Copiei do iCloud todas as anotações do celular do meu pai. Vai que ajuda. Pode ter alguma pista, sei lá. A última anotação, que ele escreveu na noite em que sumiu, é “a boca do corredor”. Sabe o que significa?

— Não.

Dei o número do meu celular a Noah, para que ele me enviasse as anotações, e prometi investigar.

— Obrigado — disse ele, baixinho. — Davis acha que vai ser melhor para a gente se ele continuar desaparecido. Que seria pior se o papai fosse preso.

— E o que você acha?

Noah pensou sobre aquilo por alguns instantes, apenas me encarando.

— Quero que ele volte para casa.

Eu me sentei ao lado dele.

— Tenho certeza de que seu pai vai aparecer.

Senti Noah se inclinando até apoiar o ombro no meu. Digamos que contato físico com estranhos não é algo que me empolgue muito, ainda mais se tudo indica que a pessoa não toma banho há alguns dias, mas mesmo assim tentei consolar o garoto.

— Não tem problema sentir medo, Noah. — Ele virou o rosto e começou a chorar. — Está tudo bem — menti. — Vai dar tudo certo. Ele vai voltar.

— Minha cabeça está uma confusão — confessou, o fiapo de voz saindo meio estrangulado por causa do choro. — Desde que ele foi embora, estou muito confuso.

Eu sabia bem como era. Sempre me senti incapaz de pensar direito, de concluir os pensamentos, porque eles me vinham à cabeça não em linhas retas, mas num emaranhado de nós enroscados uns nos outros, em areia movediça, sendo engolidos por buracos negros.

— Está tudo bem — menti de novo. — Você só precisa descansar um pouco.

Eu não sabia o que mais poderia dizer. Ele era tão pequeno e estava tão solitário…

— Você me conta? Se descobrir alguma coisa?

— Claro que conto.

Depois de um tempo, ele endireitou a postura e secou o rosto na manga do pijama. Sugeri que tentasse dormir um pouco. Já era quase meia-noite.

Noah deixou a tigela na mesa de centro, se levantou e subiu sem se despedir.

Eu não sabia para onde ir e estava ficando nervosa com aquela sacola de dinheiro. Acabei indo embora. Olhando para o céu enquanto andava devagar até Harold, fiquei pensando sobre as estrelas de Cassiopeia, a centenas de anos-luz de mim e umas das outras.

A sacola balançava na minha mão a cada passo. Não pesava quase nada.

DEZ

No dia seguinte, logo ao acordar, mandei uma mensagem para Daisy.

Tenho novidades. Me liga.

No segundo seguinte, o telefone tocou.

— Oi — atendi.

— Sei que ele é um bebê gigante, mas um exame detalhado me mostrou que também é gostoso. E, no geral, bem charmoso, além de muito receptivo e confiante em termos sexuais, embora a gente não tenha feito *aquilo* nem nada.

— Isso é incrível! Mas então, ontem eu…

— E acho que ele realmente gosta de mim, sabe? Normalmente eu sinto que intimido um pouco os garotos, mas com ele não teve isso. Quando ele me abraçava, eu me se sentia *abraçada*, está me entendendo? Sem contar que ele me ligou agora cedo e eu achei fofo em vez de exagerado. Mas, por favor, não pense que vou ficar que nem aquelas garotas que se apaixonam e abandonam a melhor amiga. Ai, meu Deus, acabei de dizer que estou apaixonada! Faz menos de vinte e quatro horas que a gente ficou e já estou usando essa palavra amaldiçoada. O que está acontecendo? Como é que de repente esse garoto que eu conheço desde o oitavo ano ficou tão incrível?

— Porque você lê fanfics de romance demais?

— Não existe isso de ler fanfic demais. E o Davis?

— É sobre isso que eu estou tentando falar. A gente pode se encontrar? Você tem que ver com seus próprios olhos.

Queria só ver a cara dela quando eu mostrasse o dinheiro.

— Poxa, não vai dar. Tenho um compromisso daqui a pouco.

— Achei que você não fosse abandonar sua melhor amiga.

— E não vou. Meu encontro é com Charles Cheese, o ratinho. Sofro demais. Dá para esperar até segunda?

— Na verdade, não.

— Tudo bem. Eu saio às seis. Applebee’s. Mas talvez eu tenha que ser multitarefas, porque estou tentando terminar uma história… Não leve para o lado pessoal, viu opa ele tá me ligando tenho que atender te amo beijo tchau.

Quando afastei o celular do ouvido, vi minha mãe à porta.

— Está tudo bem? — perguntou ela.

— Santa superproteção, mãe.

— Como foi o encontro com aquele menino?

— Que menino? São tantos. Tenho até uma planilha para organizar todos eles direitinho.

* * *

Para fazer hora até o encontro com Daisy, dei uma olhada no arquivo que Noah me mandara, com os registros do pai no aplicativo de anotações do iPhone. Era uma lista longa e aparentemente desconexa. Tinha de tudo, desde títulos de livros a citações.

Com o tempo, os mercados sempre vão procurar se tornar mais livres.
Valor experimental.
Quinto andar escada um
Desonra - Coetzee

Páginas e mais páginas disso, apenas pequenos lembretes pessoais, inescrutáveis para outras pessoas. Mas as quatro últimas anotações chamaram minha atenção.

Maldivas Kosovo Camboja
Nunca fale sobre o nosso negócio com estranhos
A menos que você deixe uma perna para trás
A boca do corredor

Era impossível saber a data daquelas anotações, ou mesmo se tinham sido escritas na mesma ocasião, mas era muito provável que estivessem relacionadas, considerando o que descobri. Uma rápida busca no Google me informou que tanto Kosovo como o Camboja e as Ilhas Maldivas não tinham tratado de extradição com os Estados Unidos, ou seja, Pickett provavelmente se livraria das acusações de que era alvo se fosse morar em um desses lugares. Quanto a *Nunca fale sobre o nosso negócio com estranhos*, é a biografia de uma mulher cujo pai passou a vida fugindo da lei. Por fim, os principais resultados para “a menos que você deixe uma perna para trás” levavam a uma reportagem que investigava como era a vida de fugitivos do colarinho-branco, e a frase em questão se referia à dificuldade de forjar a própria morte.

Só não consegui achar sentido algum para “a boca do corredor”, e a busca só

me levou a várias imagens de gente correndo de boca aberta. É claro, todo mundo de vez em quando anota coisas absurdas e aleatórias, que só fazem sentido na nossa cabeça. É para *isso* que servem aplicativos desse tipo. Talvez Pickett simplesmente tivesse visto algum atleta com uma boca esquisita. Acabei deixando a lista de lado, apesar de me sentir mal por frustrar as expectativas de Noah.

* * *

Harold e eu chegamos ao Applebee's meia hora antes do combinado. Por alguma razão, eu estava com medo de sair do carro, mas então me ocorreu que dava para alcançar o porta-malas abaixando o encosto do banco traseiro. Com um pouco de contorcionismo, passei para a parte de trás e tateei até encontrar a sacola com o dinheiro e o celular do meu pai, com o carregador.

Enfiei a bolsa embaixo do banco do carona, coloquei o celular do meu pai para carregar e esperei um pouquinho para conseguir ligar.

Anos antes, minha mãe tinha salvado todas as fotos e e-mails do meu pai no computador e em vários HDs externos, mas eu ainda gostava de ver as fotos no próprio telefone; em parte, porque sempre fiz assim, mas principalmente porque havia certa mágica em mexer no celular *dele*, ainda que passados oito anos desde que seu corpo parara de funcionar.

As luzes do aparelho se acenderam e a tela inicial me recebeu com a foto que mostrava minha mãe e eu no Juan Solomon Park, a Aza de sete anos num balanço, de costas, se inclinando toda para conseguir olhar para a câmera. Minha mãe sempre diz que eu me lembro das fotos em vez do que realmente aconteceu, mas eu sinto como se lembrasse do momento em si: meu pai me empurrando no balanço, a mão dele do tamanho das minhas costas, a certeza de que me deixar levar e subir era também voltar para ele.

Abri uma das fotos. A maioria tirada por ele próprio, eram raras as que mostravam seu rosto. Em vez de ver meu pai, eu via o que ele via, o que atraía seu olhar — a maior parte sendo minha mãe, eu e o céu entrecortado por galhos de árvores.

Fui passando de foto em foto, nos vendo rejuvenescer. Minha mãe num triciclo minúsculo segurando uma Aza pequenina nos ombros; eu tomando café da manhã, o rosto todo sujo de açúcar e canela. As únicas fotos em que meu pai aparecia eram selfies, mas os celulares da época não tinham câmera frontal, o que impedia um enquadramento preciso. As imagens inevitavelmente saíam tortas e cortavam algum pedaço do nosso rosto, mas pelo menos eu sempre saía,

grudada na minha mãe — eu vivia agarrada com ela.

Como minha mãe parecia jovem naquelas fotos! A pele lisinha, o rosto fino. Meu pai sempre tirava cinco ou seis seguidas, certo de que alguma sairia boa, e se eu passasse rápido por elas, via o sorriso da minha mãe aumentando ou diminuindo e a Aza de seis anos se esticando para um lado ou outro, mas o rosto do meu pai nunca se alterava.

Quando ele caiu, a música ainda saía pelos fones de ouvido. Eu me lembro bem disso. Era alguma canção soul antiga, o som brotando bem alto dos fones no chão, o corpo caído de lado. Meu pai ficou ali, com o cortador de grama parado, perto da única árvore do nosso jardim. Minha mãe me mandou ligar para a emergência, e foi o que eu fiz. Avisei à atendente que meu pai tinha caído. Ela me perguntou se ele estava respirando, eu repeti a pergunta à minha mãe, que disse que não, e o tempo todo aquele soul totalmente destoante vazando dos fones no mesmo tom agudo e metálico.

Minha mãe continuou tentando reanimá-lo, sem descanso, até a ambulância chegar. Meu pai já estava morto desde o primeiro momento, mas não sabíamos. A certeza só veio quando um médico entrou na sala de espera sem janelas e nos perguntou: “Seu marido tinha problemas cardíacos?” *Tinha*, no passado.

Minhas fotos preferidas eram as poucas em que meu pai estava fora de foco, porque é assim que as pessoas são, na verdade. Escolhi uma dessas, uma dele com um amigo, num jogo dos Pacers, a quadra de basquete aparecendo atrás, os dois com os traços embaçados.

Então eu contei a ele. Falei que tinha dado sorte e arranjado um dinheiro, e que eu tentaria usá-lo do jeito certo, e que sentia saudades.

* * *

Eu já tinha guardado o celular e o carregador quando avistei Daisy indo na direção do Applebee’s. Abri a janela do Harold e gritei seu nome. Ela entrou no carro e se instalou no banco do carona.

— Tem como você me levar em casa depois? Meu pai não pode me buscar porque vai levar Elena a um evento aí de matemática.

— Claro. Escuta, tem uma sacola embaixo do seu banco. Não faça escândalo.

Ela enfiou a mão no local indicado, puxou a sacola e abriu.

— *Cacete* — sussurrou. — Meu Deus do céu, o que é isso, Holmes? É de verdade?

Seus olhos ficaram cheios de lágrimas. Eu nunca tinha visto Daisy chorar.

— Davis disse que valia mais a pena para ele, que preferia nos dar logo a

recompensa, para a gente não ficar mais xeretando.

— Isso é dinheiro de verdade?

— Imagino que seja. Parece que o advogado dele vai me ligar amanhã.

— Holmes, isso é, isso é… Tem cem mil dólares aqui?

— Aham, cinquenta para cada. Será que a gente pode aceitar isso?

— Claro que pode.

Contei a ela que Davis havia chamado aquilo de “mixaria”, mas confessei que mesmo assim eu tinha medo de ser dinheiro sujo, ou de nos acusarem de extorsão, ou… Mas ela me fez calar a boca.

— Ah, Holmes… nunca vou entender essa ideia escrota de que recusar dinheiro é um gesto nobre.

— Mas é que… Sei lá, só conseguimos esse dinheiro porque conhecemos alguém.

— Sim, e Davis Pickett só conseguiu esse dinheiro porque *ele* conheceu alguém, mais especificamente o pai. Não é ilegal nem antiético. É *maravilhoso.*

Daisy estava com o olhar perdido. Começara a chuviscar um pouco — era um daqueles dias chuvosos em Indiana, quando se tem a sensação de que o céu está muito próximo do chão.

Lá fora, na Ditch Road, o sinal de trânsito ficou amarelo e, depois, vermelho.

— Eu vou estudar — disse Daisy. — E não vai ser numa faculdade qualquer.

— Ei, isso não paga o curso inteiro.

Ela sorriu.

— Sim, eu sei que não paga o curso inteiro, sua estraga-prazeres. Mas são cinquenta mil, e isso já é meio caminho andado, sim, senhora. — Daisy saiu do transe e se virou para mim, me agarrando pelos ombros e me sacudindo. — HOLMES. VÊ SE FICA FELIZ. ESTAMOS RICAS. — Ela tirou uma única nota de cem dólares de um dos bolos e a enfiou no bolso. — Vamos pedir o melhor prato que o Applebee’s tem a oferecer.

* * *

Acomodadas à nossa mesa de sempre, Daisy e eu deixamos Holly chocada pedindo refrigerantes.

— Vai querer seu Blazin’ Texan Burger? — perguntou ela, ao trazer as bebidas.

— Holly, qual é a melhor carne que vocês têm?

— Nenhuma é lá essas coisas — respondeu ela, com seu mau humor de sempre.

— Bem, então vou querer meu tradicional Blazin’ Texan Burger, mas dessa vez o acompanhamento vai ser anéis de cebola. Sim, eu sei que é cobrado à parte.

Holly anotou tudo e olhou para mim.

— O vegetariano — pedi. — Sem queijo, sem maionese e…

— Sim, já sei — interrompeu Holly. — Trouxe o cupom?

— Hoje não, Holly — respondeu Daisy. — Hoje não.

* * *

Passamos a maior parte do jantar imaginando detalhadamente a demissão de Daisy do Chuck E. Cheese’s.

— Quero entrar lá amanhã como se fosse um dia normal, e, quando meu nome sair no sorteio para me vestir de ratinho Chuck, eu simplesmente vou dar meia-volta e levar embora a fantasia. Vou sair de lá pela porta da frente, entrar no meu carro zero quilômetro, levar o Chuck para casa, mandar empalhar aquele bicho e pendurar na minha parede como um troféu de caça.

— É tão estranho pendurar na parede a cabeça de animais que as pessoas matam. O chalé do Davis é cheio desses troços.

— Nem me fale — disse Daisy. — Mychal e eu tivemos que nos agarrar à sombra da cabeça de um alce. A propósito: valeu mesmo por interromper a gente ontem, sua pervertida.

— Desculpa, eu queria contar que você estava rica. — Daisy riu e balançou a cabeça, ainda incrédula. — Aliás, esbarrei com Noah, sabe? O irmão mais novo do Davis? Ele me perguntou se eu sabia de alguma coisa sobre o Pickett e me mostrou essas anotações do pai dele. Olha só. — Mostrei a ela. — A última delas é “a boca do corredor”. Você sabe o que pode ser isso? — Mas Daisy também não fazia ideia. — Fiquei mal pelo Noah. Ele chorou e tudo.

— Aquele garoto não é problema seu. Nosso negócio não é ajudar órfãos bilionários. Nosso negócio é ficar rica. E está dando certo.

— Cara, cinquenta mil não deixa ninguém *rico*. Não chega nem à metade do que se paga para estudar na Universidade de Indiana.

Era a instituição que ficava a duas horas de onde morávamos, em Bloomington.

Daisy ficou em silêncio, os olhos vazios, tamanha a concentração.

— Muito bem — disse ela, por fim. — Eu estava só fazendo uns cálculos mentais. Cinquenta mil equivalem a quase cinco mil e novecentas horas de trabalho no meu emprego atual, o que dá setecentos e oito dias de trabalho, e

isso se eu conseguisse sempre um turno integral, o que normalmente não acontece. A partir disso, concluímos que cinquenta mil são dois anos de trabalho, considerando uma frequência de sete dias por semana, oito horas por dia. Isso pode até não ser o seu conceito de rica, mas é o meu.

— Faz sentido.

— E tudo isso estava numa caixa de Cheerios.

— Na verdade, mais da metade estava em caixas de cereais de fibra de trigo.

— Sabe o que demonstra que você é uma BFF de respeito, Holmes? Você *me contou* sobre o dinheiro. Olha, eu *espero* ser o tipo de pessoa que teria dividido o dinheiro com você numa situação que envolvesse um prêmio de loteria no valor de seis dígitos, mas, para ser honesta, não confio em mim mesma. — Ela deu uma mordida no hambúrguer e engoliu quase tudo de uma vez antes de voltar a falar. — Esse cara, esse advogado, será que ele não vai tentar pegar o dinheiro de volta?

— Acho que não.

— Temos que ir ao banco para depositar a bufunfa. Agora mesmo.

— Davis disse que é melhor a gente falar com o advogado.

— Você confia nele?

— Sim. Confio de verdade.

— Own, Holmes, nós duas apaixonadas. Eu, por um artista, e você, por um bilionário. Finalmente estamos levando a vida que sempre merecemos.

Naquela noite, nossa conta deu menos de trinta dólares, mas deixamos vinte de gorjeta para Holly, por nos aturar.

ONZE

No dia seguinte, de manhã, eu estava assistindo a vídeos no celular quando recebi a ligação.

— Alô? — falei.

— Aza Holmes?

— É ela.

— Aqui é Simon Morris. Acredito que você conheça Davis Pickett.

— Só um minuto.

Calcei os sapatos, passei discretamente pela minha mãe, que estava na sala corrigindo provas diante da TV ligada, e saí para o quintal. Fui até o ponto mais distante e me sentei de frente para a casa.

— Oi, pode falar.

— Pelo que me consta, você recebeu um presente do Davis.

— Isso mesmo — respondi. — Eu dividi com uma amiga, tem problema?

— Suas decisões financeiras pessoais não estão em questão. Srta. Holmes, talvez não seja de seu conhecimento que, se um adolescente entra em um banco com uma grande quantidade de notas de cem dólares, acaba levantando suspeitas, por isso eu falei com um de nossos gerentes no banco Second Chance de Indianápolis e acertei tudo para que aceitem seu depósito. Marquei um horário para você às três e quinze da tarde na próxima segunda-feira, na agência da rua 86 com a College. Acredito que suas aulas terminem às duas e cinquenta e cinco, então há tempo suficiente para chegar lá.

— Como é que o senhor sabe o…

— Sou meticuloso.

— Posso fazer uma pergunta?

— Já fez — respondeu ele, seco.

— O senhor está cuidando dos negócios do sr. Pickett enquanto ele está fora?

— Correto.

— E se o sr. Pickett aparecer em algum lugar…

— Nesse caso, as tristezas e as alegrias da sua vida voltarão a pertencer apenas a ele. Até lá, algumas delas recaem sobre mim. Pode ir direto ao ponto?

— Estou um pouco preocupada com Noah.

— Preocupada?

— Ele parece muito triste e não tem ninguém com quem contar de verdade. Será que não tem algum familiar que possa ajudá-lo?

— Nenhum com quem os Pickett tenham um bom relacionamento. Davis é menor emancipado e guardião legal do irmão.

— Não estou me referindo a um guardião legal. Estou falando de alguém que, enfim, dê apoio de verdade a ele. Davis não é *pai*. E eles não podem ficar sozinhos para sempre, certo? E se o pai deles tiver morrido, sei lá?

— Srta. Holmes, a morte legal não é o mesmo que a morte física. Acredito que Russell esteja tanto legal quanto fisicamente vivo, mas *sei* que ele está legalmente vivo porque as leis do nosso estado consideram um indivíduo vivo até que surja alguma evidência biológica de sua morte, ou até que se passem sete anos da última evidência de vida. Portanto, a questão legal…

— Não estou falando da *questão legal* — interrompi. — Eu só quero saber quem vai tomar conta do Noah.

— Posso esclarecer apenas os aspectos legais. E a resposta legal é que eu trato dos assuntos financeiros, uma administradora cuida da propriedade e Davis é o guardião legal do irmão. Sua preocupação é louvável, srta. Holmes, mas garanto que tudo está legalmente assistido. Três e quinze da tarde, amanhã. Você deve procurar a gerente Josephine Jackson. Mais alguma pergunta pertinente à sua situação?

— Acho que não.

— Bem, você tem meu número — concluiu ele. — Tenha um bom dia, srta. Holmes.

* * *

No dia seguinte, tudo ia bem até que as aulas acabaram e Daisy e eu nos pusemos a caminho do banco. Enquanto eu dirigia, ela contava que sua história mais recente tinha viralizado no universo de fanfics de *Star Wars* e que ela estava recebendo uma enxurrada de elogios e que passara a noite em claro fazendo o trabalho sobre *A letra escarlate* para a escola e que talvez finalmente conseguisse botar o sono em dia agora que estava se "aposentando" do Chuck E. Cheese's, e até aí tudo certo. Eu me sentia perfeitamente normal, sem demônios me obrigando a ter pensamentos horríveis, e comecei a pensar coisas tipo *Estou bem melhor esta semana. Talvez o remédio esteja mesmo ajudando*, quando do nada surgiu na minha mente: *O remédio está deixando você negligente. Até se esqueceu de trocar o band-aid hoje cedo.*

Eu tinha quase certeza de que trocara, sim, o band-aid, logo depois de

acordar, pouco antes de escovar os dentes, mas a dúvida era insistente. *Acho que você não trocou. Acho que esse ainda é o band-aid de ontem.* Esse não é o band-aid de ontem, porque eu troquei na hora do almoço, com certeza. *Trocou mesmo?* Acho que sim. *Ah, você ACHA que sim?* Tenho quase certeza. *E o machucado está aberto.* Era verdade. Ainda não tinha criado casquinha. *E você ficou com o mesmo band-aid por… meu Deus, trinta e sete horas! A essa altura, aposto que está infeccionando embaixo desse curativo velho, quente e molhado.* Olhei para o band-aid. Parecia novo. *Você não trocou.* Acho que troquei, sim. *Tem certeza?* Não, mas é um progresso e tanto eu não estar conferindo a cada cinco minutos. *Ah, é, progredindo para uma infecção.* Vou trocar quando chegar ao banco. *Provavelmente já é tarde demais.* Isso é ridículo. *Depois que a infecção atinge a corrente sanguínea…* Para isso não faz sentido não está nem vermelho ou inchado. *Você sabe que não precisa inchar nem…* Por favor para eu vou trocar o curativo no banco… *VOCÊ SABE QUE EU ESTOU CERTA.*

— Eu fui ao banheiro antes do almoço? — perguntei, baixinho, a Daisy.

— Sei lá. Hum… Você chegou à mesa depois da gente, então acho que sim.

— Mas não comentei nada?

— Não, você não disse: “Saudações, colegas de mesa. Acabo de voltar do banheiro.”

Senti a tensão do conflito entre a necessidade urgente de estacionar para trocar logo o band-aid e a certeza de que Daisy estava me achando louca. Tentei me convencer de que estava tudo bem, de que aquilo era só um defeito no meu cérebro, que pensamentos são só pensamentos, mas quando desviei o olhar para o band-aid de novo, vi que estava manchado. Era nítido. Sangue. Ou pus. Alguma coisa.

Parei no estacionamento de uma ótica. Tirei o band-aid e examinei o machucado: estava vermelho nas bordas, o band-aid manchado de sangue seco. Como se não fosse trocado havia um tempo.

— Holmes, eu tenho certeza de que você foi ao banheiro. Você *sempre* vai ao banheiro.

— Não importa, está infeccionado.

— Não está infeccionado nada.

— Está vendo aqui, tudo vermelho? — argumentei, apontando para a pele inflamada ao redor do corte. — É infecção. Isso é sério.

Eu raramente deixava que alguém visse meu dedo sem o band-aid, mas queria que Daisy compreendesse. Aquela não era como as outras vezes. Não era uma preocupação irracional, porque sangue seco era incomum, mesmo quando o calo estava totalmente aberto. Era sinal de que o band-aid tinha ficado tempo demais ali. Aquilo não era normal. Por outro lado, todas as vezes pareciam diferentes,

não? Não. Daquela vez parecia diferente dos outros diferentes. Havia sinais claros de infecção.

— Seu dedo está igualzinho a todas as outras vezes em que você se preocupou com ele.

Joguei um pouco de gel antisséptico no corte, senti a forte ardência, abri um novo band-aid e o coloquei no dedo. Continuei parada ali por um tempo, envergonhada, desejando estar sozinha, mas também apavorada. Não conseguia tirar da cabeça a vermelhidão e o inchaço, a resposta da minha pele à invasão das bactérias parasitas. Eu me odiava. Odiava tudo aquilo.

— Ei — chamou Daisy, colocando a mão no meu joelho. — Ei. Não deixe a Aza ser cruel com a Holmes, tá bem?

Daquela vez era diferente. Como a ardência do antisséptico já tinha passado, as bactérias haviam voltado a se reproduzir, penetrando na minha carne até atingir a corrente sanguínea. Por que eu tinha aberto aquele corte, aliás? Por que não deixei quieto? Por que manter um ferimento aberto o tempo todo, e logo no dedo? As mãos são as partes mais sujas do corpo. Por que não beliscar o lóbulo da orelha, ou a barriga, ou o tornozelo? Eu acabaria morrendo de septicemia por insistir num ritual infantil idiota que nunca tinha sequer me provado o que eu queria, porque afinal era algo impossível de saber, pois não há como ter certeza de *nada*.

Você vai se sentir melhor se colocar mais um pouco de antisséptico. Só mais duas vezes. O relógio marcava 15h12. Tínhamos que chegar logo ao banco. Tirei o curativo, apliquei o antisséptico, coloquei um band-aid novo. 15h13.

— Quer que eu dirija? — ofereceu Daisy.

Recusei. Liguei Harold. Engatei a ré. Puxei o freio de mão.

Tirei o band-aid, coloquei mais gel antisséptico. Ardeu menos dessa vez. Talvez fosse sinal de que as bactérias já estavam quase mortas. Ou talvez já tivessem penetrado no sangue. Mais uma olhada, só mais uma vez. O inchaço parecia estar melhorando? Só se passaram oito minutos, é cedo demais para dizer. Pare. 15h15.

— Holmes. Precisamos ir. Eu posso dirigir.

Recusei novamente, dei a ré no carro e dessa vez consegui sair do estacionamento.

— Eu queria conseguir entender o que acontece — disse Daisy. — Por exemplo, o que é melhor: tranquilizar você ou me preocupar junto? Tem *alguma coisa* que eu possa fazer?

— Infeccionou — sussurrei. — E eu fiz isso comigo mesma. É sempre assim. Eu abri o corte e agora está infeccionado.

Eu era o peixe, infectado por um parasita, nadando próximo à superfície,

querendo ser devorada.

* * *

Quando finalmente chegamos ao banco, fiquei atrás de Daisy enquanto ela se apresentava a um caixa e éramos conduzidas até um escritório reservado, com paredes de vidro, onde uma mulher magra de terninho preto colocou nosso dinheiro numa máquina para contar as notas. Preenchemos um monte de formulários e pronto: cada uma tinha sua conta bancária novinha, com direito a cartões, que chegariam em uns sete dias. A mulher nos deu cinco folhas de cheque provisórias, até que o talão ficasse pronto, e nos recomendou não fazer nenhuma compra grande por pelo menos seis meses, "enquanto vocês se acostumam com esse golpe de sorte". Começou a nos mostrar também como poderíamos aplicar o dinheiro — contas de capitalização para a universidade, fundos mútuos, títulos, ações —, e eu estava tentando prestar atenção, mas o problema era que eu não estava realmente no banco. Estava dentro da minha cabeça, os pensamentos gritando e girando, me acusando de ter selado meu destino ao não trocar o band-aid por mais de um dia, e agora era tarde demais, agora eu já sentia a ponta do dedo quente e dolorida, e a gente sabe que algo está acontecendo de verdade quando há sinais físicos, porque os sentidos não mentem. Ou mentem? *Aconteceu*, pensei, o sujeito da frase indeterminado porque era vasto e aterrorizante demais para ser nomeado.

* * *

Fui levar Daisy em casa, e durante todo o caminho eu esquecia por que estava parada no sinal, começava a apertar o acelerador apenas para olhar para cima e me dar conta de que, ah, claro. Está vermelho.

A gente ouve muito falar sobre as vantagens da insanidade — a própria dra. Singh citou para mim uma frase de Edgar Allan Poe que dizia: "A ciência ainda não nos provou se a loucura é ou não o mais sublime da inteligência." Acredito que ela estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor, mas, ao meu ver, transtornos mentais são muito superestimados. A loucura, na minha experiência assumidamente limitada, não vem acompanhada de superpoderes. Não estar mentalmente saudável não torna uma pessoa portadora de uma inteligência sublime, do mesmo modo que uma gripe não o faz. Sei que era para eu ser uma detetive brilhante, mas na verdade sou uma das pessoas menos observadoras que

conheço. Quando deixei Daisy em frente a seu prédio, eu já perdera todo o contato com a realidade à minha volta, e continuou assim até eu chegar em casa.

Corri para o banheiro na mesma hora, para examinar a ferida. O inchaço parecia ter diminuído. Talvez. Talvez a luz no banheiro não me permitisse ver direito. Lavei com água e sabonete, sequei dando batidinhas suaves, apliquei antisséptico e coloquei um novo band-aid. Também tomei a bolinha branca e, alguns minutos depois, um comprimido comprido reservado para quando eu tivesse crises de pânico.

Deixei a leve doçura do comprimido dissolver na língua e esperei fazer efeito. Eu tinha certeza de que ia morrer, e é claro que estava certa: vamos todos morrer um dia, só não temos como saber se esse dia é hoje.

Depois de um tempo, minha cabeça começou a pesar, e me sentei no sofá diante da TV. Não tive energia para ligar o aparelho, por isso fiquei só encarando a tela preta.

O comprimido comprido me deixou toda mole e zonza, mas só do nariz para cima. Meu corpo parecia igual, quebrado e insuficiente como sempre, mas meu cérebro parecia ao mesmo tempo relaxado e exausto, como um corredor de pernas bambas depois de uma maratona. Minha mãe chegou e afundou no sofá ao meu lado.

— Que dia — disse ela. — Os alunos não são o problema, Aza. São os pais que dificultam meu trabalho.

— Que droga — comentei.

— Como foi seu dia?

— Bom — respondi. — Eu estou com febre?

Ela levou a mão à minha testa.

— Acho que não. Está se sentindo mal?

— Só cansada, acho.

Minha mãe ligou a TV, e eu me retirei avisando que ia me deitar e fazer o dever de casa.

* * *

Li um pouco da matéria de história, mas minha consciência parecia uma câmera com as lentes sujas. Resolvi mandar uma mensagem para Davis.

Eu: Oi.

Ele: Oi.

Eu: Tudo bem?

Ele: Tudo. E você?

Eu: Também.

Ele: Vamos continuar esse silêncio constrangedor pessoalmente. Que tal?

Eu: Quando?

Ele: Vai ter uma chuva de meteoros na quinta à noite. Vai ser das boas, se não estiver nublado.

Eu: Legal. A gente se vê, então. Tenho que ir, minha mãe está aqui.

Na verdade, ela só havia espiado pela porta.

— O que foi? — perguntei.

— Quer preparar o jantar comigo?

— Preciso estudar.

Ela entrou e se sentou na beirada da cama.

— Está com medo? — perguntou.

— Mais ou menos.

— De quê?

— Não é assim. A frase não é… Não tem um objeto. Estou com medo, ponto.

— Não sei o que dizer, Aza. Eu vejo no seu rosto que você está sofrendo e queria poder livrá-la desse sofrimento.

Eu odiava deixar minha mãe triste. Odiava fazê-la se sentir impotente. Odiava. Ela começou a fazer carinho no meu cabelo.

— Está tudo bem — disse minha mãe. — Vai ficar tudo bem. Estou aqui com você. Vou estar sempre aqui. — Senti meu corpo enrijecer um pouco enquanto ela continuava brincando com meu cabelo. — Talvez você só precise descansar um pouco.

Era a mesma mentira que eu tinha contado a Noah.

DOZE

No dia da chuva de meteoros, quando cheguei com Harold à escola, me deparei com um fusca laranja-fluorescente estacionado na minha vaga cativa. Parei ao lado e só então vi que era Daisy ao volante. Abri a janela.

— A moça do banco não mandou a gente esperar seis meses para fazer compras grandes?

— Eu sei, eu sei — respondeu Daisy. — Mas consegui fazer o cara da concessionária baixar em mil e seiscentos dólares o preço original, então na verdade eu *saí no lucro*. Sabe como se chama essa cor? — Ela estalou os dedos. — Laranja Estalo! Porque *chama atenção*!

— Não vai gastar o dinheiro todo, hein.

— Relaxa, Holmes, isso aqui é um investimento. Liam será um item de colecionador no futuro. Aliás, ele vai se chamar Liam.

Tive que sorrir. Era uma piada interna que ninguém mais entenderia.

Enquanto saíamos do estacionamento, Daisy me entregou um catálogo grosso: *Guia Fiske de Universidades*.

— Também peguei isso — disse ela. — Mas já vi que não vou precisar, porque vou ficar na Universidade de Indiana mesmo. Sempre soube que faculdade é uma coisa muito cara, mas tem algumas aqui que custam quase cem mil pratas *por ano*. O que tem lá de tão sensacional? As aulas são em iates? Os alunos moram num castelo e são servidos por elfos domésticos? Nem a Daisy Rica consegue bancar uma universidade desse naipe.

Se você ficar comprando carros, aí é que não vai conseguir mesmo, tive vontade de responder, mas preferi mudar de assunto.

— Conseguiu descobrir o que é a tal “boca do corredor”? — perguntei.

— Holmes. Já recebemos nossa recompensa. Esquece isso.

— Eu sei, eu sei.

E, antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Daisy viu Mychal do outro lado do estacionamento e foi correndo abraçá-lo.

* * *

Passei a manhã inteira mergulhada no catálogo. De tempos em tempos o sinal tocava, me transferindo para outra sala de aula, e tão logo eu me sentava, abria de novo o guia no meu colo embaixo da carteira. Na verdade, eu nunca tinha pensado em tentar qualquer universidade que não a de Indiana ou a Purdue (minha mãe tinha estudado na primeira, e meu pai, na segunda), pois, por ficarem no meu estado, custariam bem menos.

Porém, ao ver as centenas de opções daquele catálogo, que classificava as universidades em todos os quesitos possíveis, desde os acadêmicos propriamente ditos até a qualidade das refeições oferecidas, foi inevitável me imaginar numa instituição de pequeno porte e construções centenárias localizada no alto de uma colina no meio do nada. Havia uma em especial que oferecia o privilégio de frequentar a mesma biblioteca em que Alice Walker estivera. Era bem verdade que cinquenta mil dólares não chegava nem perto de cobrir todas as taxas, mas talvez eu conseguisse uma bolsa. Minhas notas não eram ruins e eu em geral me saía bem nas provas.

Comecei a imaginar como seria — ter aulas sobre geografia política e literatura feminina britânica do século XIX em salas aconchegantes, os alunos sentados em círculo. Imaginei o cascalho sob meus pés no caminho até a biblioteca, onde eu estudaria com meus amigos, e, antes do jantar variado, com opções de cereal a sushi, pararíamos no café e conversaríamos sobre filosofia, ou sobre sistemas políticos, ou seja lá o que se discute nos corredores de uma universidade.

Era tão divertido imaginar as possibilidades… Costa Oeste ou Costa Leste? Cidade grande ou do interior? Eu tinha a sensação de que poderia ir para qualquer lugar que quisesse. Imaginar todos os futuros possíveis, todas as Azas que eu poderia me tornar, foi um descanso glorioso do meu eu naquele momento.

Só me desliguei do catálogo para almoçar. Sentado à minha frente, Mychal trabalhava em seu novo projeto de arte, traçando meticulosamente as formas das ondas de uma música num papel muito fino e translúcido, enquanto Daisy entretinha nossa mesa com a história da compra do carro, sem jamais revelar como tinha obtido a verba necessária. Depois de algumas mordidas no meu sanduíche, peguei o celular e mandei uma mensagem para Davis.

Eu: Que horas hoje?

Ele: Chuva de meteoros cancelada. Parece que vai estar nublado de noite.

Eu: Meu interesse maior não são os meteoros.

Ele: Ahh. Depois da escola, então?

Eu: Marquei de fazer o dever com a Daisy. Pode ser às 7?

Ele: Combinado.

* * *

Depois da aula, Daisy e eu nos trancamos no meu quarto para estudar por umas duas horas.

— Faz só três dias que me aposentei do Chuck, mas é impressionante como as coisas já estão bem mais fáceis no colégio — comentou ela.

Daisy tirou da mochila um notebook novinho e o colocou na escrivaninha.

— Meu Deus, não é para gastar o dinheiro todo de uma vez — falei, baixinho, para minha mãe não ouvir. Daisy me olhou de cara feia. — O que foi?

— Você *já tinha* carro e computador — justificou-se ela.

— Só estou dizendo que você pode se arrepender.

Ela apenas revirou os olhos. Ainda perguntei de novo qual era o problema, mas Daisy desapareceu em seu mundo on-line. Da minha cama, dava para ver que ela estava lendo os comentários das suas histórias, enquanto eu lia um ensaio de Alexander Hamilton em *O federalista* para a aula de história. Tentei continuar, mas as palavras não entravam na minha cabeça, me forçando a voltar e ler o mesmo parágrafo mil vezes.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que Daisy se manifestou:

— Eu me esforço de verdade para não julgar você, Holmes, e me dá um pouco de raiva quando você me julga.

— Não estou julgando…

— Sei que você se acha pobre e tal, mas não sabe como é passar dificuldade de verdade.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou.

— Você fica tão presa dentro da sua cabeça… que parece que realmente não consegue pensar em mais ninguém.

Eu me sentia ficando cada vez menor.

— Desculpa, Holmes, eu não deveria ter dito isso. Mas é que às vezes é tão frustrante! — Não falei nada, e ela continuou: — Não estou querendo dizer que é uma péssima amiga nem nada, mas você é um pouco sofrida, e isso às vezes também é doloroso para as pessoas em volta.

— Entendi o recado.

— Não estou falando isso para magoar você.

— Eu sei.

— Mas você entende o que eu quero dizer, né?

— Entendo.

Depois de mais uma hora estudando em silêncio, Daisy foi embora, porque prometera jantar com os pais. Quando ela se levantou, nós duas pedimos desculpas ao mesmo tempo e começamos e rir. Por causa de todo esse clima entre nós, acabei deixando Davis um pouco de lado. Recebi uma mensagem dele às 18h52.

Ele: Estou em frente à sua casa. Devo entrar?

Eu: Não não não não não já estou saindo.

Minha mãe estava esvaziando o lava-louça quando cheguei à cozinha.

— Vou jantar fora hoje — avisei, enquanto pegava o casaco e saía antes que ela me fizesse perguntas.

— Oi — disse Davis assim que entrei no carro.

— Oi.

— Quer comer em algum lugar?

— Não estou com muita fome, mas podemos comprar alguma coisa no caminho, se você quiser.

— Por mim, não precisa — disse ele, dando partida no carro. — Na verdade, eu odeio ter que comer. Sempre tive um estômago nervoso.

— Eu também. — Meu celular começou a tocar. — É minha mãe. Não diga nada. — Atendi. — Oi.

— Diga ao motorista desse carro preto para dar a volta agora mesmo e parar aqui em casa.

— Mãe…

— Essa história só vai para a frente se eu conhecer o rapaz.

— Você já conheceu. Quando eu tinha onze anos.

— Eu sou sua mãe, ele é seu… seja lá o que for… e eu quero conversar com ele.

— Tá bom — cedi, contrariada, antes de encerrar a ligação. — A gente tem que… hã… precisamos voltar, se você não se incomodar, para falar com a minha mãe.

— Claro.

Algo na voz de Davis me recordou que ele tinha perdido a mãe, e me veio à cabeça que as pessoas sempre pareciam meio desconfortáveis quando falavam dos próprios pais na minha frente. Acho que era medo de me lembrar da ausência do meu — como se eu pudesse esquecer.

* * *

Eu nunca tinha notado como minha casa era pequena até ver Davis nela, olhando tudo — o linóleo do piso da cozinha envergando nos cantos, as pequenas rachaduras nas paredes, a mobília mais velha que eu, estantes de conjuntos desiguais.

Davis parecia enorme e deslocado ali. Pelas minhas contas, um homem não pisava naquela sala fazia muito tempo. Ele não tinha muito mais que um metro e oitenta de altura, mas por algum motivo sua presença fazia o teto parecer mais baixo. Senti vergonha dos nossos livros velhos e empoeirados, das paredes decoradas com fotos de família em vez de obras de arte. Eu sabia que não deveria ter vergonha disso, mas… tive mesmo assim.

— É um prazer rever a senhora — disse Davis, estendendo a mão para cumprimentar minha mãe.

Ela o abraçou.

Nós nos sentamos à mesa da cozinha, que quase nunca recebia mais de duas pessoas: minha mãe e eu. Naquele momento, parecia superlotada.

— Como você está, Davis? — perguntou ela.

— Tudo bem. Como a senhora deve estar sabendo, sou praticamente órfão agora, mas estou bem. E a senhora?

— Quem está tomando conta de você?

— Bem, todo mundo e ninguém, até onde sei. Quer dizer, temos uma pessoa que administra a casa e um advogado que cuida de tudo relacionado a finanças.

— Você está no penúltimo ano da Aspen Hall, certo?

Fechei os olhos e tentei implorar telepaticamente à minha mãe que não o interrogasse.

— Estou.

— Aza não é uma garota qualquer do outro lado do rio.

— Mãe…

— Eu sei que você pode ter o que quiser na hora que quiser, e isso pode fazer a pessoa pensar que é dona do mundo, dona dos outros. Mas espero que você compreenda que não tem o direito de…

— *Mãe!*

Eu me virei para Davis com um pedido de desculpas no olhar, mas ele não viu, porque estava encarando minha mãe. Davis começou a dizer alguma coisa, mas logo parou, porque seus olhos ficaram marejados.

— Davis, está tudo bem? — perguntou minha mãe.

Ele tentou falar de novo, mas só conseguiu deixar escapar um soluço engasgado.

— Querido, desculpa, eu não percebi…

— Desculpa — disse ele, ficando vermelho.

Minha mãe começou a estender a mão por cima da mesa, mas se conteve.

— Só quero que você seja legal com a minha filha. Ela é única no mundo.

— Temos que ir — falei.

Minha mãe e Davis continuaram se encarando, até ela finalmente dizer:

— Volte às onze.

Peguei Davis pelo braço e o puxei na direção da porta, fuzilando minha mãe com o olhar ao sair.

* * *

— Você está bem? — perguntei assim que estávamos a salvo dentro do carro.

— Sim — respondeu ele, baixinho.

— Ela só é superprotetora.

— Eu entendo.

— Não precisa ficar envergonhado.

— Não estou envergonhado.

— O que houve, então?

— É complicado.

— Não estou com pressa — falei.

— Não é verdade que eu posso ter tudo que quiser, na hora que quiser.

— O que você quer e não tem?

— Para começar, uma mãe.

Ele deu ré e saiu da entrada da garagem.

Eu não sabia bem o que dizer, então acabei optando pelo mais simples.

— Sinto muito.

— Você conhece aquela parte do poema de Yeats, de "A segunda vinda", em que ele diz mais ou menos assim: "Falta aos melhores convicção, enquanto os piores estão cheios de ardor apaixonado"?

— Sim, lemos esse poema no curso preparatório para a faculdade.

— Na verdade, acho que é pior perder a convicção. Porque aí a gente só continua vivendo, entende? Somos apenas uma bolha na maré do império.

— Bela frase.

— Roubada de Robert Penn Warren. Minhas frases boas são sempre roubadas. Me falta convicção.

Atravessamos o rio. Lá embaixo, vi a Ilha dos Piratas.

— Sua mãe se importa, sabe? A maior parte dos adultos é simplesmente vazia. Vemos adultos tentando preencher o vazio com bebida, dinheiro, Deus, fama ou com o que quer que idolatrem, e tudo isso faz com que apodreçam por

dentro, até não sobrar nada além do dinheiro, da bebida ou do Deus que eles acharam que era a salvação. Meu pai é assim… Ele na verdade já desapareceu faz tempo, e talvez seja por isso que não fiquei tão chateado quando sumiu agora. Gostaria que ele estivesse aqui, mas desejo isso há tanto tempo... Os adultos pensam que sabem controlar o poder, mas na realidade é o poder que acaba controlando os adultos.

— O parasita acredita que é o hospedeiro.

— Sim — concordou Davis. — É verdade.

* * *

Quando entramos na casa dos Pickett, vi que havia dois lugares arrumados num canto da enorme mesa de jantar. Uma vela tremeluzia no meio, e uma suave luz dourada iluminava o primeiro andar. Eu estava com um nó no estômago e sem a menor vontade de comer, mas acompanhei Davis.

— Acho que Rosa preparou o jantar para nós — disse ele. — Vamos dar pelo menos umas garfadas, por educação. — Ele se virou para a mulher e falou: — Oi, Rosa. Obrigado por ficar até mais tarde.

Ela o puxou para um abraço apertado.

— Fiz espaguete. Vegetariano.

— Não precisava.

— Meus filhos já estão grandes, então você e Noah são os únicos menininhos que me restam. E quando você disse que ia encontrar sua namorada…

— Namorada, não — corrigiu Davis. — Uma velha amiga.

— Velhas amigas são as melhores namoradas. Comam. Vejo você amanhã. — Ela o puxou para mais um abraço e deu um beijo no rosto dele. — Leve alguma coisa para o Noah lá em cima, senão ele vai morrer de fome — acrescentou Rosa. — E não se esqueça de lavar a louça. Não é tão difícil assim colocar os pratos na máquina, Davis.

— Pode deixar.

— Sua vida é tão esquisita — comentei, enquanto nos sentávamos à mesa, com uma latinha de Dr Pepper no meu lugar e uma de Mountain Dew no dele.

— Acho que é mesmo — disse ele, e ergueu a latinha em um brinde. — Ao esquisito!

— Ao esquisito!

Brindamos e bebemos.

— Ela trata você como um filho.

— Bem, Rosa me conhece desde que eu era bebê. Ela criou a gente, mas

também é paga para isso, entende? E se ela não recebesse… Enfim, teria que arrumar outro emprego.

— Entendi.

Eu tinha a impressão de que uma das características que definem os pais é que eles não são pagos para amar os filhos.

Davis perguntou como tinha sido meu dia no colégio e contei a ele sobre a briga com Daisy. Perguntei sobre o dia dele.

— Foi bom. Espalharam um boato de que eu matei não só meu pai, como minha mãe também. Então… Bom, eu não devia deixar isso me chatear.

— Chatearia qualquer um.

— Eu aguento, mas me preocupo com Noah.

— Como ele está?

— Ele deitou na minha cama essa noite e não parou de chorar. Fiquei com tanta pena que emprestei meu Homem de Ferro para ele.

— Sinto muito.

— Noah é só… Acho que, em algum momento, todo mundo percebe que a pessoa responsável por nós é só um ser humano, não tem superpoderes, e que na verdade não pode nos proteger da dor. Normal. Mas Noah está começando a compreender que quem ele achou que fosse o super-herói acabou se revelando meio que o vilão. E isso é horrível mesmo. Ele continua achando que nosso pai vai voltar para casa e se provar inocente, e não sei como contar que, bem, ele não é inocente.

— A expressão “boca do corredor” te lembra alguma coisa?

— Não. Os policiais também me perguntaram isso. Disseram que estava no celular dele.

— É.

— Sabe, meu pai fazia muitas atividades, mas não corria. Ele considera exercícios físicos irrelevantes, porque Tua ainda vai revelar o segredo para a vida eterna.

— Sério?

— Sim. Meu pai acredita que Malik vai conseguir identificar um agente qualquer no sangue do tuatara que os faz envelhecer mais devagar e assim vai “curar a morte” — explicou Davis, desenhando aspas no ar. — É por isso que no testamento ele deixa tudo para Tua… Meu pai acha que vai ser lembrado como o homem que venceu a morte.

Aproveitei o momento para perguntar se Tua ia mesmo ficar com todo o dinheiro.

— Tudo — respondeu Davis, com uma risadinha. — A empresa, a casa, a propriedade. Quer dizer, Noah e eu temos o suficiente para a faculdade e outras

despesas… mas não vamos mais ser ricos.

— Se vocês tiverem o suficiente para a faculdade e outras despesas, então vão ser ricos, sim.

— É verdade. E meu pai não deve nada à gente. Eu só queria que ele, você sabe, fizesse as coisas que um pai faz. Levar meu irmão à escola, cobrar o dever de casa, não desaparecer no meio da noite fugindo da polícia…

— Sinto muito.

— Você pede muitas desculpas.

— Sinto muito por isso.

Davis olhou no fundo dos meus olhos.

— Você já se apaixonou, Aza?

— Não. E você?

— Não. — Ele olhou para meu prato e continuou: — Muito bem, se não vamos comer, acho que é melhor irmos lá para fora. Talvez a gente consiga pegar uma brecha nas nuvens.

* * *

Vestimos nossos casacos e saímos. Grudei o queixo no peito enquanto caminhava, para evitar o vento forte, mas percebi que Davis andava de cabeça erguida.

Notei que duas espreguiçadeiras da piscina haviam sido arrastadas para o campo de golfe e colocadas perto de uma das bandeirolas que marcavam um buraco. A bandeirola balançava ao vento e eu ouvia o trânsito ao longe, mas, fora isso, tudo estava quieto, o frio calando as cigarras e os grilos. Nos deitamos nas espreguiçadeiras, perto um do outro mas sem nos tocarmos, e ficamos observando o céu por um tempo.

— Que decepcionante — comentou Davis.

— Mas ainda está acontecendo, não está? A chuva de meteoros. Só não conseguimos ver.

— Correto.

— Como seria? — perguntei.

— Não entendi.

— Se não estivesse nublado, o que eu estaria vendo?

— Bem… — Ele pegou o celular e abriu um aplicativo de observação de estrelas. — Então, aqui no hemisfério Norte temos a constelação do Dragão, que para mim parece mais um gatinho, mas seria perto dela que haveria meteoros visíveis. Por causa da lua nova, provavelmente veríamos de cinco a dez meteoros

a cada hora. Basicamente estamos nos movimentando em meio à poeira cósmica que um cometa chamado Giacobini-Zinner levantou ao passar, e seria muito lindo e romântico se não morássemos nessa Indiana sombria.

— *É* lindo e romântico. Só não estamos vendo.

Eu pensei em quando ele me perguntou se eu já havia me apaixonado. Em inglês se usa uma expressão estranha, *in love*, que seria algo como estar "imerso no amor", como se o amor fosse um mar em que mergulhamos, ou uma cidade em que moramos. Não se usa essa expressão para mais nenhum sentimento — não se está *em* uma amizade, ou *em* raiva, ou *em* esperança. Só é possível estar imerso no amor. Tive vontade de dizer a Davis que, embora eu nunca tivesse me apaixonado, nunca tivesse me sentido imersa no amor, sabia como era estar imersa em sentimentos; não só cercada, mas permeada por eles, da mesma forma que minha avó dizia que Deus estava em toda parte. Quando meus pensamentos entravam em espiral, eu estava *imersa* na espiral, pertencia a ela. Quis dizer a ele que a ideia de estar imersa num sentimento colocava em palavras algo que até então eu não conseguia descrever, dava forma à sensação, mas não encontrei meios de expressar tudo isso em voz alta.

— Não sei se isso é um silêncio comum ou um silêncio constrangedor — disse Davis.

— Tem uma parte que eu gosto naquele poema, "A segunda vinda". Sabe quando ele fala da espiral que se alarga?

— O giro que se alarga — corrigiu ele. — "A rodar e rodar no giro que se alarga."

— Tanto faz. O mais apavorante não é girar sem parar numa espiral crescente, é girar sem parar na espiral que se *afunila*. É ser sugado para um redemoinho que vai se fechando mais e mais e esmagando seu mundo até você estar apenas girando sem sair do lugar, preso numa cela que é exatamente do seu tamanho e nem um milímetro a mais, até você finalmente se dar conta de que na verdade não está preso *na* cela. Você *é* a cela.

— Você devia escrever uma resposta. Para o Yeats.

— Eu não escrevo poesia.

— Mas fala como um poeta — retrucou ele. — Se você passasse para o papel metade do que diz, teria um poema melhor do que todos os dele.

— Você escreve?

— Mais ou menos. Nunca sai nada bom.

— O que você escreve? — perguntei.

Era tão mais fácil conversar com Davis no escuro, olhando para o mesmo céu, e não no fundo dos olhos dele. Era como se não tivéssemos corpo, como se fôssemos apenas vozes se comunicando.

— Se algum dia eu escrever algo que me dê orgulho, prometo deixar você ler.

— Eu gosto de poesia ruim — falei.

— Por favor, não me faça recitar meus poemas bobos. Ler poesia para uma pessoa é como ficar nu na frente dela.

— Então, estou *basicamente* dizendo que quero ver você nu.

— São só umas bobagens.

— Eu quero ouvir — repeti.

— Tá bom. Então: ano passado, escrevi um chamado "Últimos patos do outono".

— Que começa…

— "As folhas seguiram seu caminho / vocês também deveriam ir / no seu lugar eu não hesitaria em partir / mas fato é que estou aqui / caminhando sozinho / no amanhecer gelado."

— Gostei bastante.

— Gosto de poemas curtos com rimas esquisitas, porque é assim que a vida é.

— É assim que a vida é? — Eu estava tentando entender o que ele queria dizer.

— Sim. Rima, mas não como se espera.

Olhei para ele e, de repente, quis tanto Davis que já não me importava mais o motivo, se esse querer era com letra maiúscula ou minúscula. Toquei seu rosto gelado com minha mão gelada. E o beijei.

Quando me afastei para respirar, senti as mãos dele na minha cintura.

— Eu… Nossa. Uau — disse Davis.

Fiz uma careta. Gostei de sentir o corpo dele no meu, sua mão subindo e descendo pelas minhas costas.

— Tem algum outro poema?

— Tenho feito só dísticos ultimamente. Tipo, coisas sobre a natureza. Como: "O narciso sabe mais da estação florida / do que a rosa aprende em toda vida."

— Esse é bom também.

E o beijei de novo.

Senti um aperto no peito, os lábios frios e a boca quente, suas mãos me puxando com avidez através das camadas dos nossos casacos.

Gostei de ficar com ele estando vestida com tantas roupas. Nosso hálito embaçou os óculos de Davis enquanto nos beijávamos, e ele tentou tirá-los, mas eu os empurrei para cima no nariz, e rimos, e ele beijou meu pescoço, e foi quando um pensamento me ocorreu: a língua de Davis tinha entrado na minha boca.

Falei para mim mesma que aproveitasse o momento, que me permitisse sentir o calor de Davis na pele, mas a língua dele estava no meu pescoço, úmida, viva e

cheia de micróbios, e a mão dele se infiltrava por baixo do meu casaco, os dedos gelados tocando minha pele nua. Está tudo bem você está bem só continua beijando ele *você precisa conferir uma coisa* está tudo bem é só ser normal cacete *ver se os micróbios dele ficam em você* bilhões de pessoas se beijam e não morrem *só tem que ver se os micróbios dele não vão ficar em você para sempre* ah por favor para *ele pode ter a campylobacter ele pode ser um portador assintomático de* E. coli *se você se contaminar vai precisar de antibióticos e então vai pegar a* C. diff *e bum morta em quatro dias* por favor cacete para só beija ele *CHECA SÓ PARA TER CERTEZA.*

Eu me afastei.

— Você está bem? — perguntou Davis.

Assenti.

— Eu só… só preciso de um pouco de ar.

Eu me sentei de costas para ele, peguei meu celular e procurei "bactérias de pessoas que você beija ficam dentro do seu corpo?". Rolei rapidamente a tela, passando por dois resultados pseudocientíficos antes de chegar ao único estudo de verdade sobre o assunto. Cerca de oitenta milhões de micróbios são trocados em média por beijo e "depois de seis meses de acompanhamento, os microbiomas do sistema gastrointestinal humano parecem ser modesta mas consistentemente alterados".

As bactérias dele ficariam em mim para sempre, oitenta milhões delas, se reproduzindo e crescendo e se juntando às minhas bactérias e produzindo só Deus sabe o quê.

Senti a mão de Davis no meu ombro. Eu me virei rapidamente e me desvencilhei dele. Comecei a ficar sem ar. Pontos pretos surgiram na minha visão. Você está bem ele nem é o primeiro garoto que você beijou *oitenta milhões de organismos em mim para sempre* calma *alterando permanentemente meu microbioma* isso não é racional *você precisa fazer alguma coisa* por favor *dá para consertar isso* por favor *vai ao banheiro.*

— O que está havendo?

— Nada, não é nada — falei. — Eu… hã… Eu só preciso ir ao banheiro.

Peguei novamente o celular para reler o estudo, mas resisti, bloqueei a tela e guardei o aparelho no bolso. Mas não seria fácil assim: eu tinha que conferir se o texto dizia modestamente alterado ou moderadamente alterado. Peguei de novo o celular e abri a página do estudo. Modestamente. Muito bem. Modestamente é melhor do que moderadamente. *Mas consistentemente*. Merda.

Eu estava com nojo e com o estômago embrulhado, mas também me sentia patética. Sabia que tinha feito um papelão na frente do Davis. Sabia que minha maluquice não era mais uma peculiaridade, uma simples ferida na ponta do

dedo. Tinha se tornado um aborrecimento, como era para Daisy, como era para qualquer um próximo de mim.

Apesar do frio, comecei a suar. Subi o zíper do casaco até o queixo enquanto me dirigia à casa. Não queria correr, mas cada minuto contava. Precisava chegar a um banheiro. Davis abriu a porta dos fundos para mim e me indicou o banheiro de visitas no fim do corredor. Fechei a porta, me tranquei lá dentro, para ficar enclausurada, e me debrucei na bancada. Abri o casaco e me olhei no espelho. Tirei o band-aid, abri a ferida com a unha do polegar, lavei as mãos e coloquei um band-aid novo. Procurei um enxaguante bucal nas gavetas, mas não encontrei, por isso acabei só bochechando com água e cuspindo.

Pronto, estamos bem?, perguntei a mim mesma, e respondi: *Mais uma vez, só para garantir*. Bochechei e gargarejei com mais água e cuspi. Sequei com papel higiênico o rosto suado e saí do banheiro para a luz dourada da mansão de Davis.

Ele fez um gesto me chamando para sentar e me abraçou. Eu não queria o microbioma dele perto de mim, mas não o afastei, porque também não queria parecer maluca.

— Você está bem?

— Sim. Foi só, tipo, um ligeiro ataque de pânico.

— Foi alguma coisa que eu fiz? É melhor eu…

— Não, não tem nada a ver com você.

— Pode me contar.

— Não, não tem mesmo. Eu… só fiquei um pouco apavorada por causa do beijo, acho que foi isso.

— Muito bem, então sem beijos por enquanto. Não tem problema.

— Mas vai ter. Eu entro nessas… espirais de pensamento, e não consigo sair.

— A rodar e rodar no giro que se alarga — disse ele.

— Eu… Isso não… não passa. Você precisa entender isso.

— Não estou com pressa.

Eu me inclinei para a frente, encarando o piso de madeira.

— O que eu quero dizer é que nunca não vou ter isso. Sou assim desde que me entendo por gente e nunca melhorou, e não posso ter uma vida normal se não consigo beijar alguém sem surtar.

— Está tudo bem, Aza. Sério.

— Você pode pensar assim agora, mas não vai pensar assim para sempre.

— Mas não é para sempre. É agora. Você quer alguma coisa? Água?

— Podemos… podemos só assistir a um filme, talvez?

— Sim — concordou Davis. — Com certeza. — Ele me ofereceu a mão, mas eu me levantei sozinha. Quando estávamos chegando à escada do porão, Davis falou: — Aqui, na residência dos Pickett, temos filmes para todos os gostos: *Star*

Wars e *Star Trek*. Qual é o seu preferido?

— Não sou muito fã de filmes no espaço.

— Ótimo, então vamos ver *Star Trek IV: A Volta para Casa*. Quarenta por cento dele se passa bem aqui na Terra.

Olhei para ele e sorri, mas não conseguia laçar meus pensamentos, que galopavam sem parar pelo meu cérebro.

* * *

Fomos até o porão, onde toquei no romance de F. Scott Fitzgerald para abrir a estante. Eu me sentei em uma das poltronas reclináveis de couro, tão macias, grata por haver descanso para os braços entre os assentos. Davis apareceu depois de algum tempo com um Dr Pepper, colocou-o no porta-copos que havia no descanso e se sentou ao meu lado.

— Como você consegue ser a melhor amiga da Daisy sem gostar desse tipo de filme?

— Vejo os filmes com ela, só não *amo* — falei.

Ele está tentando te tratar como se você fosse normal e você está tentando agir como se fosse normal mas todos os envolvidos sabem que você definitivamente não é normal. Pessoas normais podem beijar quando quiserem. Pessoas normais não suam tanto. Pessoas normais escolhem os próprios pensamentos como escolhem o que vão ver na TV. Todos nessa conversa sabem que você é maluca.

— Você já leu a fanfic dela? — perguntou Davis.

— Li umas duas histórias quando ela começou a escrever, ainda no fundamental. Não curto muito.

Eu sentia as glândulas sudoríparas em ação no meu buço.

— Daisy é uma escritora muito boa. Você deveria ler as histórias dela. Na verdade, você meio que *está* em algumas.

— Aham, tá bom — falei, baixinho.

Então, Davis finalmente pegou o celular e iniciou o filme por um aplicativo. Fingi prestar atenção enquanto seguia todo o caminho da espiral. Não parava de pensar naquele quadro de Pettibon, com o redemoinho multicolorido, atraindo o olhar para o centro. Tentei praticar a respiração com “selo de aprovação da dra. Singh” sem ser muito óbvia, mas em poucos minutos estava suando em bicas, e Davis *com certeza* percebeu, porque já tinha visto aquele filme umas cem vezes, e na verdade só estava vendo de novo para *me* ver vendo, e eu sentia o olhar dele em mim, e, embora eu tivesse fechado o casaco, Davis obviamente havia

percebido meu terrível buço ensopado.

Eu sentia a tensão no ar e sabia que ele estava tentando descobrir como me deixar feliz de novo. O cérebro dele girava alucinadamente junto com o meu. Eu não conseguia me fazer feliz, mas conseguia fazer as pessoas ao meu redor infelizes.

* * *

Quando o filme terminou, falei que estava cansada, porque esse parecia ser o adjetivo mais apropriado para conseguir o que queria naquele momento: estar sozinha na minha cama. Davis pegou o carro, me levou para casa, foi comigo até a porta e deu um selinho casto nos meus lábios suados. Acenei para Davis enquanto ele dava ré, e depois entrei na garagem, abri a mala do Harold e peguei o celular do meu pai, porque fiquei com vontade de ver as fotos dele.

Passei de fininho pela minha mãe, que estava dormindo no sofá diante da TV. Achei um antigo carregador na minha escrivaninha, liguei o celular e fiquei sentada ali por um bom tempo, passando por todas as fotos que ele tirara do céu fragmentado por galhos de árvores.

— Você sabe que temos essas fotos no computador, não sabe? — disse minha mãe, num tom afetuoso, atrás de mim.

Ela havia se levantado, mas eu nem ouvira.

— Sim, eu sei.

Tirei o celular do carregador e desliguei o aparelho.

— Você estava conversando com ele? — perguntou ela.

— Mais ou menos.

— O que estava contando?

Sorri.

— Segredos.

— Ah, eu também faço isso. Seu pai é muito bom em guardar segredos.

— O melhor.

— Aza, sinto muito se magoei Davis. Escrevi um bilhete de desculpas. Fui longe demais. Mas também preciso que você compreenda…

— Está tudo bem — interrompi. — Olha, preciso trocar de roupa.

Peguei meu pijama e fui para o banheiro, onde me despi, sequei o suor e deixei meu corpo esfriar, meus pés gelados no piso. Soltei o cabelo e me olhei no espelho. Eu odiava meu corpo. Ele me dava nojo — os pelos, o suor, a magreza. A pele esticada cobrindo o esqueleto, um cadáver com vida. Queria sair — do meu corpo, dos meus pensamentos, *sair* —, mas estava presa naquela coisa,

exatamente como todas as bactérias que me colonizavam.

Uma batida à porta.

— Estou *me trocando* — falei.

Removi o band-aid e examinei para ver se o machucado estava sangrando ou se tinha pus, joguei o band-aid no lixo, apliquei gel antisséptico no dedo, e o corte ardeu.

Vesti uma calça de moletom e uma camiseta antiga da minha mãe. Quando saí do banheiro, ela estava à minha espera.

— Está ansiosa? — perguntou ela, sem rodeios.

— Estou bem — respondi, e voltei para o meu quarto.

Apaguei as luzes e deitei. Não era bem cansaço o que eu estava sentindo, mas também não tinha mais energia para permanecer consciente. Quando minha mãe entrou, alguns minutos depois, fingi que estava dormindo para não ter que conversar. Ela ficou parada pertinho de mim, sussurrando uma música antiga que sempre cantava quando eu não conseguia dormir. Até onde eu lembrava, era algo que ela fazia desde que eu era muito pequena.

É uma música que os soldados da Inglaterra cantavam usando a melodia da canção de Ano-Novo “Auld Lang Syne”. Dizia: “We’re here because we’re here because we’re here because we’re here.” — estamos aqui porque estamos aqui porque estamos aqui porque estamos aqui. O tom ficou agudo durante a primeira metade, como se estivesse prendendo a respiração, então ficou mais grave aos poucos. “We’re here because we’re here because we’re here because we’re here.”

Embora eu supostamente estivesse grande demais para isso e minha mãe me irritasse à beça, só consegui parar de pensar quando a canção de ninar finalmente me fez adormecer.

TREZE

Mesmo tendo surtado na frente de Davis, no dia seguinte recebi uma mensagem dele logo cedo. Nem tinha me levantado ainda.

Ele: Quer ver um filme hoje? Nem precisa ser no espaço sideral.

Eu: Hoje não vai dar, deixa pra outro dia. Desculpa pela minha reação ontem, e pelo suor. Por tudo.

Ele: Nem foi um suor anormal.

Eu: Eu sei que foi, mas não quero mais falar sobre isso.

Ele: Você não gosta mesmo do seu corpo, hein.

Eu: Pois é.

Ele: Eu gosto. É um bom corpo.

Eu adorava estar com ele naquele espaço não físico, mas ao mesmo tempo sentia a necessidade de fechar as janelas para mim mesma.

Eu: Me sinto meio fraca de um modo geral, e a verdade é que não posso ficar com você. Nem com ninguém. Desculpa. Gosto de você, mas não tem como.

Ele: Nisso a gente concorda. Dá muito trabalho. Todo mundo que namora só sabe falar disso. É uma roda-gigante.

Eu: Como assim?

Ele: Quando as pessoas sobem na roda-gigante, só conseguem falar sobre a sensação de estar na roda-gigante e sobre a vista do alto da roda-gigante e se a roda-gigante dá medo e quantas voltas será que vai dar etc. Namorar é a mesma coisa. Os casais nunca têm outro assunto. Eu não quero namorar.

Eu: E o que você quer?

Ele: Você.

Eu: Não sei o que dizer.

Ele: Não precisa dizer nada. Tenha um bom dia, Aza.

Eu: Você também, Davis.

* * *

Eu tinha consulta marcada com a dra. Karen Singh no dia seguinte, depois da escola. Eu me sentei no sofazinho de frente para ela e olhei para o quadro do pescador com a rede. Não tirei os olhos da obra, porque o olhar implacável da dra. Singh era um pouco demais para mim.

— Como estamos indo? — perguntou ela.

— Não muito bem.

— O que houve?

Pelo canto do olho eu via suas pernas cruzadas, o sapato preto baixo, o pé balançando.

— Estou saindo com um garoto.

— E…?

— Não sei… Ele é fofo e inteligente, e eu gosto dele, mas continuo sem melhorar nada, então fico pensando: se isso não me faz feliz, o que vai fazer?

— Não sei. O que vai fazê-la feliz?

Soltei um gemido de irritação.

— Isso é tão típico de psicólogos.

— Não posso negar — respondeu ela. — Veja, toda mudança pessoal, mesmo que seja positiva, pode ser um gatilho para a ansiedade. Não é incomum se sentir tensa no início de um relacionamento. Como tem sido sua resposta aos pensamentos intrusivos?

— Bem, ontem mesmo eu estava com esse garoto e tive que me afastar, porque não conseguia me livrar da sensação de que aquilo era nojento, então eu diria que a minha resposta não tem sido muito boa.

— O que era nojento?

— Ah, é que a língua de cada pessoa tem um microbioma próprio, e se um garoto enfia a língua na minha boca, as bactérias dele se tornam parte do meu microbioma pelo resto da vida. A língua dele vai estar *sempre* na minha boca, até eu morrer, e quando isso acontecer, os micróbios da língua dele vão comer meu cadáver.

— E por isso você quis parar de beijá-lo.

— Mas é claro.

— Isso não é incomum. Quer dizer que uma parte sua queria continuar beijando o garoto, mas outra parte estava sentindo o grande nervosismo que acompanha a intimidade com o outro.

— Sim, mas meu medo não era a intimidade. Era a troca de micróbios.

— Isso foi apenas a forma que seu corpo encontrou para manifestar esse

nervosismo, desviando a tensão para o aspecto da troca de micróbios.

Só me restou soltar mais um gemido em resposta àquela explicação ridícula e óbvia de todos os terapeutas. Em seguida, ela perguntou se eu tinha tomado o Ativan, e expliquei que não tinha levado o remédio de emergência para a casa de Davis. Então ela perguntou se eu estava tomando o Lexapro todo dia, e respondi que, bem, não *todo* dia. A partir daí a conversa degringolou, com ela me dizendo que a medicação só funcionaria se eu tomasse como recomendado e que eu precisava mostrar empenho e constância se quisesse que minha saúde melhorasse, e de novo tentei explicar que era muito esquisita e deprimente a ideia de que eu só seria uma pessoa normal se ingerisse determinadas substâncias capazes de mudar quem eu era.

Seguiu-se uma breve pausa na conversa, que aproveitei para perguntar:

— Por que você quis colocar esse quadro na parede? Desse cara com a rede?

— O que está deixando de me contar? Do que você tem medo, Aza?

Havia uma questão central em tudo aquilo, a dúvida que permanecia no fundo da minha consciência, um zunido incessante. Eu sentia vergonha dela, mas também tinha a sensação de que era perigoso verbalizá-la, sabe-se lá por quê. Do mesmo jeito que nunca se diz o nome do Voldemort.

— Sinto que sou uma ficção — confessei.

— Como assim?

— Bem, você disse que é estressante quando passamos por mudanças pessoais, não foi?

Ela assentiu.

— O que eu quero saber é: existe um "eu" que não depende das circunstâncias? Será que existe, lá no fundo, um eu que é uma pessoa real, uma pessoa de verdade, tendo dinheiro ou não, tendo namorado ou não, estudando nessa ou naquela escola? Ou será que eu não passo de um conjunto de circunstâncias?

— Não estou conseguindo acompanhar: como isso a tornaria uma pessoa fictícia?

— Estou tentando dizer que, se eu não controlo meus pensamentos, eles não são realmente *meus*. Eu não decido se estou suando, ou se tenho câncer, ou se tenho a *C. diff*, ou o que for, portanto meu *corpo* também não é realmente meu. Não tenho escolha em nada disso… São forças externas que decidem por mim. Eu sou uma história contada por essas forças externas. Sou circunstancial.

Ela assentiu.

— Você consegue identificar essas forças externas?

— Ei, eu não estou tendo *alucinações*. É que… eu só queria ter certeza de que sou real, estritamente falando.

A dra. Singh enfim descansou o pé no chão e se inclinou para a frente na poltrona, com as mãos nos joelhos.

— Isso é muito interessante, Aza — observou ela. — Muito interessante.

Senti um leve orgulho de ser, nem que só por um momento, não *não* incomum.

— Imagino que seja muito assustador sentir que você não pertence a si mesma. Uma espécie de… aprisionamento?

Era isso mesmo.

— Em *Ulysses* — comentou a dra. Singh —, tem uma cena, quase no fim, em que a personagem Molly Bloom parece se dirigir diretamente ao autor. Ela diz: "Ah meu são Jaime me tire dessa." Você, Aza, está aprisionada dentro de um "eu" que parece não ser seu por completo, assim como Molly Bloom. Ao mesmo tempo, você tem a sensação frequente de que esse seu "eu" está contaminado profundamente.

Mais uma vez, concordei.

— Você dá poder demais aos seus pensamentos, Aza. São apenas pensamentos. Eles não são você. Você pertence a si mesma, mesmo quando seus pensamentos não pertencem.

— Mas os nossos pensamentos *somos* nós. Penso, logo existo, não é assim?

— Na verdade, não. Uma demonstração completa da filosofia de Descartes seria: *Dubito, ergo cogito, ergo sum*. "Duvido, logo penso, logo existo." Descartes queria descobrir se era realmente possível saber se determinada coisa é real, mas acreditava que duvidar da realidade já era uma prova de que, enquanto a *realidade* talvez não fosse real, ele era. Você é uma pessoa de verdade tanto quanto qualquer outra, e suas dúvidas a tornam ainda mais real, não menos.

* * *

Logo que cheguei em casa, percebi o nervosismo da minha mãe para saber como tinha sido minha consulta com a dra. Singh, embora ela tentasse parecer calma e normal.

— Como foi? — perguntou ela, sem nem sequer olhar para mim, ainda corrigindo provas no sofá.

— Foi bom, eu acho.

— Quero me desculpar de novo pelo jeito que falei com Davis ontem — disse ela. — Você tem todo o direito de ficar chateada comigo.

— Não estou chateada com você.

— Só quero que você tome cuidado, Aza. Já percebi que tem andado mais ansiosa… Dá para ver do seu rosto à ponta do dedo do pé.

— Não é por causa dele — retruquei, irritada.

— É por quê, então?

— Não tem um *motivo*.

Liguei a TV, mas minha mãe pegou o controle remoto e tirou o som.

— Parece que você se trancou na sua cabeça, e eu não sei o que está acontecendo aí dentro. Isso me assusta.

Apertei o dedo com a unha, por cima do band-aid, enquanto pensava que ela ficaria muito mais assustada se *soubesse* o que estava acontecendo dentro de mim.

— Estou bem, mãe. Sério.

— Eu sei que não está.

— Então me fala o que você quer que eu diga. Sério. É só me dizer quais palavras tenho que usar para acalmar você.

— Não quero que você me acalme. Quero que você pare de sofrer.

— Não é assim que funciona. Olha, tenho que estudar história agora.

Eu me levantei e fui para o meu quarto, mas minha mãe continuou:

— Falando nisso, seu professor comentou comigo hoje que seu trabalho sobre Intercâmbio Colombiano foi o melhor que ele já leu desde que começou a dar aula.

— Ele é professor há, sei lá, dois anos — retruquei.

— Quatro. Mas mesmo assim. Você vai longe, Aza Holmes. Muito longe.

— Já ouviu falar de Amherst?

— Quem?

— Amherst. É uma universidade em Massachusetts. Muito boa. Tem uma nota bem alta no ranking de avaliação. Acho que eu podia ir para lá… se for aceita.

Minha mãe começou a dizer alguma coisa, mas engoliu as palavras e suspirou.

— Vamos só ter que tentar alguma bolsa.

— Ou Sarah Lawrence — acrescentei. — Essa também parece boa.

— Bem, Aza, você precisa lembrar que muitas dessas universidades cobram só para você se candidatar, por isso temos que fazer uma seleção. Além disso, todo o processo é manipulado, do início ao fim. A gente paga apenas para descobrir que não pode pagar. Temos que ser realistas, e, realisticamente falando, você vai estudar aqui por perto mesmo, está bem? E não é só por causa do dinheiro. Duvido muito que você queira ficar a meio país de distância de tudo que você conhece.

— Aham.
— Tá, já entendi. Você não quer conversar com sua mãe. Ainda te amo.
Ela me soprou um beijo, e finalmente fugi para o quarto.

* * *

Eu tinha *mesmo* que estudar história, mas quando terminei ainda não estava cansada e não parava de pensar em falar com Davis.

Eu sabia o que escrever na mensagem, ou ao menos o que queria escrever. Só pensava nisso: digitar, apertar enviar com a consciência de que não teria como voltar atrás, começar a suar e ficar com o coração acelerado à espera da resposta.

Apaguei a luz, me deitei de lado e fechei os olhos, mas não conseguia afastar aquele pensamento. Então, peguei o celular e escrevi:

O que você quis dizer quando falou que gostava do meu corpo?

Fiquei olhando para a tela por alguns segundos, ansiosa pelo “digitando…”, mas não apareceu. Devolvi o aparelho à mesinha de cabeceira. Meu cérebro estava quieto, agora que eu tinha atendido ao seu pedido insistente, e eu estava quase dormindo quando ouvi o celular vibrar.

Ele: Quis dizer que gosto do seu corpo.

Eu: Do quê, exatamente?

Ele: Gosto da curva dos seus ombros se desenhando a partir da clavícula.

E gosto das suas pernas. Da curva da sua panturrilha.

Gosto das suas mãos. Dos seus dedos longos e da parte interna dos seus pulsos, da cor da sua pele nessa parte e das veias se insinuando por baixo.

Eu: E eu gosto dos seus braços.

Ele: São finos demais.

Eu: Mas são fortes, eu senti. Te incomoda eu dizer isso?

Ele: Não mesmo.

Eu: Mas vem cá, a curva da minha panturrilha? Nunca reparei nisso.

Ele: É bonita.

Eu: O que mais?

Ele: Gosto da sua bunda. Gosto muito mesmo da sua bunda. Te incomoda eu dizer isso?

Eu: Não.

Ele: Vou fundar um fã-clube da sua bunda.

Eu: Aí já é meio estranho.

Ele: Vou escrever uma fanfic contando como sua bunda incrível se apaixonou pelos seus lindos olhos.

Eu: Hahaha. Isso está quebrando o clima. Onde estávamos mesmo?

Ele: Eu estava dizendo que gosto do seu corpo. Da sua barriga, suas pernas, seu cabelo. Adoro. Seu. Corpo.

Eu: Sério?

Ele: Sério.

Eu: Qual é o meu problema, que me divirto com mensagens e me apavoro com beijos?

Ele: Não tem nada errado com você. Quer vir aqui em casa na segunda depois da escola? Ver um filme, quem sabe?

Hesitei. Finalmente, respondi:

Claro.

CATORZE

Na segunda-feira, antes de entrar na escola, contei a Daisy sobre a troca de mensagens, o beijo e os oitenta milhões de micróbios.

— Pensando por esse lado, beijar é meio nojento mesmo — comentou ela. — Mas pensa só: talvez os micróbios dele sejam *melhores* que os seus. Você pode ficar *mais saudável*.

— Pode ser.

— Vai que você ganha superpoderes? "Ela era uma garota normal até beijar um bilionário e se tornar… a MULHER MICROBIÔNICA, a exterminadora dos micro-organismos."

Olhei para ela sem a menor empolgação.

— Desculpa, não ajudou? — perguntou Daisy.

— Com o tempo deve ficar menos esquisito, né? Cada vez que a gente se beijar e nada de ruim acontecer, vai ser menos apavorante. Ele não vai me passar a campylobacter nem nada. — Depois de um instante, acrescentei: — Acho.

Daisy ia dizer alguma coisa quando viu Mychal cruzando o estacionamento na nossa direção.

— Fica tranquila, você não vai pegar nada, Holmes. A gente se vê no almoço. Beijo!

E correu ao encontro de Mychal, se jogando nos braços dele e lhe tascando um beijo apaixonado, a perna dobrada para trás teatralmente, como se estivesse num filme.

* * *

Fui à casa de Davis logo depois da escola. Encontrei o portão de ferro fundido da entrada fechado e tive que sair de Harold para tocar o interfone.

— Residência dos Pickett — atendeu uma voz que identifiquei como de Lyle.

— Oi, é a Aza, amiga do Davis.

Ele não respondeu, mas o portão se abriu com um rangido. Voltei para Harold e entrei. Lyle estava no carrinho de golfe quando parei em frente à mansão.

— Oi — cumprimentei.

— Os garotos estão na piscina. Quer uma carona?

— Posso ir andando.

— Vamos — insistiu ele, categoricamente, indicando o lugar ao seu lado no banco. Subi no carrinho, e Lyle nos pôs em movimento sem a menor pressa. — Como está Davis?

— Bem, acho.

— Frágil… é assim que ele está. Os dois.

— Verdade — concordei.

— Lembre-se disso. Já perdeu alguém?

— Já.

— Então você sabe como é — concluiu ele, quando já nos aproximávamos da piscina.

Davis e Noah estavam sentados lado a lado na mesma espreguiçadeira, os dois inclinados para a frente, encarando o chão. A frase de Lyle ressoava em minha mente: *Então você sabe como é*. Não, eu não sabia. Não exatamente. Toda perda é única. Não dá para saber como é a dor de outra pessoa, da mesma forma que tocar o corpo de alguém não é o mesmo que viver naquele corpo.

Quando ouviu o carrinho chegando, Davis se virou na nossa direção e ficou de pé.

— Oi — falei.

— Oi. Eu… preciso de uns minutos aqui, desculpa. Aconteceu uma coisa com o Noah. Lyle, por que não dá uma volta com a Aza? Mostra o laboratório para ela, talvez. Encontro vocês lá daqui a pouco, tudo bem?

Concordei e voltei para o carrinho. Lyle pegou o celular e fez uma ligação.

— Malik, você tem uns minutinhos para fazer um tour com uma amiga do Davis?

Enquanto cruzávamos o campo de golfe, Lyle me perguntou como iam as coisas na escola, se as minhas notas eram boas e o que meus pais faziam. Contei a ele que minha mãe era professora.

— E seu pai?

— Ele morreu.

— Ah. Sinto muito.

Seguimos por uma trilha de terra batida entre as árvores até um prédio retangular todo em vidro e com teto plano. Uma plaquinha anunciava: LABORATÓRIO.

Lyle me levou até a porta, abriu para mim e se despediu. Debruçado sobre um microscópio, Malik, o zoólogo, parecia não ter me ouvido entrar. O local era enorme, com uma mesa preta comprida no centro, igual às que usávamos no colégio nas aulas de química. Embaixo da mesa havia armários e, no tampo, todo

tipo de equipamentos, alguns dos quais reconheci: tubos de ensaio e provetas cheias de líquidos. Fui até a mesa e vi uma máquina redonda com vários tubos de ensaio.

— Desculpa — disse Malik, enfim. — Essas células não sobrevivem muito tempo fora do corpo, e Tua pesa só seiscentos e oitenta gramas, por isso eu coleto apenas o necessário quando tiro sangue dela. Isso é uma centrífuga. — Ele foi até a máquina, pegou um tubo que parecia conter sangue e o colocou com cuidado num suporte apropriado.

— Quer dizer que você se interessa por biologia?

— É, acho que sim — respondi.

Malik olhou para a pequena quantidade de sangue no fundo do tubo.

— Sabia que os tuatara podem ser hospedeiros de parasitas, mas não pegam nenhuma doença deles? Tua tem salmonela, por exemplo.

— Eu não sei muito sobre os tuatara…

— Poucos sabem. É uma pena, porque os tuatara são, sem dúvida, a espécie mais interessante de réptil. Eles são um verdadeiro portal para o passado distante.

Meus olhos continuavam fixos no sangue coletado.

— É difícil para nós, seres humanos, imaginar quanto eles são bem-sucedidos. Eles estão por aqui há bem mais tempo que nós, milênios a mais. Pense só: para sobreviver tanto quanto o tuatara, os humanos teriam que ter surgido no primeiro décimo do um por cento da história do nosso planeta.

— Parece improvável — comentei.

— Muito. O sr. Pickett adora esse aspecto de Tua… Como ela é *bem-sucedida*. Ele acha incrível que ela, aos quarenta anos, talvez ainda esteja no primeiro quarto de sua vida.

— Então ele vai mesmo deixar todos os bens para ela?

— Há usos piores para uma fortuna — argumentou Malik.

Eu não tinha tanta certeza disso.

— Mas o que mais me fascina, e que também é o foco da minha pesquisa, é o índice de evolução molecular. Por favor, me perdoe se eu estiver entediando você.

Na verdade, eu gostava bastante de ouvi-lo. Malik ficava muito animado ao falar sobre o assunto, os olhos brilhando, demonstrando um amor sincero por seu trabalho. Não era fácil encontrar adultos assim.

— Não, eu acho interessante — falei.

— Você tem aula de biologia?

— Estou tendo agora.

— Muito bem, então você sabe o que é DNA. — Assenti. — E sabe que o

DNA sofre mutações? É isso o que cria a diversidade da vida.

— Sei.

— Então, veja só. — Malik foi até um microscópio conectado a um computador e abriu na tela a imagem de uma bolha quase circular. — Isto é uma célula de tuatara. Até onde podemos observar, os tuatara não mudaram muito nos últimos duzentos milhões de anos, certo? São iguais aos fósseis deles. E os tuatara fazem *tudo* devagar. Amadurecem devagar, visto que só param de crescer aos trinta anos; reproduzem-se devagar, pondo ovos apenas uma vez a cada quatro anos; e também têm um metabolismo muito lento. E, apesar de toda essa lentidão e da mudança mínima que sofreram em duzentos milhões de anos, os tuatara têm uma taxa de mutação molecular maior do que qualquer outro animal conhecido.

— Isso quer dizer que eles estão evoluindo mais rápido?

— Em um nível *molecular*, sim. Eles mudam mais rápido que os humanos, ou os leões, ou as moscas-das-frutas. O que nos leva a muitas perguntas: todos os animais já sofreram mutações nessa velocidade? Se sim, o que, afinal, tornou a mutação molecular mais lenta? Como o animal em si muda tão pouco, se o DNA dele muda tão rapidamente?

— E você sabe as respostas?

Ele riu.

— Ah, não, não, não. Não estou nem perto de saber. O que eu amo na ciência é que quanto mais aprendemos, menos respostas conseguimos. O máximo que conseguimos são perguntas melhores.

Ouvi a porta se abrir. Era Davis.

— Vamos ver o filme? — perguntou ele.

Agradeci a Malik pelo tour.

— Pode visitar o laboratório sempre que quiser — respondeu ele. — Talvez da próxima vez fique à vontade para fazer carinho na Tua.

Sorri.

— Duvido muito.

Davis e eu não nos abraçamos, não nos beijamos nem nada, só andamos lado a lado pelo caminho de terra batida por um tempo.

— Noah se meteu em confusão na escola — disse ele, enfim.

— O que aconteceu?

— Acho que ele foi pego com maconha.

— Caramba, que droga. Ele foi preso?

— Ah, não, eles não envolvem a polícia em coisas assim.

Tive vontade de contar a ele que, se fosse na White River High School, com certeza a polícia seria envolvida em um caso como aquele, mas fiquei quieta.

— Ele vai ser suspenso — completou Davis.

Estava tão frio que eu via o vapor saindo da minha boca.

— Talvez seja bom para ele.

— Noah já foi suspenso duas vezes e não adiantou nada até agora. Cara, quem leva maconha para a escola aos treze anos? É como se ele *quisesse* ser castigado.

— Sinto muito.

— Noah precisa de um pai — falou Davis. — Mesmo que seja um pai de merda. E eu não consigo… Não tenho a menor ideia do que fazer. Lyle tentou conversar com ele hoje, mas Noah mal respondeu… *tá*, *sim*, *aham*. Eu vejo que ele sente saudades do nosso pai, mas não tem nada que eu possa *fazer*, entende? Lyle não é pai dele. Eu não sou pai dele. Enfim, eu estava precisando desabafar, e você é a única pessoa com quem eu posso conversar no momento.

O "única" mexeu comigo. Senti minhas mãos começando a suar.

— Vamos ver o filme — falei.

* * *

— Eu estava tentando pensar em filmes no espaço que agradassem você — disse Davis, já no cinema. — Esse é tosco, mas também incrível. Se você não gostar, pode escolher o filme nas próximas dez vezes. Combinado?

— Combinado.

O filme se chamava *O destino de Júpiter* e era realmente tosco e incrível ao mesmo tempo. Depois de alguns minutos, segurei a mão de Davis e me senti bem. Ótima. Eu gostava das mãos dele e de como os dedos dele se entrelaçavam aos meus, seu polegar fazendo pequenos círculos naquele pedacinho de pele entre o polegar e o indicador.

Em um dos muitos clímax da história, eu ri de alguma coisa ridícula.

— Está gostando? — perguntou ele.

— Sim. É bobo, mas é ótimo.

Tive a sensação de que ele continuava olhando para mim, por isso tentei, hesitante, retribuir o olhar.

— Não sei dizer se estou interpretando esse momento errado — disse ele, e seu sorriso despertou em mim uma grande vontade de beijá-lo.

Estava sendo gostoso ficar de mãos dadas, o que geralmente não acontecia, por isso tive a esperança de que o beijo também fosse melhor daquela vez.

Eu me debrucei por cima do descanso de braço consideravelmente grande que nos separava e dei um selinho nele. Gostei de sentir o calor da boca de Davis.

Queria mais. Toquei seu rosto e comecei a beijá-lo de verdade, senti a boca dele se abrindo, e eu só queria ficar com ele como uma pessoa normal ficaria. Queria sentir aquela intimidade esfuziante que sentia toda vez que trocávamos mensagens, e estava gostando de beijá-lo. Davis era bom nisso.

Mas então os pensamentos vieram, e comecei a sentir como se a saliva dele estivesse viva na minha boca. Eu me afastei do modo mais sutil que consegui.

— Você está bem? — perguntou Davis.

— Sim. Estou ótima. Eu só…

Estava tentando pensar no que uma pessoa normal diria… Porque se eu pudesse simplesmente dizer e fazer o que uma pessoa normal diz e faz, talvez ele até acreditasse que eu era uma pessoa normal, ou talvez isso me fizesse ser normal.

— Quer ir com calma? — sugeriu ele.

— Quero — respondi. — É exatamente isso.

— Tranquilo. — Ele apontou com a cabeça para a tela. — Eu estava louco para chegar nessa cena. Você vai adorar. É insana.

Havia um poema de Edna St. Vincent Millay que ecoava na minha cabeça desde a primeira vez que o li. Um trecho dele diz assim: “Soprados da montanha negra até minha porta / Três flocos, e então quatro / Chegam, e depois muitos, muitos mais.” Podemos contar os primeiros três flocos, e o quarto. Então a linguagem falha, e só nos resta nos preparar para sobreviver à nevasca.

Era assim que a espiral de pensamentos se afunilava. Pensei nas bactérias dele dentro de mim. Pensei na possibilidade de algum percentual das ditas bactérias ser maligna. Pensei na *E. coli* e na campylobacter e na *Clostridium difficile*, que muito provavelmente faziam parte do microbioma de Davis.

Um quarto pensamento chegou. E depois muitos, muitos mais.

— Tenho que ir ao banheiro — falei. — Já volto.

Emergi do porão para a luz do entardecer que cintilava pelas janelas, tornando as paredes brancas um pouco rosadas. Noah estava jogando videogame no sofá.

— Aza? — chamou ele.

Dei meia-volta na mesma hora e entrei num banheiro. Lavei o rosto e encarei meu reflexo no espelho, atenta à minha respiração. Observei a mim mesma, tentando descobrir um modo de desligar aquilo, tentando encontrar o botão que calaria meu monólogo interior, *tentando.*

Então peguei o gel antisséptico no bolso do casaco e espremi uma gota gorda na boca. Tive um pouco de ânsia de vômito enquanto bochechava aquela gosma ardente e em seguida engoli.

* * *

— Vocês estão vendo *O destino de Júpiter*? — perguntou Noah quando abri a porta do banheiro.

— Sim.

— Legal.

Quando eu já ia saindo da sala, ele me chamou de novo:

— Aza?

Fui até o sofá e me sentei ao lado dele.

— Ninguém quer encontrar ele.

— Seu pai?

— Eu não consigo pensar em outra coisa. Eu… é… Você acha que, não sei, que ele faria mesmo isso, desaparecer e nem mandar uma mensagem? Acha que ele pode estar tentando se comunicar e a gente só ainda não descobriu como ouvir?

Era muito triste ver Noah daquele jeito.

— Talvez seja isso. Ou talvez ele esteja só esperando um momento seguro para voltar.

— É mesmo. É, isso faz sentido. Valeu. — Eu estava começando a me levantar quando ele voltou a falar: — Mas por que ele não mandou um e-mail? Se usasse uma rede Wi-Fi pública, não teriam como rastrear. Por que ele não mandou uma mensagem de um celular pré-pago qualquer?

— Vai ver ele está com medo.

Eu queria muito ajudar, mas talvez não houvesse como.

— Você vai continuar investigando?

— Claro que vou, Noah.

Ele pegou o controle do videogame de novo, minha deixa para voltar à sala de cinema.

* * *

Davis havia pausado o filme no meio de uma batalha entre naves espaciais, e a luz intensa de uma explosão paralisada se refletia na lente de seus óculos quando ele se virou.

— Está tudo bem? — perguntou ele, quando me sentei ao seu lado.

— Sinto muito mesmo.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer para…

— Não, não tem nada a ver com você. É só que… Eu só… Não consigo falar

sobre isso agora.

Minha cabeça girava, e eu estava tentando manter o rosto afastado para que ele não sentisse o cheiro do gel antisséptico no meu hálito.

— Está tudo bem — disse Davis. — Eu gosto de nós. Gosto que a gente tenha nosso próprio jeito de se relacionar.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou, sim.

Fiquei encarando a tela congelada, esperando que ele desse play no filme de novo.

— Eu ouvi você falando com Noah.

Eu ainda sentia a saliva dele na minha boca, e o alívio do gel antisséptico já estava sumindo. Se eu ainda sentia a saliva dele, provavelmente ainda estava ali. *Talvez seja melhor você tomar mais.* Isso é ridículo. Bilhões de pessoas no mundo se beijam e nada de ruim acontece. *Você sabe que vai se sentir melhor se tomar mais.*

— Ele precisa conversar com alguém — falei. — Um psicólogo, talvez.

— Ele precisa de um pai.

Por que você tentou beijar Davis? Você sabia que isso ia acontecer. Poderia ter tido uma noite normal, mas preferiu isso. A prioridade agora é Noah, não eu. *As bactérias dele estão nadando em você. Estão na sua língua agora mesmo. Nem álcool puro seria capaz de matar todas.*

— Quer só terminar o filme?

Concordei com a ideia, e ficamos sentados próximos, mas sem contato físico, por uma hora, enquanto a espiral dava voltas e voltas e mais voltas.

QUINZE

Quando cheguei em casa naquela noite, me deitei, mas não dormi. Fiquei escrevendo várias mensagens para Davis e apagando, até enfim deixar o celular de lado e pegar o laptop. Queria saber o que tinha acontecido com a vida on-line dele, para onde Davis fora depois de abandonar as mídias sociais.

Quando procurei o nome dele no Google, veio uma torrente de notícias sobre o pai: "CEO da Pickett Engenharia revela que não deixará um centavo para os filhos adolescentes" e coisas do tipo. Davis não tinha atualizado Instagram, Facebook, Twitter nem o blog desde o sumiço do pai, e as buscas pelos dois nomes de usuário dele, *dallgoodman* e *davis_naodave02*, só me levaram a outras pessoas.

Comecei, então, a procurar nomes de usuário parecidos (*dallgoodman02*, *davis_naodave*, *davis_naodavid*) e a testar opções no Facebook e nos servidores de blogs. Depois de mais de uma hora nisso, já passando da meia-noite, finalmente tive a ideia de buscar a frase: "As folhas seguiram seu caminho, vocês também deveriam ir."

Apareceu um único link, que levava a um blog de um tal de *anônimo02*. Havia sido criado dois meses antes e, assim como o outro blog de Davis, as postagens eram quase todas citações ou textos curtos e enigmáticos. Mas esse novo blog também tinha uma aba "poemas". Fui para a página inicial e desci até a primeira entrada:

> "Posso resumir em três palavras tudo o que aprendi sobre a vida: a vida continua."
>
> — Robert Frost

> Catorze dias desde que tudo isso começou. Não posso dizer que minha vida está pior — só menor. Basta olhar para cima pelo tempo certo para sentir nossa infinitesimalidade. A diferença entre estar vivo ou não — é alguma coisa. Mas de onde as estrelas estão olhando para nós, quase não há diferença entre as variedades de vida, entre mim e a grama recém-aparada onde estou deitado agora mesmo. Somos ambos deslumbramentos, o mais próximo de um milagre no universo conhecido.
>
> "Partiu-se a Tábua em minha Mente / E eu fui cair de Chão em Chão…"
>
> — Emily Dickinson

> Há cerca de cem bilhões de estrelas na Via Láctea — aproximadamente uma para cada pessoa que já viveu. Esta noite, observando o céu, pensei sobre isso. O tempo estava quente demais para a estação e

nunca se viram estrelas tão lindas por essas áreas. Quando olho para o alto, sempre tenho a sensação de estar caindo.
Mais cedo, ouvi meu irmão chorando no quarto dele e fiquei ali em frente à porta fechada por muito tempo. Sei que ele sabia que eu estava ali porque as tábuas do corredor rangeram e ele tentou conter os soluços, e eu só fiquei ali parado, encarando a porta, incapaz de abri-la.

"Até o silêncio / tem uma história para contar."

— Jacqueline Woodson

A pior parte de estar totalmente sozinho é pensar em todas as vezes em que desejamos que todo mundo simplesmente nos deixasse em paz. Foi o que fizeram. Atenderam ao meu pedido, e acabei me saindo uma péssima companhia.

"O mundo é um globo — quanto mais distante você veleja, mais perto de casa está."

— Terry Pratchett

Às vezes abro o Google Maps e dou zoom em pontos aleatórios onde ele poderia estar. S veio ontem à noite para nos orientar sobre o que acontece de agora em diante — o que acontece se ele for encontrado, o que acontece se não for — e, em determinado momento, ele disse: "Vocês compreendem que passei a me referir não apenas à pessoa física, mas também à entidade legal." A entidade legal é o que paira sobre nós, assombrando nossa casa. A pessoa física está em algum lugar do mapa.

"Sou apaixonado pelo mundo."

— Maurice Sendak

Sempre dizemos que estamos sob as estrelas. Não estamos, é claro — não há em cima ou embaixo, e de qualquer modo estamos rodeados de estrelas. Mas dizemos que elas ficam acima, o que é legal. É comum que a linguagem glorifique o ser humano — somos *alguém*, os outros animais são *algum* —, mas ao menos abaixo das estrelas ela nos coloca.

Finalmente, apareceu um *ela*.

"O que é passado é prólogo."

— William Shakespeare

Ver o passado — ou uma pessoa do passado — pode ser, ao menos para mim, fisicamente doloroso. Sou tomado por uma melancolia que chega a doer; começo a desejar o passado de volta, a qualquer custo. Não importa que ele não vá voltar, que nunca tenha sequer existido como está na minha memória — eu o quero de volta. Quero que as coisas sejam como eram antes, ou como lembro que foram: inteiras. Mas, não sei por quê, ela não me lembra o passado. Ela é o presente.

O texto seguinte, que tinha sido postado no fim daquela noite em que ele me dera o dinheiro, mais ou menos confirmava que ela era eu.

"Acorda, meu coração, acorda, que tu dormiste bem. Acorda."

— William Shakespeare

Talvez eu tenha estragado tudo. Mas, se eu não tivesse feito o que fiz, sei que ainda haveria uma dúvida, ela só seria outra. A vida é uma sequência de escolhas entre incertezas.

> “A Ilha é cheia de ruídos.”
>
> — William Shakespeare
>
> A proposição de que talvez ela não gostasse de mim se eu não fosse eu é uma proposição impossível. Dá voltas em torno de si mesma. A verdadeira questão é se ela gostaria de mim se meu corpo e minha alma fossem transportados para uma vida diferente, uma vida menor. Nesse caso, voltamos à estaca zero, é claro: eu não seria eu; seria outra pessoa. O passado é uma armadilha que já nos capturou. Um pesadelo, disse Stephen Dedalus, do qual estou tentando acordar.

E a última postagem:

> “Esta coisa escura eu reconheço ser meu.”
>
> — William Shakespeare
>
> Ela me lembrou, mais de uma vez, que a chuva de meteoros estava acontecendo, acima do céu nublado, só não podíamos vê-la. Quem se importa com beijos quando ela vê através das nuvens?

Só depois de ler o blog todo eu me dei conta de que todas as postagens que se referiam a mim começavam com citações de *A tempestade*. Eu me senti invadindo a privacidade de Davis, mas era um blog público, e ler seus textos me dava a sensação de estar com ele, só que sem tanto medo. Cliquei na aba “poemas”.

O primeiro era:

Os passos de minha mãe
Tão silenciosos eram
Que mal a ouvi partir.

Depois:

Nunca se deve manchar a beleza com a verdade,
Ou assim acreditava e.e. cummings.
“E isso é a maravilha que mantém as estrelas distantes”,
escreveu ele, sobre amor e desejo.
Certamente, isso lhe rendeu muitas mulheres.
E essa era a única intenção do poema.
Mas gravidade é diferente de afeto:
Apenas um é constante.

Então cheguei ao primeiro poema, escrito no mesmo dia da primeira postagem, duas semanas após o desaparecimento do pai dele.

Ele me carregou por toda a vida…

Me pegou no colo, me levou a toda parte, disse
Venha comigo. Vou levar você. Vamos nos divertir.
Nunca nos divertimos
Não sabemos o peso de um pai
Até que ele seja nosso fardo.

Eu estava relendo esse poema quando o meu telefone vibrou.

Ele: Oi.

Eu: Oi.

Ele: Por acaso você está lendo meu blog neste exato momento?

Eu: … Talvez. Tem problema?

Ele: Que bom que é você. O Analytics me informou que alguém de Indianápolis está na minha página há trinta minutos. Fiquei nervoso.

Eu: Por quê?

Ele: Não quero meus poemas horríveis saindo nos jornais.

Eu: Ninguém faria isso. E você tem que parar de dizer que seus poemas são horríveis.

Ele: Como você encontrou o blog?

Eu: Procurei por "as folhas seguiram seu caminho, vocês também deveriam ir". Outra pessoa não saberia como nem onde procurar.

Ele: Desculpa se estou sendo paranoico, é só que gosto de postar no blog e não quero ter que apagar.

Ele: Adorei ver você hoje.

Eu: Eu também.

Vi o "digitando…", mas não recebi nada, então escrevi:

Eu: Quer falar pelo FaceTime?

Ele: Claro.

Meus dedos tremiam um pouco quando toquei em "iniciar chamada". O rosto de Davis surgiu na tela, cinza na luz fantasmagórica do celular dele.

— *Shhh* — fiz, levando um dedo à boca.

Ficamos olhando um para o outro em silêncio, embora fôssemos apenas borrões na luz turva das telas dos celulares, e aquele foi o momento mais íntimo que já tive na vida real.

Ao olhar para o rosto de Davis olhando para o meu, percebi que era um ciclo o que nos permitia ver um ao outro: a luz que iluminava o rosto dele vinha do meu quarto, e a luz que iluminava meu rosto vinha do quarto dele. Eu só conseguia vê-lo porque ele conseguia me ver. No medo e na empolgação de estarmos frente a frente naquela luz prateada e granulada, a sensação era de que eu não estava na minha cama, nem ele na dele. Na verdade, estávamos juntos num lugar não sensorial, quase como se dentro da consciência um do outro, uma proximidade que a vida real, com seus corpos reais, nunca alcançaria.

Depois que desligamos, ele mandou uma última mensagem:

Gosto de nós. De verdade.

E eu acreditava nisso.

DEZESSEIS

E, por um tempo, encontramos formas de sermos nós — nos vendo de vez em quando, mas trocando mensagens e nos falando por vídeo quase toda noite. Encontramos um jeito de andar na roda-gigante sem falar sobre ela. Alguns dias eu mergulhava nas espirais mais fundo que em outros, mas trocar o band-aid ajudava um pouco, além de fazer os exercícios de respiração, tomar o remédio e todo o resto.

Assim, minha vida seguia seu curso: eu lia e estudava, fazia provas e via TV com minha mãe, encontrava Daisy quando ela não estava com Mychal ou escrevendo, lia e relia aquele catálogo de universidades, imaginando a variedade de futuros que ele prometia.

Então, numa noite em que eu estava entediada e com saudade dos dias em que Daisy e eu passávamos metade de nossa vida juntas no Applebee's, resolvi ler as histórias dela.

A mais recente, "Rey: Um raio de calor", tinha sido publicada na semana anterior. Fiquei pasma ao ver que já alcançara milhares de visualizações. Daisy estava famosinha.

Narrada por Rey, a história se passava em Tatooine, onde os pombinhos Rey e Chewbacca fizeram uma parada para pegar uma carga com um camarada de dois metros e meio de altura chamado Kalkino. Chewie e Rey estavam acompanhados de Ayala, uma garota de cabelo azul que Rey descrevia como "minha melhor amiga e meu maior fardo".

Na fanfic, eles encontram Kalkino numa corrida de pods e Kalkino oferece ao trio dois milhões de créditos para levar quatro caixas de carga a Utapau.

— Estou com um mau pressentimento — disse Ayala.

Revirei os olhos. Ayala não entendia nada direito. E quanto mais se preocupava, pior as coisas ficavam. Ayala tinha a integridade moral de uma garota que nunca passou fome, sempre criticando como Chewie e eu ganhávamos a vida, sem se dar conta de que nosso trabalho era o que lhe garantia comida e abrigo. Chewie tinha uma dívida eterna com Ayala porque o pai dela havia morrido para salvá-lo, anos antes, e Chewie era um Wookiee de princípios, mesmo quando princípios não eram

convenientes. Já a ética pessoal de Ayala era conveniência pura, porque uma vida de privilégios era o único tipo de vida que ela conhecia.

— Isso não está certo — resmungou Ayala.

Ela enfiou a mão na cabeleira azul e puxou uma mecha, enrolando-a no dedo. Um tique nervoso, mas a verdade é que ela era toda nervosismo.

Continuei lendo, com um nó no estômago. Ayala era horrível. Ela interrompeu um momento tórrido entre Chewie e Rey a bordo da *Millennium Falcon* para fazer uma pergunta irritante sobre o hiperpropulsor "cuja resposta uma criança de cinco anos razoavelmente competente seria capaz de descobrir sozinha". Ayala abriu uma das embalagens do carregamento, revelando geradores que dispararam tanta energia que quase explodiram a nave e consequentemente comprometeram a entrega da carga. Em determinado ponto, Daisy escreveu: "Ayala não é má pessoa, só é uma inútil."

Eles concluem a missão com sucesso e entregam os geradores, mas como um deles perdeu energia por causa de Ayala, os destinatários descobrem que nossos intrépidos heróis violaram a carga e oferecem uma recompensa por suas cabeças — ou devo dizer: por *nossas* cabeças. Isso significava que os riscos seriam ainda maiores no capítulo da semana seguinte.

Havia dezenas de comentários. O último era: "EU AMO ODIAR AYALA. OBRIGADO POR TRAZÊ-LA DE VOLTA." Daisy respondeu com: "Obg! Obg por ler!"

Li todas as fanfics em ordem cronológica inversa e descobri que Ayala já havia arruinado as coisas para Chewie e Rey de todas as formas possíveis. A única vez que eu tinha feito alguma coisa decente foi quando, transtornada pela ansiedade, vomitei em um Hutt chamado Yantuh, o que acabou distraindo o inimigo, dando a chance de Chewie pegar uma pistola blaster para nos salvar da sentença de morte.

* * *

Fiquei acordada até tarde lendo e até mais tarde ainda pensando no que diria a Daisy no dia seguinte, mas meus pensamentos oscilavam entre fúria e medo, rondando o quarto feito um abutre. Acordei um caco: não apenas cansada, mas também apavorada. Estava me vendo como Daisy me via: sem noção, sem conserto, sem utilidade. Sem nada de bom.

Enquanto ia com Harold à escola, a cabeça latejando por causa da noite em claro, não parava de pensar em como morria de medo de monstros quando

criança. Na época, eu sabia que monstros não eram, digamos, *reais*, mas também sabia que o que não era real podia me causar sofrimento. Sabia que coisas que inventamos eram relevantes e podiam matar. Voltei a me sentir assim depois de ler as histórias de Daisy, como se algo invisível estivesse me perseguindo.

Achei que fosse ficar furiosa ao ver Daisy, mas quando a encontrei, sentada nos degraus da escola encolhida de frio, acenando para mim com a mão enluvada, na verdade senti que… que eu merecia aquilo. Como se Ayala fosse o que Daisy precisava fazer para me aturar.

Ela se levantou quando cheguei.

— Tá tudo bem, Holmes?

Assenti, porque não conseguiria dizer nada. Sentia minha garganta apertada, como se eu estivesse prestes a chorar.

— O que houve? — perguntou ela.

— Só cansaço.

— Holmes, não me leva a mal, mas você tá parecendo um fantasma que acabou de sair de uma casa mal-assombrada e agora está num estacionamento tentando comprar drogas.

— Vou fazer o máximo para não levar a mal.

Daisy me enlaçou pela cintura.

— Olha, você continua linda. Não consegue deixar de ser linda, Holmes, por mais que tente. Só estou dizendo que você precisa *dormir* um pouco. Se cuidar, entende? — Assenti e dei um jeito de me desvencilhar dela. — Faz uma eternidade que a gente não sai, só nós duas. Pensei em passar na sua casa mais tarde, o que acha?

Quis responder que não, mas lembrei que Ayala sempre dizia não para tudo e não quis ser como minha versão fictícia.

— Claro.

— Mychal e eu vamos fazer o dever de casa juntos hoje à noite, mas, se nós duas formos direto para sua casa depois da aula, tenho aproximadamente cento e quarenta e dois minutos, o que, por acaso, é exatamente a duração de *Ataque dos Clones*.

— Uma noite de dever de casa?

Mychal apareceu atrás de mim.

— Estamos lendo *Sonho de uma noite de verão* um para o outro, para a aula de inglês.

— Nossa… Jura?

— O que foi? Não tenho culpa se somos fofos. Mas, primeiro, batalha com o sabre de luz de Yoda na sua casa, depois da escola. Fechou?

— Fechou.

— Combinado, então.

* * *

Seis horas depois, estávamos deitadas no chão, apoiadas nas almofadas do sofá, assistindo a Anakin Skywalker e Padmé se apaixonarem em câmera extremamente lenta. Daisy considerava *Ataque dos Clones* o filme mais subestimado de *Star Wars*. Eu achava uma porcaria, mas era divertido ver Daisy assistindo. Ela recitava cada fala, sem exagero.

Passei a maior parte do tempo olhando para o celular, dando uma lida em matérias sobre o desaparecimento de Pickett, procurando alguma coisa que tivesse ligação com corredores ou com bocas de corredores. Eu realmente pretendia cumprir o que prometera a Noah… mas as pistas que tínhamos simplesmente não pareciam pistas.

— Eu queria gostar do Jar Jar, porque odiar o Jar Jar é tão clichê, mas ele é *horrível* — comentou Daisy. — Eu até o matei, faz uns anos, na minha fanfic. Foi uma sensação deliciosa. — Meu estômago se revirou, mas me concentrei no celular. — O que você está procurando aí?

— Só estou lendo sobre a investigação do Pickett, vendo se há alguma novidade. Noah está mesmo lidando muito mal com tudo isso, e eu… Eu só queria ajudar de algum jeito.

— Holmes, já recebemos a recompensa. Acabou. Seu problema é que você não percebe quando venceu.

— Entendi.

— A questão é que Davis nos deu a recompensa pra gente esquecer essa história. Então, esquece essa história.

— É, você tem razão.

Eu sabia que Daisy tinha razão, mas ela não precisava falar daquele jeito.

Pensei que o assunto estivesse encerrado, mas segundos depois ela pausou o filme e continuou falando:

— É que, tipo, essa não vai ser uma daquelas histórias em que a garota pobretona fica rica mas depois percebe que a verdade importa mais que a grana então ela vai lá e banca a heroína e volta a ser uma pobretona, entendeu? A vida de todo mundo está melhor sem esse cara. Aceita isso.

— Ninguém vai tirar o seu dinheiro de você — falei, baixinho.

— Eu te amo, Holmes, mas seja esperta.

— *Já entendi*.

— Promete que vai esquecer isso?

— Prometo.

— E nós partimos corações, mas não quebramos promessas.

— Você fica repetindo esse seu “lema”, mas agora passa noventa e nove por cento do tempo com o Mychal.

— Só que neste exato momento estou me divertindo com você e com Jar Jar Binks — brincou ela.

Voltamos a ver o filme. Quando terminou, ela apertou meu braço, dizendo:

— Te amo.

E saiu correndo para a casa do Mychal.

DEZESSETE

Mais tarde naquela noite, recebi uma mensagem de Davis.

Ele: Tá por aí?

Eu: Sim. Quer falar no FaceTime?

Ele: A gente pode se ver no mundo real?

Eu: Pode, mas não sou uma boa companhia no mundo real.

Ele: Eu gosto de você no mundo real. Que tal agora?

Eu: Ótimo.

Ele: Traz o casaco. Está frio lá fora, e o céu está limpo.

* * *

Harold e eu fomos até a mansão Pickett. Harold não é muito fã do frio, e tive a sensação de ouvir alguma parte do motor se enrijecendo, mas ele aguentou firme por mim, aquela lindeza de carro.

Quase congelei durante o breve percurso da entrada até a casa, mesmo com meu casaco mais quente e minhas luvas. Nunca reparamos muito no clima quando ele está bom, mas é impossível ignorar aquele frio que faz a gente ver a própria respiração. É o clima que decide quando devemos pensar nele, não o contrário.

A porta se abriu automaticamente assim que me aproximei. Davis estava no sofá com Noah, que fazia o de sempre: imerso no videogame, num jogo de batalhas estelares.

— Oi — falei.

— Oi — disse Davis.

— E aí? — acrescentou Noah.

— Ei, cara — falou Davis, levantando-se —, vou dar uma volta com a Aza antes que ela tire o casaco. Já volto, beleza?

Ele bagunçou o cabelo do irmão antes de se afastar.

— Beleza — respondeu Noah.

* * *

— Eu li as histórias da Daisy — contei a ele enquanto caminhávamos pelo campo de golfe.

A grama ainda era mantida imaculada, embora o único membro da família afeito ao esporte já estivesse desaparecido havia meses.

— Muito boas, não achou?

— É, muito boas. Mas a Ayala é tão insuportável que não consegui prestar atenção em mais nada.

— Não chega a tanto. Ela só é ansiosa.

— Ela causa cem por cento dos problemas.

Davis bateu o ombro no meu de brincadeira.

— Eu até que gosto dela, mas acho que sou suspeito para falar.

* * *

Demos uma volta pela propriedade e paramos na piscina. Davis abriu a cobertura pelo aplicativo do celular e nos sentamos nas espreguiçadeiras. Fiquei observando o vapor da água aquecida encontrar o ar frio, enquanto Davis, deitado, contemplava o céu.

— Não consigo entender por que ele se fecha tanto dentro de si mesmo, quando existe esse infinito em que se perder.

— Quem?

— Noah.

Davis enfiou a mão no bolso do casaco e pegou um objeto, que ficou girando na palma da mão. A princípio, pensei que fosse uma caneta, mas quando ele começou a movê-lo entre os dedos, como um mágico fazendo um truque de cartas, percebi que era o boneco do Homem de Ferro.

— Não me julgue — pediu Davis. — Tem sido uma semana difícil.

— Só não acho que o Homem de Ferro seja mesmo um super-he…

— Você está partindo meu coração, Aza. Mas, ei, está vendo Saturno ali em cima?

Apontando com o boneco, ele me explicou como diferenciar um planeta de uma estrela e como encontrar cada constelação. Disse que nossa galáxia era uma grande espiral, assim como muitas outras.

— Todas as estrelas que estamos vendo agora estão nessa espiral. Ela é enorme.

— E tem um centro? — perguntei.

— Tem. A galáxia toda gira ao redor de um buraco negro imenso. Mas bem devagar. Para você ter uma ideia, nosso sistema solar leva duzentos e vinte e cinco milhões de anos terrestres para completar uma órbita na galáxia.

Perguntei se as espirais da galáxia eram infinitas, e Davis me explicou que não. Ele perguntou sobre as minhas espirais.

Contei sobre um matemático, Kurt Gödel, que morria de medo de ser envenenado e, portanto, não comia nada que não fosse preparado por sua esposa. Um dia, ela ficou doente e teve que ser internada, então Gödel parou de comer. Muito provavelmente, ele sabia que o risco de morrer por inanição era maior que o de ser envenenado, mas simplesmente não conseguiu se forçar a comer e acabou morrendo de fome. Aos setenta e um anos. Ele coabitou um corpo com um demônio por setenta e um anos, e o demônio o venceu no final.

— Você tem medo de que isso aconteça com você? — perguntou Davis.

— É muito estranho: sabemos que a nossa cabeça é doida, mas mesmo assim não conseguimos fazer nada em relação a isso, entende? Não é que a gente se iluda achando que comportamentos desse tipo são normais. A gente sabe que tem um problema. Só não consegue descobrir o que fazer para consertá-lo. Porque pra gente não existe certeza. Para Gödel, por exemplo, não havia como ter certeza de que a comida não estava envenenada.

— Você tem medo de que isso aconteça com você? — perguntou ele novamente.

— Eu tenho medo de muitas coisas.

Continuamos conversando, por tanto tempo que as estrelas se moveram no céu.

— Quer nadar? — sugeriu Davis em determinado momento da noite.

— Está meio frio para isso.

— A piscina é aquecida.

Ele se levantou e tirou a camisa e a calça enquanto eu só observava. Gostei de vê-lo se despir. Davis era magro, mas eu gostava do corpo dele — os músculos das costas sutis, porém definidos, os pelos das pernas arrepiados. Tremendo de frio, ele pulou na água.

— Está magnífica.

— Não trouxe biquíni.

— Mas está de calcinha e sutiã, é *quase* um biquíni.

Eu ri, tirei o casaco e fiquei de pé.

— Se importa de virar de costas? — pedi.

Ele se posicionou na direção da luz bruxuleante do terrário, onde a futura bilionária se escondia em algum lugar de sua floresta artificial.

Tirei a calça jeans e depois a blusa. Fiquei me sentindo nua, embora tecnicamente não estivesse, mas baixei as mãos e falei:

— Tudo bem, pode olhar.

Entrei devagarzinho na água quente, ao lado dele. Davis colocou as mãos na minha cintura, mas não tentou me beijar.

Ele estava de costas para a ilha, e, depois que meus olhos tinham se adaptado à escuridão, vi a tuatara em um galho, nos encarando com seus olhos escuros.

— Tua está nos observando — falei.

— É uma tarada.

Ele se virou para o terrário. Uma espécie de limo amarelo crescia na pele verde de Tua, e ela respirava com a boca entreaberta, mostrando os dentes. A cauda de crocodilo em miniatura se agitou de repente, e Davis, assustado, se aproximou mais de mim.

— Odeio esse bicho — falou, com uma risada.

* * *

Estava muito frio quando saímos da piscina. Não tínhamos nenhuma toalha por perto, por isso pegamos nossas roupas e corremos de volta para a mansão. Noah ainda estava no sofá, jogando o mesmo jogo. Passei rápido por ele e subi às pressas a escada de mármore.

Já vestidos, fomos para o quarto de Davis. Ele colocou o Homem de Ferro na mesinha de cabeceira e se ajoelhou para me mostrar como funcionava o telescópio. Ele inseriu algumas coordenadas num controle remoto, e o telescópio se mexeu sozinho. Quando o aparelho parou, Davis se inclinou para olhar pelas lentes e então se afastou para me deixar ver também.

— Essa é Tau Ceti — disse ele.

Com a imagem tão ampliada, eu só via escuridão e um disco cintilante de luz branca.

— Fica a doze anos-luz de distância — continuou Davis. — É parecida com o nosso sol, mas um pouco menor. Dois dos planetas que orbitam Tau Ceti talvez até sejam habitáveis… provavelmente não, mas talvez. É minha estrela preferida.

Eu não sabia o que deveria estar vendo. Para mim era só um círculo como outro qualquer. Mas então ele explicou:

— Gosto de olhar para ela e imaginar como alguém no sistema solar de Tau

Ceti vê a luz do nosso sol. Neste momento, estão vendo a luz de doze anos atrás… Na luz que eles estão vendo, minha mãe ainda vai viver mais três anos. Nossa casa acabou de ser construída e meus pais discutem dia e noite por causa do projeto da cozinha. Na luz que eles estão vendo, você e eu ainda somos crianças. Temos o melhor e o pior de nossas vidas pela frente.

— *Ainda* temos o melhor e o pior de nossas vidas pela frente — corrigi.

— Espero que não. Torço muito para que o pior já tenha ficado para trás.

Eu me afastei da luz de doze anos atrás de Tau Ceti e olhei para Davis. Segurei sua mão e tive vontade de dizer que o amava, mas eu não sabia definir muito bem o que sentia por ele. Nossos corações estavam partidos nos mesmos lugares. Isso é parecido com amor, mas talvez não seja exatamente a mesma coisa.

É horrível perder uma pessoa da família, e eu entendia o que ele queria dizer quando falava sobre buscar conforto na luz de anos atrás. Eu sabia que em três anos ele encontraria outra estrela preferida, com uma luz ainda mais antiga para observar. E quando o tempo alcançasse essa nova estrela, ele amaria uma ainda mais distante, e outra depois dessa, porque não podemos deixar a luz alcançar o presente. Caso contrário, esqueceríamos.

Era por isso que eu gostava de olhar para as fotos do meu pai. Era o mesmo princípio, na verdade. Fotografias são apenas luz e tempo.

— Preciso ir — falei, baixinho.

— A gente pode se ver no fim de semana?

— Pode.

— Que tal na sua casa, da próxima vez?

— Claro — concordei. — Se você não se incomodar de ser interrogado pela minha mãe.

Ele me garantiu que não se importava, e nos abraçamos. Fui embora e deixei Davis sozinho no quarto, ajoelhado diante do telescópio.

* * *

Quando cheguei em casa, contei para minha mãe que Davis queria passar lá no fim de semana.

— Vocês estão namorando? — perguntou ela.

— Acho que sim.

— Ele trata você bem?

— Sim.

— Escuta você tanto quanto você o escuta?

— Bem, eu não sou muito de falar. Mas, sim. Davis me escuta. Ele é muito, muito fofo comigo, e em algum momento você vai ter que confiar em mim, sabe?

Ela suspirou.

— Tudo que eu mais quero nesse mundo é proteger você. Proteger você da dor, do estresse, de tudo.

Eu a abracei.

— Você sabe que eu te amo, filha.

Sorri.

— Sim, mãe. Eu sei que você me ama. Quanto a isso não precisa mesmo se preocupar.

* * *

Naquela noite, já na cama, entrei no blog de Davis.

> "Duvida que as estrelas sejam fogo, / duvida que o sol se mova."
>
> — William Shakespeare

> Ele não se move, é claro… Quer dizer, se move, mas não ao nosso redor. Até mesmo Shakespeare presumiu verdades fundamentais que acabaram se provando equivocadas. Quem sabe em que mentiras eu acredito, ou você? Quem sabe do que devemos duvidar?
>
> Esta noite, sob as estrelas, ela me perguntou: "Por que todas as postagens sobre mim têm citações de *A tempestade*? É porque naufragamos?"
>
> Sim. Sim, é porque naufragamos.

Recarreguei a página quando terminei de ler, para ver se havia algum texto novo, e, de fato, ele postara minutos antes.

> "Existe a seguinte expressão na música clássica: 'Saímos para o prado.' É para aquelas noites que só podem ser descritas desta forma — não há paredes, não há palco, não há nem mesmo instrumentos. Não há teto, não há chão: saímos para o prado. Isso descreve uma sensação."
>
> — Tom Waits

> Sei que ela está lendo isto neste momento. (Oi.) Tenho a sensação de que saímos para o prado esta noite, só não havia música. Nas melhores conversas, nem nos lembramos do que falamos, só nos lembramos da sensação. Foi como se nem estivéssemos lá, deitados na beirada da piscina. Foi como se estivéssemos num lugar impossível de se estar, algum lugar sem teto, sem paredes, sem chão e sem instrumentos.

Eu realmente deveria ter parado por aí, mas, em vez de ir dormir, decidi me torturar lendo mais histórias de Ayala.

Não compreendia como Davis podia gostar dela. Ayala era uma chata —

totalmente egocêntrica e sempre incomodando todo mundo. Em uma cena, durante uma festa, Rey observava: “É claro que quando Ayala está por perto, nunca é *realmente* uma festa, porque em festas as pessoas se divertem.”

Fechei o site, mas não consegui me forçar a deixar o computador de lado e ir dormir. Em vez disso, acabei na Wikipédia, lendo sobre fanfics e *Star Wars*, e depois me peguei nos mesmos velhos artigos sobre microbioma humano e estudos sobre como a composição microbiana havia moldado pessoas e, em alguns casos, matado.

Em determinado momento, esbarrei com este trecho: “O cérebro dos mamíferos recebe um fluxo constante de informações interoceptivas do trato gastrointestinal. Então as combina a outras informações interoceptivas do organismo e a informações do ambiente para, então, mandar uma resposta integrada às células-alvo do trato gastrointestinal, pelo que é comumente chamado de ‘eixo cérebro-intestino’, mas pode ser melhor descrito como ‘*ciclo* cérebro-intestino’.”

Sabia que aquele não era o tipo de texto que invocaria pavor em pessoas normais, mas me deixou paralisada de medo. Ali estava escrito que minhas bactérias afetavam meus pensamentos — talvez não diretamente, mas através das informações que as bactérias faziam meu sistema gastrointestinal mandar para o cérebro. *Talvez você nem esteja pensando esse pensamento. Talvez seu pensar esteja infeccionado.* Eu não deveria ter lido aqueles artigos. Deveria ter ido dormir. *Tarde demais.*

Dei uma olhada pela fresta embaixo da porta para ver se realmente não havia mais nenhuma luz acesa, sinal de que minha mãe já tinha ido dormir, e fui na ponta dos pés até o banheiro. Troquei o band-aid e o examinei com atenção. Havia sangue. Não muito, mas um pouco. Levemente rosado. Não está infeccionado. Está sangrando porque ainda não cicatrizou. *Talvez esteja infeccionado*. Não está. *Tem certeza? Você limpou o machucado hoje de manhã?* Devo ter limpado. Eu sempre limpo. *Tem certeza?* Ah, pelo amor de Deus.

Lavei as mãos e coloquei um band-aid novo, mas àquela altura eu já estava afundando a toda velocidade. Abri o armário tomando cuidado para não fazer barulho e peguei um gel antisséptico com aroma de aloe vera. Bebi um gole, depois outro. Fiquei um pouco zonza. Você não deveria fazer isso. Essa merda é álcool puro. Você vai passar mal. *Melhor tomar mais um pouco.* Espremi mais um tanto na língua. Chega. Você vai ficar limpa depois disso. *Só mais um gole.* Tomei. Ouvi minhas entranhas reclamarem. Meu estômago começou a doer.

Você pode matar as bactérias boas junto, e é aí que a C. diff *entra. Cuidado.* Ótimo, você me diz para tomar o álcool e depois diz para não tomar.

Voltei ao meu quarto, suando em bicas, o corpo pegajoso, parecendo um

cadáver. Minha cabeça deu um nó. Você não vai ficar mais saudável bebendo gel antisséptico, sua maluca imbecil. *Mas as bactérias podem se comunicar com seu cérebro. ELAS podem dizer ao seu cérebro o que pensar, e você, não. Então, quem está no comando aqui?* Para, por favor.

Tentei não pensar aquele pensamento, mas, como um cachorro na coleira, eu só conseguia me afastar até certo ponto, e se tentasse ir além, começava a ser estrangulada. Meu estômago roncou.

Nada adiantou. Até mesmo ceder ao pensamento só me garantia um instante de alívio. Eu me lembrei de uma pergunta que a dra. Singh me fizera anos antes, na primeira crise: *Você acha que é uma ameaça para si mesma?* Mas o que é a ameaça e o que é o "si mesma"? Eu *não* não era uma ameaça, mas não saberia dizer a quem ou ao que, os pronomes e objetos da frase indefinidos pela abstração de tudo aquilo, as palavras sugadas até lá embaixo em um abismo não verbal. *Você é um nós. Você é um você. Você é um ela, um eles.* Meu reino por um eu.

Eu me sentia escorregando, mas até mesmo isso era uma metáfora. Afundando, outra metáfora. Não sei descrever a sensação a não ser dizendo que eu não sou eu. Forjada no molde da alma de outro alguém. Por favor, só me tire dessa. Quem quer que seja o meu autor, me tire dessa. Faço qualquer coisa para sair disso.

Mas não consegui sair.

Três flocos, e então quatro.

E depois muitos, muitos mais.

DEZOITO

Minha mãe me acordou às seis e cinquenta.

— Perdeu a hora? — perguntou ela.

Entreabri os olhos. Ainda estava escuro no quarto.

— Está tudo bem — falei.

— Tem certeza?

— Aham.

Saí da cama me arrastando e apenas trinta e dois minutos depois já estava na escola. Minha cara não era das melhores, mas já tinha desistido havia muito de impressionar o corpo discente da White River High School.

Daisy estava sentada sozinha nos degraus da entrada.

— Caramba, que cara de sono! — comentou ela quando me aproximei.

Fazia um dia nublado, daqueles em que o sol é uma mera suposição.

— Tive uma noite difícil. Tudo bem com você?

— Tudo ótimo, tirando o fato de que quase não vejo mais minha melhor amiga. Quer fazer alguma coisa mais tarde? Applebee's?

— Claro.

— Ah, minha mãe pegou meu carro emprestado. Posso ir com você?

* * *

Sobrevivi ao almoço, ao rotineiro encontro pós-intervalo com minha mãe, que quis saber o porquê dos meus "olhos cansados", à aula de história e à de estatística. Em cada sala, a luz fluorescente capaz de sugar almas aplicava um filtro doentio ao ambiente, e o dia se arrastou até o sinal de saída finalmente me libertar. Fui até Harold e me sentei ao volante para esperar Daisy.

Fazia dias que eu não dormia direito. Que não pensava direito. O gel antisséptico é basicamente etanol, não pode ser ingerido. A atitude mais sensata seria ligar para minha médica, mas como explicar a ela que eu tinha pirado de vez? Não suportava nem imaginar a dra. Singh fingindo compaixão, perguntando se estou tomando o remédio todo dia. Até porque não adiantaria. Nada adianta. Três remédios diferentes, cinco anos de terapia, e aqui estou eu.

* * *

Acordei com um susto. Era Daisy, abrindo a porta do carro.

— Tudo bem? — perguntou ela.

— Aham. — Liguei o carro. Meu corpo se tensionou involuntariamente. Dei ré e esperei na fila para sair do estacionamento. — Você nem se deu ao trabalho de mudar meu nome.

Minha voz saiu estridente, mas aos poucos fui me sentindo mais segura.

— Hein?

— Ayala, Aza. O início do alfabeto, depois o fim e depois de volta ao início. Ela tem compulsões. Tem minha personalidade. Qualquer um que lesse saberia o que você acha de mim. Mychal. Davis. Todo mundo na escola, provavelmente.

— Aza… — Meu nome de verdade não soou bem na voz dela. — Você não é…

— Vai se ferrar.

— Eu escrevo essas histórias desde que a gente tinha onze anos, e você *nunca leu nenhuma*.

— Você nunca me pediu para ler.

— Em primeiro lugar, pedi, *sim*. Várias vezes. Até que cansei de ouvir você dizendo que ia ler mas nunca lia. Em segundo lugar, eu não deveria *ter* que pedir. Você podia reservar pelo menos três segundos da sua maldita contemplação infinita de si mesma para pensar nos outros. E quer saber? Eu criei a Ayala no sétimo ano. Sei que foi escroto, mas agora ela é uma personagem com vida própria. Ela não é você, entendeu? — Avançamos devagar pelo estacionamento. — Poxa, eu adoro você, e eu sei que não é culpa sua, mas essa sua ansiedade é um pé no saco.

Finalmente saí do estacionamento e peguei a rua. Daisy continuou falando, é claro. Não parava nunca.

— Desculpa, tá bem? Eu devia ter deixado a Ayala morrer faz tempo. Mas você tem razão, ela é meio que uma forma de lidar com… Sabe, Holmes, você é *exaustiva.*

— Verdade, tudo que a nossa amizade rendeu para você nos últimos meses foram cinquenta mil dólares e um namorado. Tem razão, sou uma pessoa horrível. Do que você me chamou naquela história mesmo? Inútil. Sou uma inútil.

— Aza, ela *não é* você. Mas você é… extremamente egocêntrica. Sei que tem as suas paranoias e tal, mas isso faz de você uma… Você sabe.

— Não sei, não. Faz de mim o quê?

— Mychal disse uma vez que você é como mostarda. Ótima em pequenas quantidades, mas em excesso é… demais.

Não respondi.

— Desculpa. Eu não devia ter dito isso.

Paramos em um sinal vermelho, e quando ficou verde castiguei um pouco o acelerador do Harold. Eu sentia meu rosto queimar, mas não sabia se estava prestes a chorar ou gritar.

— Mas você sabe do que eu estou falando — continuou Daisy. — Por exemplo, qual é o nome dos meus pais?

Não respondi. Eu não sabia. Só respirei fundo, tentando desacelerar o coração. Não precisava que Daisy entrasse em detalhes sobre a grande merda que eu era. Eu já sabia.

— Eles trabalham em quê? Quando foi a última vez que você foi à minha casa? Cinco anos atrás? Teoricamente somos melhores amigas, mas você não sabe nem se eu tenho um bicho de estimação. Você não tem ideia de como as coisas são para mim, e você é tão, tipo, tão patologicamente desinteressada que nem passa pela sua cabeça tudo que você não sabe.

— Você tem um gato — sussurrei.

— Você não faz a mínima ideia, cacete. É tudo tão fácil para você! Porque, na sua cabeça, você e sua mãe são pobres, mas você usou aparelho nos dentes. Você tem carro e laptop e a porra toda e acha que isso é o *básico*. Não acha grande coisa ter uma casa com um quarto só seu e uma mãe que te ajuda nos estudos. Não se acha privilegiada, mas tem tudo do bom e do melhor. Você não sabe como é a minha vida e também nem *pergunta*! Tenho que dividir um quarto com a minha irmã irritante de oito anos que você nem sabe como se chama e aí me julga por comprar um carro em vez de guardar dinheiro para a universidade, mas *você não entende*. Quer que eu seja uma heroína, abnegada e virtuosa, que é boa demais para se importar com dinheiro, mas isso é babaquice, Holmes. Não ter dinheiro não torna ninguém mais puro ou seja lá que merda você pensa. É só uma bosta. Você não sabe nada da minha vida. E nunca fez o menor esforço para saber, então também não tem o direito de julgar.

— O nome dela é Elena — falei, baixinho.

— Você acha que as coisas são difíceis, e tenho certeza de que são mesmo, dentro da sua cabeça, mas… você não entende nada porque seus privilégios são como o ar que você respira.Pensei que o dinheiro fosse… Pensei que isso fosse deixar a gente no mesmo nível. O tempo todo eu só tentava alcançar você, tentava digitar no celular tão rápido quanto você digita no computador, e achei que se eu tivesse mais dinheiro a gente seria mais próxima, mas acabou que essa história só me fez perceber que… você é meio mimada. Sempre teve tudo e nem

consegue se dar conta de como essas coisas tornam tudo mais fácil, porque não consegue enxergar a realidade de mais ninguém.

Tive ânsia de vômito. Pegamos a avenida. Minha mente estava desnorteada: eu odiava Daisy, odiava a mim mesma, achava que ela estava certa e ao mesmo tempo errada, achava que eu merecia e ao mesmo tempo não merecia aquilo.

— Você acha que é fácil para mim? — perguntei.

— Não estou dizendo que…

Eu me virei para ela.

— CALA A BOCA! Meu Deus do céu, você não para de falar há dez anos! Sinto muito se não é divertido andar comigo porque vivo enclausurada na minha cabeça, mas imagina só como é *realmente* estar presa na própria cabeça, sem ter como sair, sem ter nem um minuto de descanso. Porque essa é a minha vida. Para usar a analogia brilhante do Mychal, imagina NÃO COMER NADA além de mostarda, estar afundada em mostarda O TEMPO TODO, e se você me odeia tanto, é só parar de me chamar para…

— HOLMES! — gritou ela.

Mas era tarde demais. Quando olhei, só deu tempo de perceber que continuava acelerando enquanto o tráfego havia ficado mais lento. Não consegui nem tirar o pé do acelerador antes de bater no carro à frente. Um instante depois, alguma coisa atingiu a traseira. Guincho de pneus, buzinas. Outra batida, dessa vez mais fraca. Então, o silêncio.

Tentei recuperar o fôlego, mas não consegui, porque doía até para respirar.

Xinguei, mas só saiu um *ahhhggg*. Estendi a mão para a porta, mas logo percebi que ainda estava com o cinto de segurança. Olhei para Daisy, que olhava para mim.

— Você está bem!? — gritou ela.

Notei que eu gemia a cada vez que inspirava. Meus ouvidos zuniam.

— Sim. E você?

A dor me deixava zonza. Minha vista começava a ser tomada pela escuridão.

— Acho que sim — respondeu Daisy.

Eu tentava respirar, e o mundo ia se estreitando, virando um túnel.

— Não se mexa, Holmes. Você está ferida. Seu celular está aí? Temos que chamar uma ambulância.

O celular. Soltei o cinto e empurrei a porta. Tentei ficar de pé, mas a dor me derrubou de volta para o banco. Merda. *Harold*. Uma mulher de tailleur se ajoelhou para ver dentro do carro. Pediu que eu não me mexesse, mas eu precisava. Fiquei de pé, e a dor me cegou por um minuto, mas então os pontos pretos se dispersaram, e só então eu vi o estrago.

Tanto a mala quanto o capô de Harold estavam amassados — ele parecia uma

leitura de sismógrafo, mas as laterais estavam perfeitamente intactas. Harold nunca me deixou na mão, nem quando falhei com ele.

Apoiada em Harold, fui cambaleando até a traseira. Tentei abrir o porta-malas, mas estava emperrado. Comecei a bater na lataria, gritando a cada inspiração:

— Merda ah meu Deus, meu Deus, merda! Ele está destruído! Ele está destruído!

— Você só pode estar brincando — disse Daisy, indo até mim. — Está chateada por causa do maldito carro? É um *carro*, Holmes. A gente quase *morreu*, e você está preocupada com seu *carro*?

Soquei a tampa da mala de novo e de novo, até a placa cair, mas não abria.

— Você está *chorando* por causa do *carro*?

Eu estava vendo a tranca, só não conseguia abri-la, e sempre que tentava levantar a tampa, a dor nas costelas me cegava. Finalmente, consegui abrir uma brecha suficiente para passar o braço. Tateei o estepe até encontrar o celular do meu pai. A tela estava estilhaçada.

Apertei o botão de ligar, mas, sob as ramificações do vidro quebrado, a tela apenas cintilou com um brilho cinza enevoado. Me arrastei de volta para o lado do motorista e afundei no banco de Harold, a testa apoiada no volante.

Eu sabia que havia cópias das fotos em algum lugar, que não tinham se perdido. Mas era o celular dele, sabe? Meu pai havia segurado aquele aparelho, falado nele. Tirado fotos minhas com ele.

Passei o polegar pelo vidro estilhaçado e chorei até sentir um toque no meu ombro.

— Meu nome é Franklin. Você sofreu um acidente de carro. Sou bombeiro. Tente não se mexer. A ambulância já está a caminho. Como você se chama?

— Aza. Eu não me machuquei.

— Aguenta firme, Aza. Você sabe que dia é hoje?

— Esse é o celular do meu pai — falei. — É o celular dele, e…

— Esse carro é dele? Você está com medo de que ele fique zangado? Aza, eu trabalho nisso há muito tempo e posso garantir que seu pai não vai ficar bravo com você. Ele vai ficar aliviado por você estar bem.

Eu tinha a sensação de estar sendo rasgada por dentro, a supernova de *eus* explodindo e entrando em colapso simultaneamente. Chorar doía, mas eu não chorava havia muito tempo, e, para falar a verdade, não tinha a mínima vontade de parar.

— Onde está doendo?

Apontei para as minhas costelas, do lado direito. Uma mulher se aproximou, e eles começaram a debater se eu precisava de uma maca. Tentei dizer que me

sentia zonza, mas nesse momento tive a sensação de estar caindo, embora não houvesse altura de onde cair.

* * *

Acordei vendo o teto de uma ambulância, presa a uma maca, um homem segurando uma máscara de oxigênio no meu rosto, as sirenes distantes, meus ouvidos ainda zumbindo. Mas logo me vi caindo de novo, caindo e caindo, e de repente estava num corredor de hospital, minha mãe me olhando, a maquiagem escorrendo dos olhos inchados.

— Meu bebê, ai, meu Deus. Meu amor, você está bem?

— Estou. Acho que só quebrei uma costela. O celular do papai quebrou.

— Está tudo bem. Temos todos os arquivos salvos. Eles me ligaram e disseram que você estava ferida, mas não me disseram se estava… — Ela começou a chorar.

Minha mãe meio que desabou em cima de Daisy, e foi só então que me dei conta de que Daisy estava ali, com uma marca vermelha na clavícula.

Eu me virei e olhei para a luz fluorescente no teto, sentindo lágrimas quentes no rosto.

— Não posso perder você também — disse minha mãe.

Uma mulher entrou e me levou para fazer uma tomografia computadorizada, e me senti um pouco aliviada por me afastar da minha mãe e de Daisy por um tempo, por não sentir o turbilhão de medo e culpa pelo enorme fracasso que eu era como filha e amiga.

— Acidente de carro? — perguntou a mulher, enquanto me empurrava na maca e passávamos pela palavra *bondade* pintada em fonte cursiva na parede.

— Isso.

— Esses cintos de segurança salvam vidas, mas também machucam bastante — comentou ela.

— Pois é. Vou precisar tomar antibiótico?

— Eu não sou médica. Depois do exame ela vem falar com você.

Colocaram alguma coisa no meu dispositivo intravenoso que me deu a sensação de fazer xixi na calça, depois me passaram pelo cilindro da máquina de tomografia e, por fim, me devolveram à pilha de nervos que era minha mãe. Não saía da minha cabeça a voz dela falhando ao dizer que não podia me perder também. Eu sentia seu nervosismo e a via andando de um lado para outro, trocando mensagens com minha tia e meu tio no Texas, deixando escapar suspiros profundos entre os lábios cerrados e dando batidinhas com um lenço de

papel na maquiagem borrada.

Daisy não falou muito, pela primeira vez na vida.

— Você pode ir para casa, não tem problema — falei para ela em determinado momento.

— Você quer que eu vá?

— Você que sabe. Sério.

— Vou ficar, então — disse Daisy, e se sentou em silêncio, olhando para mim, depois para minha mãe e de volta para mim.

DEZENOVE

— Tenho boas e más notícias — anunciou a mulher de uniforme azul-marinho quando entrou no quarto. — A má notícia é que você sofreu uma lesão no fígado. A boa é que é uma lesão branda. Vamos deixar você sob observação por alguns dias, para termos certeza de que a hemorragia não vai aumentar. Você deve sentir dor por algumas semanas, mas é só tomar o analgésico que vou receitar. Alguma dúvida?

— Ela vai ficar bem? — perguntou minha mãe.

— Sim. Se a hemorragia piorar, será necessário fazer uma cirurgia, mas, de acordo com a avaliação do radiologista, isso é bem improvável. Em se tratando de lesões no fígado, esse é o melhor cenário possível. Considerando tudo, sua filha teve muita sorte mesmo.

— Ela vai ficar bem? — repetiu minha mãe.

— Como eu disse, vamos ficar em alerta por uns dias. Depois, ela terá que ficar em repouso por pelo menos uma semana. E, dentro de seis semanas, mais ou menos, sua filha já estará recuperada.

Minha mãe se dissolveu em lágrimas.

— Vou ter que tomar antibiótico? — perguntei.

— Creio que não. A menos que a cirurgia seja necessária. Mas, por enquanto, não.

Senti um arrepio de alívio. Nada de antibióticos. Menos riscos de pegar a *C. diff*. Eu só precisava ter alta o mais rápido possível, então.

A médica perguntou sobre os remédios que eu tomava e fez algumas anotações na ficha.

— Daqui a pouco deve vir alguém para levar você lá pra cima, mas antes disso vamos lhe dar alguma medicação para dor.

— Espera aí. O que a senhora quer dizer com “lá pra cima”?

— Como eu disse, você vai precisar passar umas duas noites aqui para que possamos…

— Não não não não. Eu não posso ficar no hospital.

— Meu amor, você precisa ficar — disse minha mãe.

— Não, eu não posso mesmo. Eu… Esse é o único lugar onde eu não posso ficar. Por favor, me deixa ir para casa.

— Isso não seria aconselhável.

Ah, não. Calma, está tudo bem. A maior parte das pessoas que dão entrada em um hospital saem de lá mais saudáveis. Quase todas, na verdade. A infecção pela *C. diff* só é comum em pacientes pós-cirúrgicos. Você não vai nem tomar antibiótico. *Ah não não não não não não.*

* * *

De todos os lugares do mundo para cair, ali estávamos nós, no meio da espiral que se estreita, no quarto andar de um hospital da cidade de Carmel, Indiana.

Daisy foi embora depois que subimos para o quarto, mas minha mãe ficou, deitada na cadeira reclinável perto da minha cama, virada para mim.

Eu sentia seu hálito enquanto ela dormia, os lábios entreabertos, os olhos fechados ainda borrados, os micróbios de seus pulmões sendo lançados no ar e alcançando meu rosto. Eu não podia trocar de lado porque mesmo com o analgésico a dor era paralisante, e quando virei a cabeça, a respiração dela soprou meu cabelo no rosto, por isso tive que me conformar.

Minha mãe acordou, e seu olhar logo encontrou o meu.

— Você está bem?

— Sim.

— Dói?

Assenti.

— Sabe, Sekou Sundiata diz em um poema que a parte mais importante do corpo “não é o coração, ou os pulmões, nem o cérebro. A maior e mais importante parte do corpo é a parte que dói”.

Ela pousou a mão no meu braço e voltou a dormir.

Mesmo chapada de morfina, ou seja lá o que tinham me dado para a dor, eu não conseguia dormir. Ouvia sem cessar os bipes nos quartos em volta, e o cômodo não estava muito escuro, e estranhos bem-intencionados não paravam de entrar para extrair sangue do meu corpo e/ou tirar minha pressão, e, acima de tudo, eu sabia, sabia que a *C. diff* estava invadindo meu corpo, que estava pairando no ar. No celular, li histórias de pacientes contando que haviam entrado no hospital para uma cirurgia de retirada de pedra na vesícula ou nos rins e saído completamente destroçados.

O grande problema da *C. diff* é que todo mundo a carrega no corpo. Todos temos essa bactéria, que fica ali à espreita, até que ela sai do controle, assume o comando e então começa a destruir seu organismo. Às vezes, acontece por puro acaso. Às vezes, acontece porque alguém ingeriu a *C. diff* expelida por outra

pessoa. Sem contar que a *C. diff* é ligeiramente diferente em cada um, e aí ela começa a se misturar com a do outro e *bum!*

Eu sentia pequenos espasmos nos braços e nas pernas, enquanto meu cérebro pulava de pensamento em pensamento, tentando descobrir um jeito de se salvar. O tubo intravenoso apitava. Eu nem sabia quando trocara o band-aid do dedo pela última vez. A *C. diff* vagava dentro de mim e em tudo à minha volta. Ela era capaz de sobreviver meses fora do corpo, esperando calmamente um novo hospedeiro. O peso combinado dos maiores animais do mundo — seres humanos, vacas, pinguins, tubarões — é de cerca de um bilhão de toneladas. O peso combinado das bactérias é de quatrocentos bilhões de toneladas. Não chegamos nem perto delas.

Do nada, a música "Can't Stop Thinking About You" grudou na minha cabeça. Quanto mais eu pensava nela, mais esquisita parecia. O refrão — *can't stop can't stop can't stop thinking about you* — sugere que tem algo de bonitinho ou romântico em não conseguir tirar alguém dos seus pensamentos, mas se algum garoto pensa em você como eu penso na *C. diff*, pode ter certeza de que não é nada bonitinho nem romântico. Simplesmente não consigo parar de pensar. Tento encontrar alguma coisa sólida em que me agarrar nesse mar revolto de pensamentos. O quadro da espiral. Daisy odeia você, e com toda a razão. Davis com a língua encharcada de micróbios no seu pescoço. O hálito morno da sua mãe. A camisola do hospital colada às suas costas ensopadas de suor. E, lá no fundo, algum eu gritando *me tira daqui me tira daqui por favor me tira daqui faço qualquer coisa*, mas os pensamentos continuavam girando, a espiral se estreitando cada vez mais, a boca do corredor, a estupidez de Ayala, Aza e Holmes e todos os meus eus irreconciliáveis, meu egocentrismo, a imundície das minhas entranhas, *pensa em qualquer coisa que não seja você mesma sua narcisista de merda.*

Peguei o celular e mandei uma mensagem para Daisy:

Eu: Sinto muito não ter sido uma boa amiga. Não consigo parar de pensar nisso.

Ela respondeu na mesma hora:

Ela: Tudo bem. Como você tá?

Eu: Eu me importo, sim, com sua vida. Desculpa não ter demonstrado isso.

Ela: Holmes relaxa tá tudo bem desculpa ter brigado com você vamos fazer as pazes vai ficar tudo bem.

Eu: Eu sinto muito mesmo. Não consigo pensar direito.

Ela: Para de se desculpar, garota. Você tá chapada de remédio, é isso?

Não respondi, mas não conseguia parar de pensar em Daisy, em Ayala e, principalmente, nos micróbios que havia dentro e fora de mim, e eu sabia que era egoísmo fazer um drama por causa daquilo, transformando as infecções reais que afligiam outras pessoas na minha infecção hipotética. Repreensível. Enfiei a unha do polegar no dedo para atestar a realidade do momento, mas não consigo escapar de mim mesma. Não consigo beijar ninguém, não consigo dirigir, não consigo funcionar no mundo real povoado de sensações. Como eu pude sequer fantasiar em estudar em outro estado, onde se paga uma fortuna para dormir em alojamentos repletos de desconhecidos, com banheiros e refeitórios coletivos e nenhum espaço privado onde eu pudesse ser maluca em paz? Ficaria presa na universidade dali, isso se conseguisse pelo menos organizar a mente um pouquinho, ao menos o suficiente para me candidatar. Moraria na minha casa com minha mãe, e depois da faculdade também. Nunca me tornaria uma adulta funcional daquele jeito; era inconcebível que eu chegasse a ter uma carreira. Nas entrevistas de emprego, me perguntariam: *Qual é seu maior defeito?*, e eu explicaria que provavelmente passaria boa parte do expediente aterrorizada por pensamentos que sou forçada a pensar, possuída por um demônio sem nome e sem forma, e que, portanto, se aquilo fosse um problema, era melhor não me contratarem.

Pensamentos são só um tipo diferente de bactéria, nos colonizando. Pensei sobre o eixo cérebro-intestino. *Talvez você já seja território dominado. Os detentos agora comandam a prisão.* Não uma pessoa, mas uma multidão. Não uma abelha, mas toda a colmeia.

Eu não suportava mais o hálito da minha mãe no meu rosto. Minhas mãos suavam. Sentia meu *eu* me escapando. *Você sabe o que precisa fazer.*

— Pode se virar, mãe? — sussurrei, mas em resposta ela apenas exalou outra vez.

Você só precisa se levantar.

Peguei o celular para mandar uma mensagem para Daisy, mas as letras ficaram borradas na tela, o pânico já me dominando por completo. Olhei o recipiente do antisséptico para mãos preso à parede ao lado da porta.

É o único jeito isso é burrice se funcionasse alcoólatras seriam as pessoas mais saudáveis do mundo *você só precisa desinfetar as mãos e a boca* por favor pensa em qualquer outra merda *levanta* ODEIO ESTAR PRESA DENTRO DE VOCÊ *você sou eu* não sou *você somos nós* não sou *você quer se sentir melhor você sabe o que precisa fazer* isso só vai me fazer vomitar *você vai ficar limpa pode ter certeza* eu nunca tenho certeza *levanta* não é nem uma pessoa é uma

linha de raciocínio cheia de falhas *levanta logo, você sabe que quer fazer isso* a médica me mandou repousar e a última coisa que eu preciso no momento é de uma cirurgia *você vai se levantar e empurrar o suporte do soro* me tire dessa *empurra o suporte até a porta do quarto* por favor *e aperta o recipiente para cair um pouco do gel antisséptico, limpa com cuidado, depois aperta de novo para cair mais, passa nas mãos, coloca na boca, bochecha e passa nos seus dentes e nas suas gengivas imundas.* Mas esse negócio tem álcool que meu fígado já lesionado vai ter que processar *VOCÊ QUER MORRER DE INFECÇÃO?* não mas isso não é racional *ENTÃO LEVANTA E EMPURRA O MALDITO SUPORTE DO SORO ATÉ O RECIPIENTE NA PAREDE SUA RETARDADA.* Por favor, me deixa em paz. Faço qualquer coisa. Eu me retiro. Pode ficar. Não quero mais este corpo. *Você vai se levantar.* Não vou. Sou eu que estou no comando, não as minhas vontades. *Você vai se levantar.* Por favor. *Vai até o antisséptico. Agora.* Penso, logo não existo. Estou suando *você já se contaminou* como isso dói *você já está contaminada* para por favor para *você nunca vai ficar livre* você nunca vai ficar livre *você nunca vai ter a si mesma de volta* você nunca vai ter a si mesma de volta *você quer morrer disso?* você quer morrer disso? *porque você vai* você vai *você vai* você vai *você vai* você vai.

Forcei meu corpo a ficar de pé. Por um momento achei que desmaiaria, tamanha foi a dor. Agarrei o suporte do soro e dei alguns passos, arrastando os pés. Ouvi minha mãe se mexendo. Não me importei. Apertei o recipiente de antisséptico, esfreguei o gel nas mãos. Apertei de novo e enfiei na boca.

— Aza, o que você está fazendo? — perguntou minha mãe.

A vergonha me consumia, mas fiz de novo, porque eu precisava fazer aquilo.

— Aza, pare!

Ouvi minha mãe se levantando e soube que não tinha muito tempo, por isso peguei mais um pouco de gel e enfiei na boca, tendo ânsia de vômito na mesma hora. Um espasmo de náusea me fez vomitar, a dor na costela me cegou, minha mãe me segurou pelo braço. A bile amarela manchou toda a camisola azul-clara do hospital.

Uma voz saiu de um alto-falante em algum lugar atrás de mim.

— Enfermeira Wallace.

— Minha filha está vomitando! Acho que ela bebeu álcool em gel!

Eu sabia que era um ser desprezível. Sabia. Sabia e não havia dúvida. Eu não estava possuída por um demônio. Eu *era* o demônio.

VINTE

No dia seguinte, você acorda na cama do hospital, encarando o teto. Temerosa e hesitante, você acessa sua consciência. E se pergunta: *Será que acabou?*

— Preparei seu café da manhã, porque o do hospital não estava nada apetitoso — diz sua mãe. — Fiz Cheerios.

Você olha para o próprio corpo estendido, que a manta branquíssima do hospital deixa quase sem forma.

— Cheerios já vem pronto — você diz.

Sua mãe ri. Você vê, na mesinha ao pé da cama, um enorme buquê de flores, ostentosamente grande, num vaso de cristal, para completar.

— Davis que trouxe — explica sua mãe.

Perto de você, acima de seu corpo disforme, uma bandeja de comida é oferecida. Você engole em seco. Olha para o Cheerios boiando no leite. Seu corpo dói. Um pensamento cruza sua mente: *Só Deus sabe o que você inalou enquanto estava dormindo.*

Não acabou.

Você está deitada ali, nem sequer está pensando, só está tentando descobrir um modo de descrever sua agonia, como se, ao expressá-la, fosse conseguir arrancá-la de si. Se você pode tornar algo real, se pode vê-lo e cheirá-lo e tocá-lo, então pode matá-lo.

Você pensa: é como um incêndio no cérebro. Como um rato te roendo por dentro. Uma faca em suas entranhas. Uma espiral. Redemoinho. Buraco negro.

As palavras usadas para descrever — desespero, medo, ansiedade, obsessão — não conseguem sequer chegar perto de transmitir a sensação. Talvez tenhamos inventado a metáfora como uma resposta à dor. Talvez precisássemos dar forma à dor opaca e profunda que escapa tanto à razão quanto aos sentidos.

Você acha que está melhor. Acabou de formar um raciocínio completo, com início, meio e fim. Pensamentos seus. De sua própria autoria. Mas então sente uma onda de náusea, um torno apertando seu peito, testa quente suor frio *você já se contaminou já está dentro de você desalojando todo o resto dominando você e vai te matar te devorar de dentro para fora* e é quando, numa voz muito fraca, meio estrangulada pelo pavor inefável, você consegue, a muito custo, empurrar para fora as palavras que precisa dizer.

— Eu estou mal, mãe. Muito mal.

VINTE E UM

E a história segue assim: tendo sucumbido enfim à loucura propriamente dita, começo a fazer conexões que jogam uma luz no caso do desaparecimento de Russell Pickett, já arquivado há tempos. Minha determinação obsessiva me leva a ignorar todas as ameaças e a arriscar a fortuna em que Daisy e eu tropeçamos. Eu me concentro no mistério, e nada me tira da cabeça que encontrar a verdade é o Bem Supremo, que as frases assertivas são naturalmente melhores que as interrogativas, e, quando chego à resposta correta apesar da loucura, automaticamente encontro um modo de viver com essa loucura. Meus circuitos cerebrais não são um empecilho para que eu me torne uma grande detetive; são eles que me tornam uma grande detetive.

Não sei bem ao lado de quem vou caminhar em direção ao horizonte no fim da história, se será ao lado de Davis ou de Daisy, mas sei que estarei lá. Nessa cena final, você me vê andando contra a luz, o contorno do meu corpo desenhado pela luz de oito minutos de idade do nosso astro-rei, seguindo de mãos dadas com alguém.

E, no caminho, percebo que tenho domínio sobre mim mesma, que meus pensamentos são — como a dra. Singh gostava de dizer — apenas pensamentos. Percebo que, na história da minha vida, eu sou a narradora, que sou livre e autônoma e que estou no comando da minha consciência e que não, não. Não foi isso que aconteceu.

Não me tornei firme nem resoluta nem segui rumo ao horizonte — na verdade, fazia tempo que eu mal via a luz do sol.

O que aconteceu foi implacável e excruciantemente sem graça: fiquei numa cama de hospital sentindo *dor*. Minhas costelas doíam, meu cérebro doía, meus pensamentos doíam, e só oito dias depois fui liberada.

A princípio, acharam que eu fosse alcoólatra — que tinha apelado para o antisséptico porque estava desesperada por bebida. A verdade era tão mais esquisita e tão menos lógica que só foi levada a sério quando entraram em contato com a dra. Singh. Ela foi me ver no hospital. Puxou uma cadeira e se sentou junto à minha cama.

— Temos dois problemas aqui — disse ela. — Primeiro, você não está seguindo a orientação médica.

Falei que tinha tomado o remédio quase todos os dias, o que na minha cabeça parecia verdade, mas não era.

— Eu fiquei com a sensação de que o remédio estava me deixando pior — confessei, finalmente.

— Aza, você é uma garota inteligente. Sei que tem consciência de que beber álcool em gel enquanto está internada se recuperando de uma lesão no fígado não traz nenhum benefício à sua saúde mental. — Fiquei só olhando para ela, sem dizer nada. — Também sei que os médicos explicaram a você os *perigos* de beber isso. Não só por causa do álcool, mas porque ele contém substâncias químicas que quando ingeridas podem *matar*. Portanto, não vamos levar adiante essa ideia de que foi o remédio que você parou de tomar que piorou seu estado.

Ela falou tudo isso com tanta determinação que só me restou assentir.

— O segundo problema é que o acidente foi um trauma sério, e isso já seria desafiador para qualquer um. — Continuei em silêncio. — Precisamos inserir uma nova medicação, que funcione melhor para você, à qual você se adapte e que consiga tomar corretamente.

— Nenhum remédio funciona.

— Nenhum funcionou *até agora* — corrigiu ela.

* * *

A dra. Singh aparecia toda manhã, e à tarde vinha outro médico examinar meu fígado. As duas visitas eram um alívio, pela simples razão de que forçavam minha onipresente mãe a deixar o quarto nem que fosse por um segundo.

No último dia, a dra. Singh se sentou ao lado da cama e colocou a mão em meu ombro. Ela não tinha encostado em mim até então.

— Entendo que o ambiente hospitalar não deve ter sido nada bom para sua ansiedade.

— Pois é.

— Você acha que é uma ameaça para si mesma?

— Não — respondi. — Só estou muito assustada e tendo muitos pensamentos invasores.

— Você ingeriu álcool em gel ontem?

— Não.

— Não estou aqui para julgá-la, Aza. Só posso ajudar se você for sincera.

— Estou sendo sincera. Não tomei.

Até porque haviam tirado o gel do meu quarto.

— Você pensou em tomar?

— Pensei.

— Não precisa ter medo desse pensamento. Pensamentos não são ações.

— Não consigo parar de pensar na *C. diff*. Só quero ter certeza de que não estou…

— Beber álcool em gel não vai ajudar.

— Então *o que* vai ajudar?

— Tempo. Tratamento. Tomar sua medicação.

— Sinto como se tivesse um nó apertando meu pescoço, e eu quero me livrar disso, mas quanto mais tento me soltar, mais apertado fica. A espiral não para nunca, entende?

A dra. Singh olhou no fundo dos meus olhos. Achei que ela fosse chorar ou ter alguma outra reação dramática.

— Você vai superar isso, Aza.

* * *

Mesmo depois que recebi alta, a dra. Singh continuou me visitando em casa, duas vezes por semana, para acompanhar meu progresso. Ela me passou outro remédio, que minha mãe verificava todo dia de manhã se eu havia tomado. Eu só podia me levantar para ir ao banheiro, pois havia o risco de que a lesão no fígado voltasse a sangrar.

Faltei à escola duas semanas. Catorze dias da minha vida reduzidos a esta única frase, porque não saberia descrever o que aconteceu nesse tempo. Eu sentia dor, o tempo todo, uma dor tão forte que escapa à linguagem. Era entediante. Era repetitivo. Como caminhar por um labirinto sem saída. É fácil descrever situações semelhantes àqueles dias, mas é impossível descrever os dias em si.

Tanto Daisy quanto Davis quiseram me visitar, mas eu preferi ficar sozinha, na cama. Não li nenhum livro, não vi TV; nada disso me distraía. Eu só ficava deitada, quase catatônica, enquanto minha mãe pairava ao redor, sempre por perto, quebrando o silêncio de tempos em tempos com uma pergunta disfarçada de afirmação. *Você parece se sentir melhor a cada dia*, *Imagino que você esteja bem*, *Você deve estar melhorando*. A inquisição das declarações.

Deixei o celular desligado por um tempo, com todo o apoio da dra. Singh. Quando finalmente liguei o aparelho, senti um medo insolúvel. Queria e ao mesmo tempo não queria encontrar um monte de mensagens.

No fim das contas, foram trinta. A maioria de Daisy e Davis, mas não só. Mychal, outros amigos e até mesmo alguns professores também haviam

mandado mensagens de apoio.

* * *

Voltei à escola numa segunda-feira do início de dezembro. Ainda não estava convencida da eficácia do remédio novo, mas também não questionava mais a necessidade de tomá-lo. Eu me sentia pronta, como se estivesse de volta ao mundo — não para minha vida normal, mas para minha vida, qualquer que fosse.

Minha mãe me levou para a escola. Harold havia sofrido perda total, e, de qualquer modo, eu estava com muito medo de dirigir.

— Animada ou nervosa? — perguntou minha mãe.

Ela dirigia com as duas mãos no volante, como ponteiros de relógio marcando dez horas e dez minutos.

— Nervosa — respondi.

— Seus professores, seus amigos, todo mundo entende, Aza. Eles só querem que você fique bem e vão apoiá-la cem por cento. E se não apoiarem, eu acabo com eles.

Esbocei um sorriso.

— Todo mundo sabe, só isso. Que eu fiquei maluca.

— Ah, meu amor… Você não *ficou* maluca. Você sempre foi maluca.

Eu ri, e ela apertou meu braço, num gesto afetuoso.

Daisy me esperava nos degraus da entrada. Minha mãe parou bem na porta, porque o peso da mochila ainda incomodava na altura das costelas. Era um dia frio, mas o sol estava forte, embora fosse bem cedo. Eu não parava de piscar, estranhando a luz intensa. Já não lembrava a última vez que havia passado tanto tempo fora de casa.

Daisy estava diferente. Seu rosto parecia mais luminoso. Levei um segundo para perceber que ela estava de cabelo novo, um corte Chanel que lhe caía muito bem.

— Posso abraçar você sem destruir seu fígado?

— Gostei do cabelo — elogiei, enquanto nos abraçávamos.

— Você é um amor, mas nós duas sabemos que ficou um desastre.

— Escuta… Me desculpa por tudo.

— Eu também peço desculpa, então agora a gente se perdoa e vive feliz para sempre.

— Sério — insisti —, eu me sinto péssima por ter…

— Eu também — interrompeu ela. — Você tem que ler minha história nova,

minha cara. É um pedido de desculpa de quinze mil palavras ambientado na Jedha pós-apocalíptica. Eu só queria dizer, Holmes, que você é cansativa, sim, e que ser sua amiga dá trabalho, sim, mas você também é a pessoa mais fascinante que eu conheço e não tem nada a ver com mostarda. Você é uma pizza inteira, e esse é o maior elogio que eu poderia fazer a alguém.

— Eu sinto muito mesmo, Daisy, por não ser…

— Meu Deus do céu, Holmes, quanto rancor de si mesma. Você é minha pessoa preferida no mundo. Quero ser enterrada perto de você. Vamos dividir uma lápide. Nela estará escrito: "Holmes e Daisy: elas faziam tudo juntas (sem safadeza)." Mas me diga, como você está? — Dei de ombros. — Quer que eu continue falando? — Fiz que sim. — Sabe quando dizem que *nossa, ela adora o som da própria voz*? Eu adoro mesmo a minha voz. Poderia ser locutora de rádio. — Ela se virou e começou a subir os degraus, se encaminhando para a fila do detector de metais. — Já sei o que você está se perguntando: a Daisy ainda está com o Mychal? Cadê o carro dela? O que aconteceu com o seu cabelo? As respostas são: não, vendi, e foi uma medida emergencial depois que Elena grudou de propósito três chicletes no meu cabelo enquanto eu dormia. Foram duas longas semanas, Holmes. Quer mais detalhes?

Fiz que sim mais uma vez.

— Com todo o prazer — respondeu ela, enquanto passávamos pelo detector de metais. — Então. Sobre Mychal: as coisas esfriaram diante da minha necessidade de ser jovem, louca e livre. Foi como… Bem, depois daquela experiência de quase-morte, eu pensei: *Será que quero mesmo desperdiçar minha juventude num relacionamento sério*? Então cheguei pra ele e falei: "Acho que a gente devia sair com outras pessoas." E ele só disse assim: "Eu não acho." E eu insisti: "Por favor." E ele: "Eu quero um relacionamento monogâmico." E eu: "Eu não quero o peso dessa, sei lá, dessa Coisa na minha vida." E ele mandou o seguinte: "Eu não sou uma coisa." Aí a gente terminou. Acho que, tecnicamente, fui eu que levei um pé na bunda, mas foi uma dessas situações que só tendo um júri para determinar de quem foi a culpa.

Daisy tomou fôlego e prosseguiu:

— Quanto ao segundo tópico, eu descobri que carros são muito caros de se manter e que podem machucar pessoas, aí fui lá e consegui meu dinheiro de volta, porque foram menos de sessenta dias de uso, e agora só vou andar de Uber pelo resto da vida, porque é como se eu tivesse *um monte* de carros, e além do mais, agora que sou rica, mereço um motorista. Continuo ou não?

Havíamos chegado ao meu armário, e fiquei surpresa por me lembrar da combinação. Eram muitos corpos humanos ao meu redor. Eu quase não conseguia acreditar. Abri o armário. Não tinha feito nenhum dever de casa.

Estava atrasada em todas as matérias. O corredor estava barulhento e agitado.

— Continue — respondi.

— Beleza. Posso fazer isso *o dia todo*. Mais um motivo para a gente nunca mais brigar: você é muito boa em não falar. Então: Elena. Ela grudou chiclete no meu cabelo de propósito enquanto eu dormia, e no dia seguinte eu virei e perguntei: “Por que tem chiclete no meu cabelo?”, e ela só fez: “Ha, ha, ha!”, aí eu falei: “Elena, você não entende nada de senso de humor. Infernizar a vida dos outros não tem graça. Se eu quebrasse sua perna, você ia achar engraçado?”, e ela, de novo: “Ha, ha, ha!”, então fiz um corte todo bacana e, sem dó nenhum, paguei com o dinheiro da poupança para a universidade dela. Ah, é, tem isso: meus pais me obrigaram a abrir uma poupança para a universidade da Elena. E mais: toda essa história com Mychal deixou o clima na nossa mesa de almoço meio constrangedor, por isso nós duas vamos fazer um piquenique ao ar livre. Sei que está *um pouquinho* frio, mas, acredite, ficar sentada com Mychal no refeitório vai ser bem mais gelado. Pronta para seu retorno triunfal à aula de biologia? Caramba, quanta coisa aconteceu enquanto você estava fora de si. É indelicado eu falar assim?

— Quem dera eu *conseguisse* ficar fora de mim. Minha mente é uma prisão.

— É exatamente isso que eu sinto em relação à minha virgindade. O que também explica por que Mychal e eu estávamos fadados ao fracasso… Ele só quer transar quando estiver *apaixonado*, e tudo bem, eu sei que esse negócio de virgindade é uma construção social misógina e opressora, mas mesmo assim quero perder a minha, e nesse meio-tempo eu fiquei com um garoto todo paradão e sem graça, que mais parecia ter saído de um romance da Jane Austen. Eu queria que os caras não fossem tão sentimentais e que eu não precisasse bancar a psicanalista para ficar com eles. — Daisy foi comigo até a sala de biologia e me acompanhou até minha mesa. Eu me sentei. — Você sabe que eu te amo, não sabe? — Assenti. — Passei a vida toda achando que eu era a estrela de uma comédia romântica, e no fim das contas eu estava o tempo todo numa comédia com “duas amigas vivendo altas aventuras…”. Tenho que ir para a aula de cálculo. Tô muito feliz por ter você de volta.

* * *

Daisy levou metade de uma pizza dormida para nosso piquenique, e nos sentamos embaixo do único carvalho grande da escola, no caminho para o campo de futebol. Com aquela temperatura congelante, nós duas usávamos casacos enormes, com o capuz erguido, e minha calça jeans chegava a ficar

enrijecida em contato com o gramado.

Eu não estava de luva, então enfiei as mãos na manga do casaco. Aquele tipo de clima não era nada apropriado para um piquenique.

— Eu tenho pensado muito no Pickett — disse Daisy.

— Sério?

— É. Sabe… enquanto você estava longe, fiquei pensando que é muito esquisito abandonar os filhos desse jeito, sem nem se despedir. Para ser sincera, quase me senti mal por ele. Deve estar acontecendo alguma coisa bem bizarra com esse homem para ele não ter comprado nem um celular vagabundo qualquer e mandado uma mensagem para os filhos avisando que está bem.

Eu tinha mais pena do menino de treze anos que acordava todos os dias com esperança e passava a noite jogando videogame para esquecer aquela dorzinha chata de saber que o pai não confiava nele nem o amava o bastante para entrar em contato, o mesmo pai que só pensou em um tuatara ao escrever o testamento.

— Eu me sinto pior pelo Noah do que pelo Pickett — falei.

— Você sempre teve empatia por esse garoto. Mesmo quando não consegue ter empatia nem pela sua melhor amiga.

Olhei na mesma hora para ela, que riu, mas eu sabia que não era brincadeira.

— Mas então: *o que* seus pais fazem? — perguntei.

Daisy riu de novo.

— Meu pai trabalha no Indiana State Museum. É segurança lá. Ele gosta, porque é apaixonado pela história do estado, mas passa a maior parte do tempo só impedindo que toquem nos ossos de mastodonte ou sei lá o quê. Minha mãe trabalha numa lavanderia em Broad Ripple.

— Você contou a eles sobre o dinheiro?

— Sim. Foi assim que a Elena conseguiu a tal poupança. Me obrigaram a depositar dez mil para ela. Meu pai disse: “Sua irmã faria o mesmo por você.” Até parece.

— Eles não ficaram bravos?

— Por eu chegar em casa num belo dia com cinquenta mil no bolso? Não, Holmes, não ficaram bravos.

Por dentro da manga, senti alguma coisa pingando do meu dedo médio. Eu teria que trocar o band-aid antes da aula de história, passar por todo aquele ritual chato. Mas, por ora, era bom estar com Daisy. Era bom ficar vendo minha respiração condensar no ar frio.

— Como vai Davis? — perguntou ela.

— Ainda não falei com ele. Não falei com ninguém.

— Então a coisa foi feia mesmo.

— Foi — falei.

— Sinto muito.

— Não é culpa sua.

— Você pensou… Você pensa em se matar?

— Só pensei que não queria continuar vivendo desse jeito.

— Você ainda…

— Não sei. — Respirei fundo bem devagar, observando a fumacinha se desfazer no ar de inverno. — Talvez eu seja como o White River. Não navegável.

— Essa não é a moral da história, Holmes. O importante é que construíram a cidade mesmo assim, entende? A gente trabalha com o que tem. Eles tinham esse rio de merda e ergueram uma cidade legal em volta. É uma cidade incrível? Talvez não. Mas tem seu valor. Você não é o rio. É a cidade.

— Então, eu tenho meu valor?

— Tem, sim. Você é um 9 fácil nessa prova, cara. Se conseguir construir uma cidade 9 com essa geografia 7,5, já está de bom tamanho.

A ideia me fez rir. Ao meu lado, Daisy se deitou com a cabeça nas raízes daquele carvalho solitário e me convidou a fazer o mesmo. Ficamos olhando para o céu cinza-chumbo que se estendia acima da névoa da nossa respiração, os galhos sem folhas se cruzando no alto.

Eu não lembrava se já tinha comentado com Daisy sobre aquilo — será que ela tinha se deitado, exatamente naquele momento, porque sabia que eu adorava ver o céu fragmentado? Pensei naqueles galhos distantes uns dos outros, que ainda assim conseguiam se cruzar no meu campo de visão, assim como as estrelas de Cassiopeia estão muito distantes umas das outras, mas, de algum modo, ao mesmo tempo estão perto de mim.

— Eu queria entender como é — disse Daisy.

— Tudo bem. No fundo ninguém entende o que se passa com o outro. Está todo mundo preso dentro de si mesmo.

— Você… hã… se odeia? Você odeia ser você?

— Não existe um “eu” para odiar. É como se, quando eu olhasse para mim mesma, não visse nada definido… só um monte de pensamentos, atos e contextos. E muitos na verdade nem parecem meus. Muitos pensamentos eu não quero pensar, muitas coisas eu não quero fazer, é mais ou menos isso. Quando procuro o que eu sou, nunca encontro. Como as matrioskas, aquelas bonecas russas, sabe? As bonecas são ocas e, quando abrimos uma delas, tem outra boneca menor dentro, e assim por diante, todas ocas até a menor delas, que é sólida. Só que dentro de mim… acho que não existe a última. Só bonecas ocas, uma menor que a outra.

— Isso me lembra uma história que minha mãe gosta de contar.

— Que história?

Daisy batia os dentes enquanto falava, mas não queríamos parar de olhar o céu fragmentado.

— É assim… Um cientista estava dando uma palestra sobre a história do nosso planeta para uma plateia enorme e explicou que a Terra foi formada há bilhões de anos, a partir de uma nuvem de poeira cósmica, e por um tempo o planeta era muito quente, mas com o tempo esfriou um pouco, permitindo a formação dos oceanos. Um organismo unicelular surgiu, e, após bilhões de anos, a vida ficou mais abundante e complexa, até que, há mais ou menos duzentos e cinquenta mil anos, os seres humanos evoluíram e começaram a usar ferramentas mais avançadas, chegando a construir naves espaciais e tudo o mais.

"Pois então. O cientista fez toda essa apresentação sobre a história da Terra e do surgimento da vida e, no fim, perguntou se alguém tinha alguma dúvida. Uma senhora lá no fundo levantou a mão e disse: 'Isso tudo é muito bonito, senhor cientista, mas a verdade é que a Terra é uma superfície plana em cima do casco de uma tartaruga gigante.'

"O cientista decidiu se divertir um pouco e respondeu: 'Ora, mas se é assim, a tartaruga gigante está em cima do quê?' E a mulher disse: 'Ela está em cima do casco de outra tartaruga gigante.' Então o cientista, já frustrado a essa altura, perguntou: 'Ora, e *essa* tartaruga está em cima do quê?' E a senhora respondeu: 'O senhor não está entendendo. São tartarugas até lá embaixo.'

Dei uma risada.

— São tartarugas até lá embaixo — repeti.

— São só umas tartarugas ridículas até lá embaixo, Holmes. Você está tentando encontrar a primeira tartaruga, mas não é assim que funciona.

— Porque são tartarugas até lá embaixo — repito uma segunda vez, sentindo uma espécie de revelação espiritual.

* * *

Passei na sala da minha mãe no finalzinho do almoço. Fechei a porta e me sentei de frente para ela. Olhei o relógio na parede: 13h08. Eu tinha seis minutos. Não precisava de mais que isso.

— Oi — falei.

— Tudo indo bem no seu retorno à escola?

Ela assoou o nariz num lenço de papel. Estava gripada, mas tinha gastado todos os dias da licença médica para ficar em casa cuidando de mim.

— Sim — respondi. — Olha, Davis me deu dinheiro. Muito dinheiro. Tipo

cinquenta mil dólares. Eu não gastei. Estou guardando para a faculdade. — Ela parecia tensa. — Foi um presente — acrescentei.

— Quando foi isso?

— Hum, faz uns dois meses.

— Isso não é presente. Um colar é um presente. Uma bolsa com cinquenta mil é… é tudo menos um presente. Se eu fosse você, devolveria esse dinheiro. Para não ficar devendo nada ao Davis.

— Mas eu não sou você. E não vou devolver.

Fez-se uma pausa de um segundo.

— É verdade — disse ela, por fim. — Você não sou eu.

Esperei até ela dizer mais alguma coisa, explicar por que seria errado ficar com o dinheiro.

— A vida é sua, Aza, mas acho que se você olhar bem para a sua saúde mental nos últimos meses… — começou ela.

— Isso não teve nada a ver com o dinheiro. Eu já estou doente há muito tempo.

— Não desse jeito. Eu preciso que você fique bem, Aza. Não posso perder…

— Meu Deus, para de dizer isso, mãe. Sei que a sua intenção não é me pressionar, mas eu fico com a sensação de que estou fazendo alguma coisa *contra* você, de que estou cometendo uma agressão, e acabo me sentindo dez mil vezes pior. Estou fazendo tudo que posso, mas não consigo fazer minha cabeça ficar boa só por sua causa, entende?

Ficamos em silêncio por um tempo.

— No dia em que você saiu do hospital, eu te carreguei para o banheiro, depois te levei para a cama e te cobri. Então eu percebi que provavelmente nunca mais pegaria você no colo. Você tem razão. Eu fico dizendo que não posso perder minha filha, mas vou perder. Estou perdendo. E é difícil encarar isso. Muito, muito difícil. Mas você tem razão. Você não sou eu. Você precisa fazer suas escolhas. E se está guardando dinheiro para sua educação, tomando decisões responsáveis, ora, então, eu estou… — Ela não chegou a terminar a frase, porque naquele momento as entidades superiores tocaram o sinal.

— Tudo bem, então — falei.

— Eu te amo, Aza.

— Também te amo, mãe.

Eu queria dizer mais, queria encontrar um modo de expressar os polos magnéticos do meu amor por ela: *obrigada desculpa obrigada desculpa*. Tentei muito, mas não consegui. De qualquer modo, o sinal havia tocado.

* * *

Eu estava a caminho da aula de história quando Mychal me parou no corredor.

— Oi, como você está? — perguntou ele.

— Bem, e você?

— Daisy e eu terminamos.

— Eu soube.

— Estou meio mal.

— Sinto muito.

— E ela não está nem aí, então me sinto meio patético. Daisy acha que eu tenho que superar essa história e pronto, mas tudo me lembra ela, Holmes, e quando vejo que Daisy está me ignorando, que não aparece para o almoço, tudo isso… Você não pode falar com ela por mim?

Bem nessa hora, vi Daisy no meio do corredor cheio, andando de cabeça baixa.

— Daisy! — gritei.

Ela continuou andando, então gritei de novo, mais alto. Daisy levantou o rosto, abriu caminho pela multidão e veio ao nosso encontro.

Coloquei os dois lado a lado.

— Vocês me procuram para falar um sobre o outro, mas não conseguem conversar entre si. Tratem de resolver isso, porque está ficando chato. Tudo bem? Então tá bom. Tenho aula de história agora.

Daisy me mandou uma mensagem durante a aula.

Ela: Obrigada por fazer aquilo. Decidimos ser amigos.

Eu: Legal.

Ela: Mas amigos que se beijam logo depois de decidirem ser só amigos.

Eu: Com certeza vai dar supercerto.

Ela: Tudo dá certo no final.

Como eu já estava com o celular e estavam passando um vídeo na aula, resolvi mandar uma mensagem para Davis.

Eu: Desculpa demorar tanto para falar com você. Oi. Estou com saudades.

Ele respondeu na mesma hora.

Ele: Quando a gente pode se ver?

Eu: Amanhã?

Ele: 7h no Applebee’s?

Eu: Por mim tá ótimo.

VINTE E DOIS

Pensei que seria tranquilo dirigir o Toyota Camry prateado da minha mãe até o Applebee's naquela noite, mas eu não conseguia afastar as lembranças do acidente. Parecia surreal e milagroso que tantos carros passassem uns pelos outros sem bater, e eu tinha certeza de que cada par de faróis vindo na minha direção acabaria inevitavelmente se lançando sobre mim. Minha mente voltava ao som de metal retorcido da morte de Harold, ao silêncio que se seguiu, à dor agonizante nas minhas costelas. A parte mais importante é a parte que dói, lembrei, e pensei no celular do meu pai, destruído para sempre. Tentei me permitir ter esses pensamentos, porque negá-los apenas os colocaria no controle. Meio que funcionou… tanto quanto qualquer outra coisa.

Cheguei ao Applebee's quinze minutos antes do horário combinado, mas Davis já estava lá. Ele me recebeu com um abraço, e fomos nos sentar. Um pensamento tão inegável quanto o sol em um dia de céu claro surgiu na minha mente: *Ele vai querer colocar bactérias na minha boca.*

— Oi — falei.

— Estava com saudade.

Depois do nervosismo no carro, meu cérebro estava despertando. Lembrei a mim mesma que ter um pensamento não era perigoso, que pensamentos não são ações, que pensamentos são apenas pensamentos.

A dra. Karen Singh gostava de dizer que um pensamento indesejado é como um carro passando numa estrada enquanto você está parado no acostamento. Repeti para mim mesma que eu não precisava entrar naquele carro, que eu não teria que escolher entre ter aquele pensamento ou não, mas entre me deixar ser levada por ele ou não.

Entrei naquele carro.

Eu me sentei à mesa. Davis, em vez de ficar de frente para mim se sentou ao meu lado, sua perna tocando a minha.

— Falei com a sua mãe algumas vezes — disse ele. — Acho que ela está começando a gostar de mim.

Quem se importa se ele quer as bactérias dele na minha boca? Beijar é bom. Beijar é bom. Eu quero beijar Davis. *Mas você não quer pegar a campylobacter.* Isso não vai acontecer. *Vai ficar doente por semanas. Talvez tenha que tomar*

antibiótico. Para. *E aí você vai pegar a* C. diff. *Ou Epstein-Barr por causa da campylobacter*. Para. *Isso pode deixar você paralisada. E tudo porque você beijou um garoto quando nem queria fazer isso porque é nojento pra cacete enfiar a língua na boca de outra pessoa.*

— Você está aí? — perguntou Davis.

— O quê? Ah, sim.

— Perguntei como está se sentindo.

— Estou bem… Bom, para ser sincera, não muito bem nesse momento, mas bem de um modo geral.

— Por que não muito bem nesse momento?

— Você pode se sentar de frente para mim?

— Hã… Sim, claro.

Ele deu a volta para se sentar no banco oposto, o que me deixou um pouco melhor. Por um tempo, pelo menos.

— Não posso fazer isso — falei.

— Isso o quê?

— Isso — repeti. — Não posso, Davis. Não sei se algum dia vou poder. Sei que você é paciente, e eu adoro as suas mensagens. São… são muito fofas, mas provavelmente esse é o melhor que vou chegar a ser.

— Eu gosto de você assim.

— Não, não gosta. Você quer que a gente se beije e quer sentar ao meu lado e quer fazer outras coisas que um casal normal faz. E você está certo em querer isso.

Davis não disse nada por um tempo.

— Talvez você só não me ache bonito.

— Não é isso — retruquei.

— Mas talvez seja.

— Não é. Não é que eu não queira beijar você, ou não goste de beijar, nada disso. Eu… Meu cérebro diz que beijar é uma das muitas coisas que podem… bem, me matar. Matar mesmo. Mas o problema nem é *morrer*… Por exemplo, se eu soubesse que estava morrendo e desse um beijo de despedida em você, meu último pensamento não seria sobre a morte. Seria, literalmente, sobre os oitenta milhões de micróbios que teríamos acabado de trocar. Sei que ser tocada por você não vai me deixar doente, ou pelo menos eu acho que não. Caramba, nem consigo dizer que isso *com certeza* não me deixaria doente, porque tenho muito medo, Davis. Não consigo nem usar o nome direito em vez de chamar de *isso*, entende? Não consigo.

Percebi que estava magoando Davis, que não parava de piscar. Eu via que ele não compreendia, que não conseguia compreender. E eu não o culpava. Não

fazia sentido mesmo. Era uma história repleta de inconsistências narrativas.

— Parece bem assustador mesmo — comentou Davis, e eu apenas assenti. — Você acha que está melhorando?

Todos queriam que eu dissesse algo que os tranquilizasse. Da escuridão para a luz, da fraqueza para a força, do quebrado para o inteiro. Eu também queria isso.

— Talvez — respondi. — Para ser honesta, eu me sinto muito frágil ainda. Como se tivesse sido remendada com durex.

— Sei como é.

— E você? Como estão as coisas? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Como está o Noah?

— Nada bem.

— Hã… O que seria "nada bem"?

— Ele sente falta do pai, só isso. É como se Noah fosse duas pessoas: o delinquente juvenil que bebe vodca barata e é o rei da ganguezinha do oitavo ano e ao mesmo tempo é o garotinho que às vezes se enfia na minha cama à noite e chora. É quase como se ele achasse que, se fizer bastante merda, meu pai vai ser forçado a sair de onde quer que esteja se escondendo.

— Ele está muito triste — falei.

— Claro. Estamos todos, não? É que… Na verdade, eu prefiro não falar sobre a minha vida, se você não se importar.

Então, me ocorreu que talvez Davis gostasse justamente do que enfurecia Daisy: que eu não fizesse muitas perguntas. Todas as outras pessoas se sentiam impiedosamente curiosas sobre a vida do garoto bilionário, mas eu sempre ficava enfurnada na minha cabeça e por isso não o interrogava.

Aos poucos, retomamos a conversa, mas agora como pessoas que um dia já foram íntimas — deixando o outro a par da nossa vida, em vez de vivermos uma única vida juntos. Quando terminamos de comer e Davis pagou a conta, eu sabia que nosso relacionamento, ou qualquer que fosse o nome do que havia entre nós, não existia mais.

Mesmo assim, quando eu já estava em casa, embaixo das cobertas, mandei uma mensagem para ele.

Eu: Está acordado?

Ele: Você não consegue ficar comigo de outro jeito. E eu não posso ficar com você desse jeito.

Eu: Por quê?

Ele: Tenho a sensação de que você só gosta de mim de longe. Preciso que gostem de mim de perto.

Eu escrevia e apagava, escrevia e apagava. Acabei não respondendo.

* * *

No dia seguinte, na escola, estava indo para o refeitório quando fui interceptada por Daisy.

— Holmes, precisamos conversar.

Ela me levou para uma mesa praticamente vazia, perto de alguns calouros.

— Você terminou com o Mychal de novo? — perguntei.

— Não, claro que não. A magia de sermos Só Amigos é que *não existe o que* terminar. Tenho a sensação de que desvendei o segredo do universo com esse esquema. Mas não é isso que eu quero falar. Nós duas vamos partir em uma aventura.

— Ah, vamos?

— Você acha que se recuperou o suficiente para, digamos, se esgueirar pelos subterrâneos de Indianápolis para uma exposição de arte de guerrilha?

— Exposição de quê?

— Então. Lembra a ideia que eu tive de Mychal fazer uma montagem com fotografias de presidiários inocentados?

— Bem, a maior parte da ideia era del…

— Não vamos nos ater a detalhes, Holmes. A questão é que ele fez a tal montagem e mostrou para esse coletivo de artistas muito incrível, os Known City, e eles vão incluir o trabalho dele numa exposição na sexta-feira, chamada Arte Underground. Vai ser só uma noite, e eles vão transformar parte do túnel do Pogue's Run numa galeria de arte.

O túnel de escoamento do Pogue's Run desembocava no White River. Era esse túnel que a empresa de Pickett tinha sido contratada para expandir, embora a obra nunca tivesse sido concluída. Um lugar estranho para uma exposição.

— Não quero passar a noite de sexta numa galeria ilegal.

— Não é *ilegal*. Eles têm permissão para isso. Só é underground. Literalmente underground, no caso. Subterrânea.

Franzi a testa, resistente à ideia.

— É o evento mais maneiro da história de Indianápolis — continuou Daisy —, e meu "amigo" tem um trabalho *nessa exposição*. Não se sinta obrigada a ir nem nada, mas… vamos.

— Não quero ficar segurando vela.

— Vou estar supernervosa e cercada de gente muito descolada, e eu realmente queria que minha melhor amiga estivesse lá comigo.

Abri o saco plástico que continha meu sanduíche de mel e manteiga de amendoim e dei uma mordida.

— Você está pensando em ir! — disse ela, empolgada.

— Estou considerando. — Então, depois de engolir, falei: — Tudo bem, vamos.

— Eba! Vamos buscar você às seis e quinze, tudo bem? Vai ser incrível.

Era impossível não sorrir diante daquela cara de felicidade dela. Em voz baixa, sem nem ter certeza de que ela ouviria, falei:

— Eu te amo, Daisy. Sei que você diz isso para mim o tempo todo e que eu nunca digo de volta, mas é verdade. Eu te amo.

— Ahhh, merda. Isso lá é hora de vir cheia de fofura pra cima de mim, Holmes?

* * *

Mychal e Daisy apareceram na minha porta às seis e quinze em ponto. Ela usava um vestido e uma meia-calça sob um casaco acolchoado gigante, e ele, um terno cinza-claro que ficava um pouco grande demais. Eu estava com uma camiseta de manga comprida, calça jeans e casaco.

— Eu não sabia que era para me arrumar toda para entrar no esgoto — falei, envergonhada.

— Para uma *exposição* no esgoto.

Daisy sorriu. Fiquei na dúvida se não seria melhor trocar de roupa, mas ela logo segurou meu braço para me elogiar.

— Holmes, você está radiante. Está… você mesma.

Eu me acomodei na parte de trás da minivan de Mychal, e quando ele partiu pela Michigan Road, Daisy colocou uma das nossas músicas preferidas para tocar, “You’re the One”. Mychal ria enquanto Daisy e eu cantávamos aos berros uma para a outra. Ela fazia a voz principal e eu vociferava o coro, que só repetia “You’re everything everything everything”, sentindo que eu era mesmo tudo. Somos tanto o fogo quanto a água que o extingue. Somos o narrador, o protagonista e o coadjuvante. O contador da história e a história em si. Somos alguma coisa de alguém, mas também o nosso eu.

Quando Daisy trocou para uma música mais romântica, que apenas ela e Mychal cantaram, me vieram à mente as tartarugas até lá embaixo. Fiquei pensando que talvez tanto a senhora quanto o cientista estivessem certos. Afinal, o mundo tem mesmo bilhões de anos, e a vida é produto de mutações nucleotídicas e tudo mais. Mas o mundo também são as histórias que contamos

sobre ele.

* * *

Mychal pegou a rua 10 e seguimos por ela até chegarmos a uma loja com um letreiro luminoso e piscante que anunciava PISCINAS ROSENTHAL. O estacionamento já estava quase lotado. Daisy desligou o rádio enquanto Mychal estacionava. Ao sairmos da minivan, nos vimos cercados por uma mistura esquisita de hipsters de vinte e poucos anos e casais de meia-idade. Todo mundo parecia se conhecer, portanto nós três ficamos parados perto do carro um tempão, em silêncio, só observando, até que uma senhora toda de preto se aproximou.

— Vocês vieram para o evento? — perguntou ela.

— Ah... oi. Eu sou… hã… Mychal Turner. Tenho uma peça na exposição.

— *Preso 101*?

— É. Essa mesma.

— Frances Oliver, prazer. Achei sua obra uma das mais fortes da galeria. E, considerando que sou a curadora, sei do que estou falando. Venha, venha, vamos descer juntos. Adoraria saber mais do seu processo criativo.

Frances e Mychal começaram a atravessar o estacionamento, mas a cada cinco segundos Frances dizia: “Ah, preciso apresentá-lo a…”, e parávamos para conhecer um artista ou colecionador, ou um “sócio investidor”. Aos poucos, Mychal foi engolido por todas as pessoas que tinham adorado o conceito de *Preso 101* e queriam conversar com ele sobre a montagem. Depois de sermos deixadas de lado por um tempo, Daisy finalmente pegou a mão dele.

— Holmes e eu vamos descer para a exposição — disse ela. — Aproveite seu momento. Estou muito orgulhosa de você.

— Eu vou com vocês — disse Mychal, dando as costas a um bando de estudantes da Herron, a faculdade de belas-artes local.

— Não, Mychal, vai se divertir. Você precisa conhecer essas pessoas, para elas comprarem seus quadros no futuro.

Mychal sorriu, deu um beijo nela e voltou para sua multidão de fãs.

Quando Daisy e eu chegamos ao fim do estacionamento, vimos do outro lado das árvores o facho de uma lanterna cruzando o céu de um lado a outro. Descemos uma colina baixa, indo na direção da luz, até as árvores darem lugar a uma estrutura larga de concreto. Um riacho minúsculo (tão fino que dava para saltar com facilidade) corria lá embaixo. Fomos até o homem barbado que acenava com a lanterna. Ele se apresentou como Kip e nos ofereceu capacetes de

segurança, daqueles com luz embutida, além de uma lanterna comum.

— Sigam direto pelo túnel. Depois de uns duzentos metros, virem na primeira à esquerda e vocês vão sair na galeria.

A luz do meu capacete seguiu o fluxo de água. Via-se mais à frente o começo do túnel de escoamento, um quadrado cortado na encosta que engolia toda a luz. Junto à entrada havia um carrinho de supermercado virado, caído sobre uma pedra grande e coberta de musgo. Enquanto Daisy e eu caminhávamos até lá, observei as silhuetas negras dos bordos sem folhas que fragmentavam o céu.

O riacho se estendia ao longo da lateral esquerda do túnel Pogue's Run, então seguimos por uma passarela de concreto à direita do filete de água. O fedor veio com tudo, na mesma hora — o mau cheiro do esgoto e o odor repulsivo e adocicado de podridão. Achei que meu olfato se acostumaria, mas não.

Avançamos poucos passos no túnel e começamos a ouvir roedores correndo pelo leito do riacho. Ouvíamos vozes, também — conversas ecoadas, ininteligíveis, que pareciam vir de todos os lados. As lanternas dos capacetes iluminaram o grafite que cobria as paredes: nomes em letras largas pintadas com tinta em spray, e também imagens e frases feitas com estêncil. A lanterna de Daisy se deteve em uma das imagens, que mostrava um rato corpulento bebendo uma garrafa de vinho, com a legenda O REI RATO CONHECE TODOS OS SEUS SEGREDOS. Outra frase, rabiscada com o que parecia ser tinta branca, dizia NÃO IMPORTA COMO VOCÊ MORRE. IMPORTA QUEM VOCÊ MORRE.

— Esse lugar é meio sinistro — sussurrou Daisy.

— Por que você está sussurrando?

— Estou com medo. Já andamos os duzentos metros?

— Não sei. Mas parece que tem coisa por ali. — Eu me virei e apontei a luz do capacete para a entrada do túnel, e um casal de homens de meia-idade atrás de nós acenou. — Viu? Está tudo bem.

O riacho não era exatamente um fluxo de água, e sim uma poça que fluía lentamente. Vi um rato atravessá-lo em disparada sem sequer molhar o focinho.

— Aquilo era um rato — disse Daisy, tensa.

— Ele mora aqui — comentei. — Os invasores somos nós.

Continuamos a caminhar. A única luz no mundo parecia vir dos fachos amarelos das lanternas; era quase como se todos ali embaixo houvessem se tornado raios de luz, avançando ao longo do túnel em pequenos grupos.

* * *

À nossa frente, vi as lanternas virarem à esquerda, em um túnel lateral quadrado

com cerca de dois metros e meio de altura. Saltamos o riacho estreito, passamos por uma placa em que se lia UM PROJETO DA PICKETT ENGENHARIA e entramos no túnel de concreto.

A única iluminação nas obras de arte era a que vinha das lanternas, de modo que as pinturas e fotografias alinhadas nas paredes pareciam entrar e sair de foco. Para ver o trabalho inteiro de Mychal era preciso ficar encostado na parede oposta do túnel. Era realmente uma obra de arte incrível: o *Preso 101* parecia tão real quanto qualquer um, mas era feito de pedaços de uma centena de fotos de homens condenados injustamente por assassinato e depois libertados. Mesmo bem de perto, eu não conseguia ter certeza de que o *Preso 101* não era uma pessoa.

As outras obras também eram legais — grandes pinturas abstratas de formas geométricas com ângulos agudos, um agrupamento de cadeiras de madeira velhas empilhadas precariamente até o teto, uma fotografia enorme de uma criança pulando em um trampolim, sozinha, em um vasto milharal —, mas a de Mychal era a minha favorita, e não só porque ele era meu amigo.

Ouvimos um clamor de vozes se aproximando, e a galeria de repente ficou lotada. Alguém ligou um aparelho de som, e a música começou a reverberar pelo túnel. Copos descartáveis passavam de mão em mão, seguidos por garrafas de vinho, e o lugar ficou cada vez mais barulhento. Embora estivesse muito frio ali embaixo, comecei a suar, então chamei Daisy para dar uma volta.

— Uma volta? — estranhou ela.

— Só, sei lá, seguir o túnel, andar por aí.

— Você quer se embrenhar nesse túnel.

— Isso. Quer dizer, é só uma ideia.

Ela apontou para a escuridão que se ampliava fora do alcance das nossas lanternas.

— Você está propondo que a gente simplesmente entre naquele buraco negro.

— Não vamos andar *quilômetros*. É só para ver o que tem mais pra lá.

Daisy suspirou.

— Tá certo. Vamos dar uma volta.

* * *

Depois de apenas um minuto de caminhada o ar já parecia mais fresco. O túnel à frente era pura escuridão e parecia bem comprido, pois o teto abobadado se fechava muito ao longe e de forma bem sutil, afastando-se tanto da galeria que em determinado momento já não víamos luz alguma às nossas costas. Ainda

escutávamos a música e o burburinho, mas parecia outra festa, em outro lugar, como se apenas tivéssemos passado de carro por ela.

— Não entendo como você consegue ficar nessa calma tão sobrenatural aqui, quatro metros abaixo do solo, com cocô de rato até o tornozelo, mas tem uma crise de pânico porque acha que seu dedo infeccionou.

— Não consigo explicar direito — admiti. — Isso aqui simplesmente não me assusta.

— Ah, mas é, *sim*.

Desliguei a lanterna do meu capacete.

— Desliga a sua — pedi a Daisy.

— Nem a pau!

— Desliga. Não vai acontecer nada.

Ela fez o que pedi, e o mundo ficou escuro. Senti meus olhos tentando se adaptar, mas não havia sequer o mínimo de luz para ser absorvida.

— Agora você não vê as paredes, certo? E não vê os ratos. Se girar algumas vezes, não vai saber de que lado fica a entrada e de que lado fica a saída. Isso é assustador. Agora imagine se não pudéssemos conversar, se não conseguíssemos ouvir a respiração uma da outra. Imagine se não tivéssemos tato, ou seja, se mesmo uma ao lado da outra não tivéssemos ideia disso. Imagine que você está tentando encontrar alguém, ou até tentando encontrar a si mesma, mas não pode contar com nenhum dos seus sentidos, não tem como saber onde estão as paredes, ou o que fica à frente ou o que fica atrás, ou o que é água e o que é ar. Você está sem seus sentidos e sem forma… Sua sensação é de que você só consegue descrever o que é se identifica o que não é, e você está flutuando sem rumo num corpo completamente fora do seu controle. Não é você quem decide de quem gosta, ou onde mora, a que horas come, do que tem medo. Você está presa e pronto, totalmente sozinha, nessa escuridão. É assustador. Isto — fiz uma pausa para ligar a lanterna — é controle. Isto é poder. Mesmo que haja ratos e aranhas e o cacete, somos nós que lançamos luz sobre todas essas coisas, não o contrário. Sabemos onde estão as paredes, de que lado é a entrada e de que lado é a saída. Isto — mais uma pausa, para desligar a lanterna — é o que eu sinto quando estou apavorada. Isto — liguei novamente a lanterna — é moleza.

Caminhamos por algum tempo em silêncio.

— É tão ruim assim? — perguntou Daisy, por fim.

— Às vezes.

— Mas chega uma hora em que a sua lanterna volta a funcionar, não?

— Por enquanto.

* * *

Conforme seguíamos adiante no túnel, a música cada vez mais distante atrás de nós, Daisy foi se acalmando.

— Estou pensando em matar Ayala — disse ela. — Você levaria para o lado pessoal?

— Claro que não — respondi. — Mas eu estava até começando a simpatizar com ela.

— Você leu a última história que eu postei?

— Aquela em que eles vão a Ryloth para entregar conversores de energia? Amei a cena em que Rey e Ayala estão esperando aquele cara no bar e elas ficam conversando. Gosto das cenas de ação e tudo o mais, mas as cenas só de diálogo são as minhas preferidas. Também gostei de ter me envolvido com um Twi'lek. Quer dizer, foi Ayala quem se envolveu com ele. Você escreve de um jeito que faz tudo aquilo parecer real, como se eu estivesse mesmo lá.

— Obrigada — disse Daisy. — Agora você está me deixando em dúvida se mato mesmo Ayala.

— Não me importo se você matá-la. Só quero que ela morra como uma heroína.

— Ah, isso com certeza. Tem que ser assim. Eu estava pensando em fazer da morte dela algum sacrifício pelo bem maior, no estilo *Rogue One.* Acha legal?

— Por mim, está perfeito — respondi.

— Caramba, por acaso o cheiro está ficando pior? — perguntou ela.

— Não está ficando melhor, isso é fato.

O fedor era um misto de lixo podre e privada entupida. Quando passamos por uma ramificação do túnel, Daisy quis voltar, mas então eu vi, um pouco mais à frente, um ponto de luz cinza. Precisava saber o que havia no final.

Conforme avançávamos, os sons da cidade ficavam gradualmente mais altos, e o cheiro melhorou, porque estávamos nos aproximando da saída. A luz cinza foi crescendo até que alcançamos a boca do túnel. Estava aberta e inacabada — o minúsculo filete de água que deveria ter sido desviado do White River pingava no rio abaixo.

Olhei para a frente. Passava das dez da noite, mas a cidade nunca me parecera tão iluminada e ofuscante. Dava para ver tudo dali: o musgo verde crescendo nas rochas no rio abaixo; as bolhas douradas da espuma onde a água caía; as árvores lá longe se inclinando sobre a água como o telhado de uma capela; os cabos de força abaixo de nós cruzando o rio de uma margem à outra; um grande moinho de grãos prateado, absurdamente imóvel sob o luar; os letreiros em neon da

Speedway e do banco Chase.

Os prédios em Indianápolis são tão baixos que é impossível ver a cidade de cima. Não é um lugar com uma vista deslumbrante. Naquele momento, porém, brindada com um cenário daqueles, e no mais inesperado dos lugares, a cidade se estendendo abaixo e adiante, demorei um minuto para lembrar que era noite, que aquele horizonte prateado era o que se passava, visto da superfície, por escuridão.

Daisy me surpreendeu ao sentar ali na beirada, deixando as pernas pendendo do concreto. Fiz o mesmo, do outro lado do filete de água, e ficamos ali observando juntas a mesma cena.

Saímos para o prado naquela noite. Conversamos sobre universidades, sobre beijos, sobre religião e arte, e não tive a sensação de estar acompanhando nossa conversa como uma observadora externa. Eu estava presente. Ouvia Daisy e sabia que ela também me ouvia.

— Será que algum dia vão terminar isso? — comentou ela.

— Tomara que não — falei. — Quer dizer, sou totalmente a favor de água limpa, mas acho que gostaria de poder voltar daqui a dez ou vinte anos. Tipo, em vez de ir a um reencontro do pessoal do colégio, quero vir aqui.

Com você, pensei em dizer.

— É — disse Daisy. — Vamos manter o Pogue's Run imundo para sempre, porque a vista do túnel inacabado é simplesmente espetacular. Muito obrigada, Russell Pickett, por sua corrupção e incompetência.

— Pogue's Run. Run. *Corrida…* — murmurei. — Espere, onde começa o Pogue's Run? Onde ele desemboca?

— A boca de um rio é onde ele termina, não onde começa. O Pogue's Run desemboca aqui. — Observei a expressão de Daisy enquanto ela se dava conta do que aquilo significava. — Pogue's *Run*. Cacete, Holmes! Nós duas estamos na boca do corredor!

Eu me levantei. Não sei explicar, mas sentia que Pickett talvez estivesse atrás de nós, como se ele pudesse nos empurrar do túnel rio abaixo.

— *Agora* eu fiquei com medo — falei.

— O que vamos fazer?

— Nada — respondi. — Não vamos fazer nada. A gente vai voltar para a festa, socializar com o pessoal descolado do mundo das artes e voltar cedo para casa. — Comecei a andar na direção da música. — Vou contar para o Davis. Vamos deixar que ele decida se conta ou não ao Noah. Fora isso, não vamos dizer uma palavra a ninguém.

— Tudo bem — concordou Daisy, correndo para me alcançar. — Mas… será que ele está aqui embaixo *agora*?

— Não sei. E não acho que isso seja da nossa conta.

— Tudo bem — repetiu ela. — Mas como ele poderia estar aqui embaixo esse tempo todo?

Eu tinha um palpite, mas o guardei para mim.

— Caramba, aquele cheiro… — continuou Daisy, deixando a frase por terminar.

* * *

Era de se imaginar que resolver mistérios traria uma sensação de desfecho, que fechar o ciclo confortaria e acalmaria a mente. Mas isso nunca acontece. A verdade sempre desaponta. Enquanto passeávamos pela galeria à procura de Mychal, eu não estava com a sensação de ter encontrado a boneca sólida dentro de tantas outras matrioskas ocas. Nada tinha mudado, nada se resolvera. Era como o zoólogo falara sobre a ciência: na verdade, a gente nunca encontra respostas, apenas perguntas novas e mais interessantes.

Finalmente avistamos Mychal, apoiado na parede oposta a *Preso 101*, conversando com duas mulheres. Daisy se intrometeu e segurou a mão dele.

— Odeio interromper a festa — falou —, mas este artista famoso tem hora para chegar em casa.

Mychal riu, e nós três deixamos o túnel. Chegamos ao estacionamento com as fortes luzes prateadas e entramos na minivan. Assim que fechei a porta, Mychal disse:

— Hoje sem sombra de dúvida foi o melhor dia da minha vida obrigado por virem ai meu Deus essa foi simplesmente a melhor coisa que já me aconteceu acho que posso ser um artista tipo de verdade! Foi tudo muito muito muito incrível! Vocês gostaram?

— Conta tudo que perdemos — disse Daisy, sem responder propriamente à pergunta.

* * *

Quando cheguei em casa, minha mãe estava sentada à mesa da cozinha, tomando uma xícara de chá.

— Que *cheiro* é esse? — perguntou ela.

— Esgoto, suor, musgo… Uma mistura de várias coisas.

— Estou preocupada, Aza. Estou com medo de que você esteja perdendo a

conexão com a realidade.

— Não estou perdendo nada. Só estou cansada.

— Hoje você vai ficar acordada e conversar comigo.

— Sobre o quê?

— Sobre aonde você foi, o que andou fazendo, com quem estava. Sobre sua *vida*.

Então contei tudo. Contei a ela que Daisy, Mychal e eu tínhamos ido a uma exposição de uma noite só no subterrâneo da cidade, e que Daisy e eu havíamos caminhado até o fim do túnel inacabado de Pickett, e contei sobre "sair para o prado", e contei sobre a boca do corredor, e sobre nosso palpite de que Pickett estava lá embaixo, e sobre o fedor.

— Você vai contar para o Davis? — perguntou ela.

— Vou.

— Mas não à polícia?

— Não. Se eu contar à polícia e ele estiver mesmo morto lá embaixo, Davis e Noah vão perder a casa. Tudo vai passar a pertencer a um tuatara.

— A um tua-o-quê?

— Um tuatara. É um bicho que parece um lagarto, mas não é um lagarto. Um contemporâneo dos dinossauros. Pode viver até uns cento e cinquenta anos, e Pickett deixou, em testamento, todos os seus bens para seu tuatara de estimação. A propriedade, a empresa, tudo.

— A loucura da riqueza — resmungou minha mãe. — Às vezes você acha que está aproveitando o dinheiro que tem, mas o tempo todo é o dinheiro que está se aproveitando de você. — Ela baixou os olhos para a xícara de chá, depois me encarou. — Mas só se você idolatrá-lo. Você serve àquilo que idolatra.

— Então temos que tomar cuidado com o que idolatramos — concluí.

Ela sorriu e mandou que eu tomasse um banho. Debaixo do chuveiro, eu me perguntei o que idolatraria quando ficasse mais velha, e como isso acabaria influenciando minha vida, como me faria escolher entre pegar a estrada da direita ou a da esquerda. Eu ainda estava no início do caminho. Ainda podia ser qualquer pessoa.

VINTE E TRÊS

No dia seguinte, sábado, acordei revigorada com os pingos de chuva semicongelados tamborilando na janela. Os invernos de Indianápolis raramente nos agraciavam com aquela neve linda em que as pessoas esquiam ou andam de trenó. Geralmente, tínhamos que nos contentar com um tipo de precipitação batizado de “mix invernal”, que combinava granizo, vento e aquela chuva meio água, meio gelo.

Nem estava tão frio para os nossos padrões, talvez uns dois graus, mas o vento uivava lá fora. Eu me levantei, me vesti, comi um pouco de cereal, engoli o comprimido redondinho e me sentei para ficar um pouco com minha mãe, vendo TV. Adiei o momento durante toda aquela manhã: pegava o celular, começava a escrever uma mensagem para ele e desistia. Pegava de novo, mas não. Ainda não. Sempre achava que ainda não era a hora certa. Mas, é claro, nunca seria a hora certa.

* * *

Lembro que, depois que perdi meu pai, por um tempo a morte dele foi ao mesmo tempo real e irreal na minha cabeça. Por muitas semanas eu ainda conseguia evocá-lo no meu dia a dia. Imaginava meu pai caminhando, todo suado, depois de aparar a grama. Ele tentava me abraçar, mas eu me afastava, porque já naquela época tinha pavor de suor.

Ou então eu estava deitada de bruços na cama, lendo um livro, quando olhava para a porta fechada e imaginava meu pai a abrindo, entrando no meu quarto e se ajoelhando para me dar um beijo na cabeça.

Mas com o tempo foi ficando cada vez mais difícil evocá-lo, sentir seu cheiro, imaginá-lo me pegando no colo. Meu pai morreu de repente, mas também morreu ao longo dos anos. E, anos depois, ainda estava morrendo — o que significava, acho, que ele também ainda estava vivendo.

As pessoas sempre falam como se houvesse uma linha bem definida entre a imaginação e a memória, mas não é assim, ao menos não para mim. Eu me lembro de coisas que imaginei e imagino coisas de que me lembro.

* * *

Passava do meio-dia quando finalmente mandei uma mensagem para Davis:

Eu: Precisamos conversar. Você pode passar aqui em casa hoje?

Ele: Não tem ninguém para ficar com o Noah. Você pode vir pra cá?

Eu: Tem que ser a sós.

Queria que fosse escolha de Davis contar ou não ao irmão o destino do pai.

Ele: Passo aí às cinco e meia.

Eu: Obrigada. Até mais tarde.

* * *

O dia seguiu numa lentidão dolorosa. Tentei ler, trocar mensagens com Daisy, ver TV, mas nada fazia o tempo passar mais rápido. Eu não sabia se a vida seria melhor se ficasse congelada naquele momento ou se pulasse para o momento que estava por vir.

Às quatro e quarenta e cinco, eu estava lendo na sala enquanto minha mãe organizava as contas.

— Davis vai dar uma passadinha aqui — avisei a ela.

— Tudo bem. Eu tenho que dar uma saída mesmo. Quer alguma coisa do mercado?

— Não.

— Está se sentindo ansiosa?

— Será que a gente pode combinar de eu mesma dizer quando estiver preocupada com a minha saúde mental, em vez de você ficar perguntando?

— É impossível eu não me preocupar, querida.

— Eu sei, mas também é impossível não sentir a sua preocupação pesando no meu peito.

— Vou tentar.

— Obrigada, mãe. Te amo.

— Também te amo. Muito.

* * *

Zapeei pelos infinitos canais de TV, nenhum deles muito interessante, até ouvir a batida de Davis à porta, suave e insegura.

— Oi — falei, dando um abraço nele.

— Oi.

Indiquei o sofá.

— Como você está? — perguntou ele.

— Escuta. É seu pai, Davis. Eu sei o que é a boca do corredor. É onde o Pogue's Run desemboca, naquele projeto inacabado da empresa dele.

Davis pareceu abalado por um momento.

— Tem certeza disso?

— Quase certeza — respondi. — Acho que ele pode estar lá embaixo. Daisy e eu estávamos lá ontem à noite e…

— Você o viu?

— Não. Mas veja, Pogue's *Run*, corrida, corredor. A boca do corredor. Faz sentido.

— Aquilo era só uma anotação no celular dele. Você acha que ele está lá embaixo esse tempo todo? Se escondendo no esgoto?

— Talvez — respondi. — Mas… Bem, não sei.

— O quê?

— Não quero assustar você, mas é que sentimos um cheiro ruim, muito ruim mesmo, vindo lá de baixo.

— Pode ser qualquer coisa — retrucou ele, mas era nítido o medo em seu rosto.

— Sim, claro, pode ser qualquer coisa.

— Eu nunca pensei que… Nunca me permiti considerar que ele poderia… — A voz dele falhou antes de concluir a frase. O choro que finalmente brotou de Davis foi como o céu se abrindo. Ele praticamente desabou em cima de mim, no sofá, e o abracei. Senti os soluços sacudirem seu corpo. Não era apenas Noah que sentia falta do pai. — Meu Deus, ele está morto, não é?

— Não tem como saber isso — falei.

Mas no fundo ele já sabia. Havia uma razão para não terem encontrado nenhum rastro de Pickett e para ele não ter tentado se comunicar: estava morto o tempo todo.

Davis se deitou, e eu me deitei com ele, nós dois mal cabendo no sofá velho. Ele repetia *o que eu faço agora, o que eu faço agora*, a cabeça apoiada no meu ombro. Talvez tivesse sido um erro contar a ele. *O que eu faço agora?*, repetiu Davis outra vez, e mais outra, implorando.

— Agora você segue em frente — falei. — Vocês ainda têm sete anos. Não importa o que realmente aconteceu, para todos os efeitos ele vai continuar

oficialmente vivo por sete anos, e vocês vão ficar com a casa e tudo o mais. É tempo suficiente para reconstruir uma vida, Davis. Sete anos atrás a gente ainda nem se conhecia, já pensou nisso?

— Não temos ninguém agora — murmurou ele.

Eu queria poder dizer que ele tinha a mim, que podia contar comigo, mas não era verdade.

— Você tem seu irmão.

Ele desabou no choro de novo, e ficamos aconchegados um no outro por um bom tempo. Quando minha mãe chegou, com as compras, demos um pulo, embora não estivéssemos fazendo nada de mais.

— Desculpa interromper — disse minha mãe.

— Eu já estava de saída — disse Davis.

— Não precisa ir — dissemos minha mãe e eu ao mesmo tempo.

— Na verdade, preciso, sim. — Davis me abraçou. — Obrigado — sussurrou, embora eu não achasse que tinha feito favor algum a ele.

Davis parou na porta por um segundo e se virou, olhando para nós duas juntas, minha mãe e eu, aparentemente um retrato da felicidade familiar. Achei que ele fosse falar alguma coisa, mas apenas acenou, tímido e constrangido, e foi embora.

* * *

Foi uma noite calma no lar das Holmes. Uma noite como qualquer outra. Eu me ocupei com um trabalho de história, sobre a Guerra de Secessão. Lá fora, o dia — que nunca chegara a ficar particularmente claro — deu lugar à escuridão. Avisei à minha mãe que ia dormir, vesti o pijama, escovei os dentes, troquei o band-aid que protegia a casquinha da ferida no meu dedo, me enfiei na cama e mandei uma mensagem para Davis.

Eu: Oi.

Como ele não respondeu, escrevi para Daisy:

Eu: Falei com Davis.

Ela: Como foi?

Eu: Não muito bem.

Ela: Quer que eu vá aí?

Eu: Quero.

Ela: Saindo.

* * *

Uma hora depois, Daisy e eu estávamos deitadas lado a lado na minha cama, cada uma com seu computador na barriga. Eu estava lendo a nova história de Ayala. Toda vez que eu ria de alguma coisa, Daisy perguntava o que era. Depois que terminei, ficamos deitadas sem fazer nada, olhando para o teto.

— Bem — disse Daisy —, no fim até que deu tudo certo.

— Como assim?

— Ué, nossas heroínas ficaram ricas e ninguém saiu machucado.

— *Todo mundo* saiu machucado — retruquei.

— Ninguém saiu machucado *fisicamente*.

— Eu tive uma lesão no fígado!

— Ah, é verdade. Tinha esquecido isso. Pelo menos ninguém morreu.

— Harold morreu! E talvez Pickett também!

— Holmes, quer me deixar ter um final feliz? Você está estragando tudo.

— Sou muito Ayala mesmo.

— *Muito* Ayala.

— O problema dos finais felizes é que ou não são realmente felizes, ou não são realmente finais, sabe? Na vida real, algumas coisas melhoram e outras pioram. E aí a gente morre.

Daisy riu.

— Aza E Aí A Gente Morre Holmes está sempre a postos para nos lembrar como a história realmente termina: com a extinção da nossa espécie.

Eu ri.

— Poxa, mas esse é o único final definitivo.

— Não, não é, Holmes. A gente escolhe os nossos finais e os nossos começos. Podemos escolher a moldura, sabe? A gente pode até não decidir o que aparece na foto, mas a moldura é a gente que decide.

* * *

Davis não respondeu à minha mensagem, nem à outra que mandei alguns dias depois. Mas atualizou o blog.

“E, tal qual a construção infundada dessa visão, / as torres, cujos topos deixam-se cobrir pelas nuvens,

e os palácios, maravilhosos, / e os templos, solenes, e o próprio Globo, grandioso, / (…) e todos os que o receberem por herança se esvanecerão / (...) nada deixará para trás um sinal, um vestígio.”

— William Shakespeare

Eu entendo que nada dura para sempre. Mas por que eu tenho que sentir tanta falta de todos?

VINTE E QUATRO

Um mês depois, assim que o recesso de Natal terminou, acordei cedo um dia e servi duas tigelas de cereal, uma para minha mãe, outra para mim. Estava comendo em frente à TV quando ela desceu, ainda de pijama, agitada.

— Estou muito muito muito atrasada — falou. — Exagerei no soneca do alarme.

— Preparei seu café da manhã.

— Cheerios já vem pronto — disse ela, sentando-se ao meu lado no sofá.

Dei uma risada enquanto ela comia algumas colheradas e corria para se vestir. Sempre um turbilhão de movimentos, essa minha mãe.

Quando olhei de novo para a TV, o telejornal anunciava uma notícia urgente. Um repórter estava parado ao portão da mansão dos Pickett. Procurei o controle remoto e aumentei o volume.

— Fontes asseguram que, apesar de a identidade não ter sido confirmada, as autoridades dão como certo que o corpo encontrado em um túnel secundário do Pogue's Run é do bilionário e magnata imobiliário Russell Davis Pickett. Uma fonte que acompanhou de perto as investigações declarou ao *Eyewitness News* que a provável causa da morte foi hipotermia, poucos dias após o desaparecimento. Não obtivemos confirmação oficial, mas, segundo várias fontes, o corpo foi descoberto depois de uma denúncia anônima.

Mandei uma mensagem para Davis na mesma hora.

Eu: Acabei de ver na TV. Lamento muito, Davis. Sei que já cansei de dizer isso, mas sinto muito mesmo.

Ele não respondeu de imediato, então acrescentei:

Eu: Quero que você saiba que não fui nem eu nem a Daisy quem avisou à polícia. Nunca contamos nada a ninguém. É sério.

Vi o "digitando…".

Ele: Eu sei. Fomos nós. Noah e eu decidimos juntos.

Minha mãe entrou na sala, colocando os brincos enquanto calçava os sapatos.

Ela provavelmente havia escutado parte da notícia, porque disse:

— Aza, você devia falar com o Davis. Hoje vai ser um dia bem difícil para ele.

— Acabei de mandar uma mensagem. Foram eles, Davis e o irmão, que avisaram à polícia onde procurar.

— Caramba, dá pra acreditar que todos os bens deles vão para um lagarto?

Eles poderiam ter esperado sete anos, pelo menos, para que Pickett fosse declarado morto. Mais sete anos naquela casa, mais sete anos tendo o que quisessem. Mas tinham decidido permitir que tudo fosse para o tuatara.

— Acho que eles não conseguiriam deixar o pai lá — opinei. — Talvez eu não devesse ter contado ao Davis.

No fim das contas, aquilo tudo era culpa minha. Um calafrio de pavor percorreu meu corpo. Eu havia forçado Davis e Noah a escolher entre abandonar o pai ou as próprias vidas.

— Não seja cruel consigo mesma — disse minha mãe. — É claro que saber a verdade importava mais para eles do que a casa. Além disso, Davis não vai morar debaixo da ponte, Aza.

Tentei pensar daquela forma, mas não dava para ignorar aquele sentimento que brotara em mim. Por um momento, tentei resistir, mas só por um momento. Tirei o band-aid e cravei a unha no calo, abrindo um novo corte onde o anterior havia enfim cicatrizado.

Enquanto eu lavava o dedo e colocava outro band-aid, me encarei no espelho do banheiro. Eu sempre seria daquele jeito, sempre teria aquilo dentro de mim. Não havia como vencer. Eu nunca mataria o dragão, porque o dragão era parte de mim. Estava presa à minha doença pelo resto da vida.

Então me lembrei da citação de Frost no blog de Davis: “Posso resumir em três palavras tudo o que aprendi sobre a vida: a vida continua.”

E nós continuamos também, quando a corrente está a nosso favor e também quando não está. Ou ao menos foi isso que sussurrei mentalmente para mim mesma. Antes de sair do banheiro, mandei outra mensagem para ele.

A gente pode se ver um dia desses?

Vi o “digitando…” aparecer, mas a resposta nunca veio.

— Temos que ir — chamou minha mãe.

Abri a porta do banheiro, peguei um casaco e um gorro de lã no cabideiro e fui até a garagem gelada. Passei os dedos por baixo do portão, o ergui e me acomodei no banco do carona, enquanto minha mãe terminava de tomar café. Continuei olhando para o celular, esperando uma resposta. Apesar do frio, eu

suava, o suor encharcando o gorro. Pensei em Davis ouvindo o próprio nome nos jornais de novo. *Você continua*, falei para mim mesma, e tentei dizer isso a ele mentalmente.

* * *

Os meses se passaram, e a vida continuou. Melhorei, sem nunca chegar a uma cura. Daisy e eu criamos um Grupo de Apoio à Saúde Mental e uma Oficina de Fanfics, que poderíamos aproveitar para incluir na lista de atividades extracurriculares para nossas candidaturas às universidades, no ano seguinte, embora fôssemos os únicos membros dos dois clubes. Nos encontrávamos quase toda noite, na casa dela, na minha ou no Applebee's, às vezes com Mychal, mas normalmente só nós duas mesmo. Víamos filmes, fazíamos o dever de casa ou só conversávamos. Era muito fácil "sair para o prado" com ela.

Eu sentia falta de Davis, é claro. Nos primeiros dias, não parava de olhar o celular, esperando que ele respondesse, mas aos poucos compreendi que éramos parte do passado um do outro. Só que a saudade permanecia. Assim como a saudade que eu tinha do meu pai. E de Harold. Eu sentia falta de todos. Estar vivo é sentir saudade.

* * *

Então, numa noite de abril, Daisy e eu estávamos na minha casa assistindo a uma premiação de música de quinta categoria em que nossa banda preferida se reunira para uma única apresentação. Eles haviam acabado de fazer um playback impecável de "It's Gotta Be You" quando alguém bateu à porta. Eram quase onze da noite, tarde demais para visitas, e senti um arrepio de nervosismo quando fui atender.

Era Davis, com uma camisa xadrez e jeans skinny. Trazia uma caixa enorme.

— Hã… Oi — falei.

— Para você — disse ele, me entregando a caixa, que não era tão pesada quanto parecia.

Levei para dentro e a coloquei na mesa de jantar. Quando me virei de novo, Davis já estava indo embora.

— Espera. Vem cá — chamei, estendendo a mão.

Fomos para o quintal. O nível do rio estava alto, o ruído das águas agitadas nos alcançando na escuridão. Eu me deitei no chão, sob um freixo grande, e senti

o ar cálido em meus antebraços nus. Davis se deitou ao meu lado, e mostrei a ele o céu que eu via da minha casa, todo fragmentado pelos galhos que apenas começavam a se revestir de folhas.

Davis me contou que ele e o irmão iam morar no Colorado, onde Noah havia sido aceito num colégio interno para adolescentes problemáticos. Davis concluiria o ensino médio numa escola pública. Eles alugaram uma casa.

— É menor que a nossa, mas, olhando pelo lado bom, não tem nenhum tuatara.

Ele me perguntou como eu estava. Contei que me sentia bem na maior parte do tempo, que as consultas com a dra. Singh haviam passado a ser mensais.

— Quando você vai embora? — perguntei.

— Amanhã.

Isso fez a conversa morrer. Quebrei o silêncio um minuto depois:

— Mas então, o que eu estou vendo lá em cima?

Ele deu uma risadinha.

— Bem, ali está Júpiter, isso é fácil. Brilhando muito hoje. E ali está Arcturo. — Ele se contorceu um pouco para se virar e apontou para outro lado. — E lá está a Ursa Maior. E se a gente traçar uma linha na direção daquelas duas estrelas, bem ali, aquela é a Estrela Polar, ou Estrela do Norte.

— Davis, por que você contou à polícia?

— Porque o vazio de não saber o que aconteceu estava corroendo Noah. Percebi que… Acho que eu entendi que tinha um papel a cumprir como irmão mais velho, sabe? Esse é o meu papel em tempo integral agora. É isso que eu sou. E Noah simplesmente precisava saber por que o pai não tinha entrado em contato com ele. Ele precisava disso mais do que de todo aquele dinheiro. Então, foi o que fizemos.

Apertei a mão dele, tentando reconfortá-lo.

— Você é um bom irmão.

Davis assentiu. À meia-luz, notei que ele estava chorando um pouquinho.

— Obrigado — respondeu ele. — Eu queria ficar aqui, neste momento, por muito, muito tempo.

— Sei como é.

Um silêncio confortável nos envolveu, e senti a magnitude do céu acima de mim, a vastidão inimaginável de tudo aquilo — olhar para a Estrela Polar e perceber que a luz que eu via tinha quatrocentos e vinte e cinco anos, depois olhar para Júpiter, a menos de uma hora-luz de nós. Na escuridão daquela noite sem lua, éramos só testemunhas da luz, e tive um vislumbre de compreensão do que provavelmente tanto atraía Davis na astronomia — certo alívio em se confrontar com a própria pequenez. Então me dei conta de algo que ele já devia

saber: as espirais vão se fechando até o infinito quanto mais mergulhamos nelas, mas também se ampliam até o infinito à medida que saímos.

Foi quando eu soube que me lembraria para sempre do que senti naquele momento, sob o céu fragmentado, quando a máquina do destino ainda viria a aterrar nossos caminhos, quando ainda havia tantas possibilidades.

Pensei, deitada sob aquele freixo, que provavelmente amaria Davis pelo resto da vida. Nós nos amávamos de verdade — mesmo que nenhuma declaração tivesse sido feita, mesmo que não estivéssemos imersos no amor, mas era o que eu sentia. Eu o amava, e pensei: talvez nunca mais o veja, e sempre sentirei saudade, e isso não é terrível?

* * *

Mas nem é algo terrível, porque eu conheço o segredo que a Aza deitada sob aquele céu jamais poderia imaginar: sei que aquela garota continuaria, cresceria, teria filhos e os amaria. Que, apesar de amá-los, em algum momento ficaria doente e não poderia cuidar deles, seria hospitalizada, se recuperaria, depois ficaria doente de novo. Sei que um terapeuta lhe diria: “Escreva, escreva como chegou até aqui.”

E você faria isso, e, ao escrever, perceberia que amar não é uma tragédia ou um fracasso, mas um presente.

Você se lembra do seu primeiro amor porque os primeiros amores mostram — provam — que você pode amar e ser amada, que nada nesse mundo é merecido exceto o amor, que o amor é ao mesmo tempo como e por que você se torna uma pessoa.

* * *

Mas sob esses céus, com sua mão — não, minha mão — não, nossa mão — na dele, você ainda não sabe. Não sabe que o quadro da espiral está naquela caixa na sua mesa de jantar, com um post-it colado na parte de trás da moldura: *Roubei isso de um lagarto para você. D.* Você ainda não tem como saber que aquele quadro vai acompanhá-la de um apartamento para outro, e finalmente para uma casa; nem que, décadas depois, vai ter muito orgulho por Daisy continuar sendo sua melhor amiga, que seguir vidas diferentes só tornou as duas ainda mais leais uma à outra. Você não sabia que cursaria uma faculdade, que teria um emprego, que construiria sua vida, e que veria essa vida se desconstruir e se reconstruir.

Eu, pronome pessoal no singular, continuaria seguindo em frente, mesmo que sempre numa oração condicional.

Mas você ainda não sabe nada disso. Apertamos a mão dele com carinho. Ele retribui o gesto e aperta a nossa. Vocês olham para o mesmo céu, juntos, e enfim ele diz: *Tenho que ir*. E você responde: *Até logo*. E ele diz: *Até logo, Aza*. E ninguém nunca diz até logo a menos que queira ver a pessoa novamente.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, gostaria de agradecer a Sarah Urist Green, que leu muitas, muitas, muitas versões desta história com consideração e generosidade imensas. Agradeço também a Chris e Marina Waters; a meu irmão, Hank, e minha cunhada, Katherine; a meus pais, Sydney e Mike Green; a meus sogros, Connie e Marshall Urist; e a Henry e Alice Green.

Julie Strauss-Gabel já é minha editora há mais de quinze anos, e nunca serei capaz de expressar minha gratidão pela fé e pela sabedoria que ela demonstrou nos seis anos em que trabalhamos juntos neste livro. Obrigado também a Anne Heausler, pela gentil e controversa preparação de originais, e a toda a equipe da Dutton, especialmente Anna Booth, Melissa Faulner, Rosanne Lauer, Steve Meltzer e Natalie Vielkind.

Sou profundamente grato a Elyse Marshall, amiga, relações-públicas, confidente e companheira de viagem, e a todos da Penguin Random House que ajudaram a criar meus livros e a levá-los aos leitores. Quero agradecer em especial a Jen Loja, Felicia Frazier, Jocelyn Schmidt, Adam Royce, Stephanie Sabol, Emily Romero, Erin Berger, Helen Boomer, Leigh Butler, Kimberly Ryan, Deborah Kaplan e Lindsey Andrews. Obrigado também a Don Weisberg e à brilhante Rosianna Halse Rojas, cujas percepções e orientações estão em todas as páginas deste livro.

Ariel Bissett, Meredith Danko, Hayley Hoover, Zulaiha Razak e Tara Covais Varsov leram rascunhos do manuscrito com grande cuidado e atenção. Joanna Cardenas garantiu inestimáveis percepções e opiniões. E, por todo tipo de ajuda, agradeço a Ilene Cooper, Bill Ott, Amy Krouse Rosenthal, Rainbow Rowell, Stan Muller e Marlene Reeder.

Jodi Reamer e Kassie Evashevski, agentes extraordinários, são os melhores parceiros que um autor poderia esperar — e os mais pacientes. Agradeço a Phil Plait pela ajuda com a astronomia; a E.K. Johnston pela consultoria sobre *Star Wars*; a Ed Yong por seu livro *I Contain Multitudes*; a David Adam por seu livro

O homem que nunca conseguia parar; a Elaine Scarry por seu livro *The Body in Pain*; a Stuart Hyatt por me apresentar ao Pogue's Run; e a James Bell, Michaela Irons, Tim Riffle, Lea Shaver e Shannon James, pelas informações sobre questões jurídicas. Dito isso, ressalto que a geografia, as leis, os conversores de energia, o céu noturno e tudo o mais neste romance são imaginados e abordados de forma fictícia. Qualquer erro técnico é de responsabilidade inteiramente minha.

Por fim: a dra. Joellen Hosler e o dr. Sunil Patel tornaram minha vida imensuravelmente melhor ao me garantir tratamento de alta qualidade à saúde mental, o que, infelizmente, permanece fora do alcance de muitos. Minha família e eu somos gratos.

Pode ser um caminho longo e difícil, mas os transtornos mentais são tratáveis. Há esperança, mesmo que seu cérebro lhe diga que não.

SOBRE O AUTOR



© Marina Waters

JOHN GREEN, autor de *A culpa é das estrelas*; *Quem é você, Alasca?*; *Cidades de papel* e *O Teorema Katherine*, é um dos escritores contemporâneos mais queridos pelo público, com mais de 4,5 milhões de livros vendidos no Brasil. Citado pela revista *Time* como uma das cem pessoas mais influentes do mundo, mora com a família em Indianápolis, nos Estados Unidos.

Junte-se aos mais de 5 milhões de seguidores do autor no Twitter: @johngreen

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DO AUTOR NO LELIVROS



A culpa é das estrelas



O Teorema Katherine



Cidades de papel

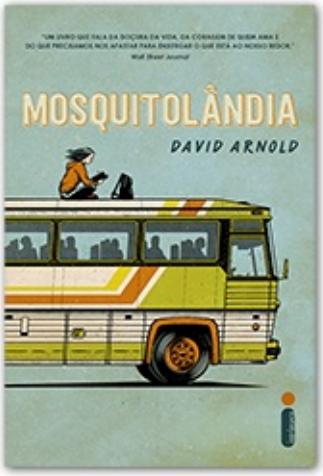


Quem é você, Alasca?

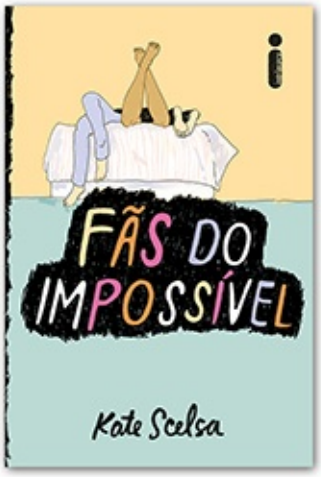
LEIA TAMBÉM



Jogo de espelhos
Cara Delevingne



Mosquitolândia
David Arnold



Fãs do impossível
Kate Scelsa



O lado bom da vida
Matthew Quick